

MARAÍSA LOPES

**FOLHA DE S. PAULO:  
DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS ACERCA DA GUERRA DO IRAQUE**

UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem

2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

L881f	<p>Lopes, Maraísa.          Folha de S.Paulo: da produção de sentidos acerca da Guerra do Iraque / Maraísa Lopes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador : Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer.          Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Análise do discurso. 2. Discurso jornalístico. 3. Folha de São Paulo (Jornal). 4. Polarização. 5. Iraque, Guerra do, 2003. I. Pfeiffer, Cláudia Regina Castellanos. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">tjj/iel</p>
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Título em inglês: Folha de S.Paulo: meaning production processes on Iraq War.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Discourse analysis; Journalistic discourse; Folha de S. Paulo (Journal); Polarization; Iraq War.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer (orientadora), Profa. Dra. Telma Domingues da Silva, Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias, Profa. Dra. Suzy Lagazzi-Rodrigues (suplente), Profa. Dra. Sheila Elias Oliveira (suplente).

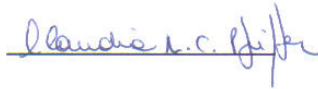
Data da defesa: 27/02/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

## BANCA EXAMINADORA:

Cláudia Regina Castellanos Pfeiffer



Telma Domingues da Silva



Cristiane Pereira Dias



Suzy Maria Lagazzi Rodrigues



Sheila Elias de Oliveira



Para eles, que ao me conceberem,  
mergulharam-me no *mundo da linguagem* e  
corroboraram minha possibilidade de ser  
*sujeito: Solange e Marcos.*

Para ele, que compartilha, comigo, um real  
próprio da vida, estranho à unissonância  
lógica: *Rodrigo.*

Agradeço:

À Profa. Dra. *Claudia Regina Castellanos Pfeiffer*, por meu *primeiro passo* rumo à Unicamp, pela acolhida e incentivo.  
 Por todas as nossas discussões, por possibilitar meu contato com a *Análise de Discurso e História das Idéias Lingüísticas* e mais, por acreditar em meu *deslizamento* teórico.  
 Por mostrar-me *lugares* dos quais falo, hoje, com paixão.  
 Orientadora fascinante, pessoa de brilho intenso, pesquisadora consciente e cuidadosa, pessoa terna, carinhosa, admirável!  
 Em meu *muito obrigada*, busque os sentidos para além do *já-lá!*

À Profa. Ms. *Elizabeth Eboli de Mello*, da Universidade de Mogi das Cruzes, por me apresentar ao atraente mundo dos Estudos da Linguagem.  
 Minha primeira orientadora, aquela que sempre encerrará meu carinho e gratidão por ter estado ao meu lado, competente, paciente e afetosamente, durante meu *engatinhar* no universo da Pesquisa Científica.

À Profa. Dra. *Doroti Maroldi Guimarães*, por ter sido *louca* o bastante para me convidar para trabalharmos juntas!  
 Pessoa que me ensinou coisas sobre nossa profissão e sobre a vida!  
 Alguém que, na presença ou na ausência, me incentiva a caminhar rumo aos meus objetivos.  
 Minha sincera admiração, carinho, amizade e profundo agradecimento.

Às minhas professoras primárias: *Rosinha e Luzia* ...  
 .. pela base fundamental...  
 .. pelo carinho maternal!

À *Profa. Rita de Cássia*,  
 pelo primeiro contato mais formal com a Língua Portuguesa,  
 por me ensinar a beleza das Letras,  
 por ter me inspirado a ser uma amante das línguas...

Aos *professores do SESI 079*,  
 por crescerem muito à minha formação...  
*Dirlei e Zé Roberto*,  
 como aprendi com vocês!

Aos *professores da ETE Júlio de Mesquita*,  
 como foram importantes cada uma de suas palavras ...  
 ... portas para um lançar-se à vida real!

*Vera, Roberto, Zé Maria, Márcia, Val, Neusa, Sandra e Beth...*  
 ...muito obrigada pelas *Letras e Estudos da Linguagem...*

*Zé, Michele, Aline e Mariane...* meus companheiros de estudo...  
 ... jamais esquecerei Mogi das Cruzes e os anos de 2002, 2003, 2004 e 2005...

*Ana Luíza, Ana Claudia, Carol, Michele e Kátia...*  
 ... meninas, agradeço-lhes enormemente pelo incentivo carinhoso que me deram em  
 meus primeiros dias de aula como *Especial...*

À *Greciely*,  
 Menina doce, analista de discurso apaixonada!  
 Muito obrigada por ter sido uma das pilastras nas quais pude me amparar durante meu  
*deslizamento* teórico, minha escrita e re-escrita de projeto e por muitos e muitos outros  
 momentos...

Ao *Renato e à Giovanna*,  
 Parceiros de orientação, reuniões...  
 e risadas!  
 ... olhar das Letras e olhar do Jornalismo.  
 Muito contribuíram para o desenvolvimento  
 deste trabalho!

Leandro, Rachel, Bia, Rosângela, Guilherme, Simão, Gorette...  
 ... companheiros de inquietação frente à linguagem!  
 Obrigada pelos dizeres, pelas sacadas...

*Gel,*

... como já dizia Aristóteles, amigos são uma única alma que vivem em dois corpos!

Aos de casa: *Marcos, Solange, Junior...*  
 ... adaptando a frase de Thomas Jefferson:  
*Os momentos mais felizes da minha vida  
 foram aqueles, poucos, que pude passar  
 em nossa casa, com vocês!*  
 ... obrigada pelo amor, compreensão,  
 incentivo, dedicação e força!  
*Mãe...*  
 ... obrigada por me conhecer pelo olhar!  
*Pai...*  
 ... poucas são as palavras, no entanto,  
 como são carregadas de sentidos!  
*Juh...*  
 ... parte do meu coração!

*Ao Rodrigo,*  
 Pessoa que me fez compreender a  
 necessidade de sermos, sempre, um *texto  
 incompleto*, com (uma) *memória* e (um)  
*dever*... um *texto* a ser (re)significado pela  
 leitura do outro... a ser interpretado...  
 Mozart já dizia que *para fazer uma obra de  
 arte não basta ter talento, não basta ter  
 força, é preciso também viver um grande  
 amor...*  
 ... muito obrigada pelos múltiplos sentidos  
 que jogam em nosso relacionamento:  
 amor, paixão, amizade, companheirismo,  
 compreensão, incentivo...  
 ... muitos, muitos  
 outros....

*À minha avó,*  
 ... pela paciência!

Ao meu tio,  
... pela memória de um passado...

Aos meus alunos,  
Grandes interlocutores!  
Ao depositarem confiança em mim,  
mal sabiam eles o quanto me instigavam  
a estudar mais e mais...

Ao Grupo de Pesquisa *Linguagem e Educação*,  
Meus Meninos! Meus Mosqueteiros!  
Como é importante tê-los ao meu lado!  
Mesmo que lançados à incerteza, a empolgação de vocês  
em conhecer a AD, me faz, cada dia mais, mergulhar nessa disciplina...

À *Instituição de Ensino Santa Izildinha*,  
À *Faculdade Santa Izildinha*,  
Pelo *maternal* respeito à minha pesquisa,  
Pelo apoio dado ao meu aperfeiçoamento profissional e intelectual,  
Pelas oportunidades, ou melhor, pelas *portas* que me foram *abertas!*

Ao Prof. Ms. *Aparecido dos Santos*,  
Diretor Geral da Faculdade Santa Izildinha,  
A sagacidade em pessoa!  
Com seu ar austero me fez aprender a enfrentar situações complicadas!  
Com seu arrojo, me faz ver o quão importante é dizer um sim, quando todos receiam e dizem não...  
Com suas palavras de confiança, me faz semestre a semestre, turma a turma, ano a ano, mudança a mudança, crescer pessoal e profissionalmente...

Ao Prof. Ms. *Antonio Carlos de Souza*,  
Coordenador do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Assessoria  
da Faculdade Santa Izildinha,  
por todas as conversas que temos,  
por tantas palavras que me fizeram compreender coisas que  
demoraria muito para perceber,  
por me ajudar (e muito!) a trilhar o caminho da Pesquisa.

À *Profa. Dra. Hiloko Ogihara Marins*,  
pelos muitos conselhos profissionais,  
pela percepção e compreensão de meus pensamentos,  
pelo carinho, por todos os ensinamentos!



Ao Prof. Ms. João da Silva Ribeiro Neto,  
 que me encanta com suas conversas poéticas!  
 Pessoa de inteligência e refinamento únicos.  
 Obrigada por dividir comigo algo que é seu por direito!  
 Agradeço pelas vibrações por minhas vitórias e por compartilharmos um sonho quanto  
 à Educação...  
 "É pelo Sonho que vamos  
 comovidos e mudos.  
 Chegamos? Não chegamos?  
 Haja ou não frutos  
 é pelo Sonho que vamos."  
 (Sebastião da Gama)

Ao Zé, Luly, Felipe e Cleide,  
 Sempre prontos para ajudar-me ou dar-me *aquela* palavra-amiga!

*Sílvio e Hivana...*  
 Quero tê-los como meus *interlocutores* para todo sempre!  
 Pessoas que carrego em meu coração, mais que colegas de trabalho, amigos que  
 conquistei!

Aos Colegas de 'Santa Izildinha',  
 Muito obrigada por torcerem por mim e compartilharem comigo minhas angústias e  
 felicidades durante esse processo.

*Rita Arantes e Elizandra,*  
 Obrigada por compartilharem comigo a existência de dificuldades e vitórias durante o  
 processo do Mestrado. Assim, pude perceber que a *estrutura* é a mesma, o que muda  
 são os *acontecimentos*.

Aos Professores do IEL:  
*Sírio,*  
 Pelo comedimento e pelo furor intelectual...  
*Raja,*  
 Por transportar-nos a outras esferas do pensamento...  
*Carol,*  
 Pela inquietude que cativa e provoca questionamentos...  
*Mónica,*  
 Por toda a didática, pelo modo astuto de direcionar nosso olhar para outros caminhos...

*Eni,*

Por ser uma *lição* viva!

Por todo o furor teórico causado em suas aulas e a partir de suas leituras. Pela simplicidade. Pela possibilidade de sentir a emoção em meio a um mundo pautado pela seriedade acadêmica. Por suas palavras, que sempre ressoam em minha memória!

À *Profa. Dra. Suzy Lagazzi-Rodrigues*,  
pelas oportunidades interessantes de ouvi-la.  
Pela participação fundamental em minha Banca de Qualificação e,  
principalmente, pela leitura de meu trabalho ainda em uma  
versão 'Prometeu Moderno', à la Mary Shelley.

À *Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias*,

a quem conheci primeiro como *Cris* e depois passei também a admirar como pesquisadora.

Muito obrigada pela leitura cuidadosa do meu texto e por sua participação preciosa em minha Banca de Qualificação.

Às Profas. *Dra. Telma Domingues da Silva, Dra. Sheila Elias Oliveira,*  
*Dra. Suzy Lagazzi e Dra. Cristiane Dias*,  
pela composição da minha Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado.

À *Kitty*, ou formalmente, à Prof<sup>a</sup> *Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira*, da UFRGS,  
Pela atenção e pelos comentários feitos durante o desenrolar de meu trabalho!

Aos funcionários do IEL, do Labeurb e do CEDU.

E a todos aqueles que acabaram por colaborar, direta ou indiretamente, para a realização deste estudo...

... meu muito obrigada!

*Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. (Karl Marx)*

## RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa e investe na compreensão de como a Guerra do Iraque se torna notícia ou quais/como os processos discursivos sustentam a configuração de fatos enquanto notícias, uma vez que não há uma relação evidente entre linguagem/ mundo. E mais especificamente, buscamos compreender os processos de produção de sentidos em jogo no discurso do jornal *Folha de S.Paulo* acerca da Guerra do Iraque, nas notícias publicadas no Caderno Mundo, no período de 19 de Março de 2003 a 10 de Abril de 2003. Partimos do pressuposto da Análise de Discurso de que todo discurso é constituído ideologicamente e, portanto, o caráter de neutralidade do discurso jornalístico é ilusório (ORLANDI, 2003). Além disso, trabalhamos com a compreensão de que a constituição da instituição 'jornal' se dá em uma relação com um 'poder dizer' marcado pela censura (MARIANI, 1999). Essa relação instaura uma memória discursiva no funcionamento da instituição jornalística. Nosso dispositivo teórico repousa nas noções correntes da AD, mais propriamente, naquelas postuladas por Pêcheux, Henry, Guilhaumou, Maldidier, Orlandi e, recorreremos a Mariani e Silva para tangenciar as questões relativas ao discurso jornalístico. Compreendemos em nossa pesquisa as condições de produção do conflito no Iraque e as de sua textualização na Folha de S.Paulo. A constituição das posições-sujeito a partir das quais as notícias são produzidas também foi foco de nossa investigação; no trabalho com nosso material, nos deparamos com as posições-sujeito jornalistas no Brasil e jornalistas fora do Brasil, lugares que nos permitiram compreender diferentes funcionamentos quanto às regularidades nos textos estudados e mais, duas posições a partir das quais se enuncia – o superficialmente favorável às ações dos EUA e o superficialmente contrário a essas ações. Pensar o discurso jornalístico impõe que pensemos também uma questão de memória, um já dito que constitui todo o dizer; nas notícias analisadas nota-se um trabalho de atualização dos acontecimentos da Guerra do Golfo, das Cruzadas, das Guerras Imperialistas e das Missões, além disso, a presidência de Bush Pai e sua relação com o filho são retomadas. Ainda debruçamo-nos sobre o modo como a Guerra e seus participantes – Bush, Saddam e os civis de ambos os países – são significados; nesse trabalho, compreendemos um forte batimento entre bem x mal. Considerando todos os efeitos de sentido observados em nossa pesquisa, compreendemos uma forte polarização entre EUA x Iraque criada, ou melhor, reiterada pela produção da *Folha de S. Paulo*.

Palavras-chave: análise de discurso, discurso jornalístico, Folha de S. Paulo, Guerra do Iraque, polarização.

## ABSTRACT

This research is based on the perspective of the French discourse analysis and invests on the understanding of how the Iraq War becomes news or what / how the discursive processes support the configuration of facts as news, since there is no clear relation between language/ world. And more specifically, we try to understand the processes of meaning production in *Folha de S. Paulo* discourse on Iraq War, through the news published in the *Caderno Mundo*, in the period from March, 19th 2003 to April, 10th 2003. We work on the discourse analysis assumption that all discourse is constituted ideologically and, therefore, the character of neutrality in the journalistic discourse is illusory (ORLANDI, 2003). Moreover, we deal with the comprehension that the establishment of the institution 'newspaper' occurs in relation to 'what can be said' marked by the censorship (MARIANI, 1999). This relationship establishes a discursive memory to the functioning of the journalistic institution. Our theoretical dispositive is based on the current concepts of DA, more specifically, those proposed by Pêcheux, Henry, Guilhaumou, Maldidier, Orlandi, and, we also appeal to Mariani and Silva to touch the issues related to the journalistic discourse. It was possible to understand through our research the production conditions of the conflict in Iraq and those of its textualization in the *Folha de S. Paulo*. The constitution of subject-positions from which the news is produced was also the focus of our investigation; working with our material, we faced the subject-positions *journalists in Brazil* and *journalist out of Brazil*, places that have enabled us to understand different functioning to what is concerned to the regularities in the texts studied and more, two positions from which the utterances are made - the superficially favorable to U.S. actions and the superficially opposed to such actions. Thinking the journalistic discourse also requires thinking about a memory question, something that has already been said and ends up composing all the saying; analyzing the news it is possible to observe an updating job of happenings of the Gulf War, the Crusades, the Imperialist Wars and the Missions, as well, the Father Bush presidency and his relationship with his son are included. Still, we work on the way the war and its participants - Bush, Saddam and the civilians of both countries - are meant; in this paper, we could understand a strong beating between the good x the bad. Considering all meaning effects observed in our research, we could understand a strong polarization between U.S. x Iraq created, better saying, reiterated by the production of *Folha de S. Paulo*.

Key-words: discourse analysis, journalistic discourse, *Folha de S. Paulo*, Iraq War, polarization.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	21
CAPÍTULO I - DOS TERRITÓRIOS E DE NOSSOS DESLOCAMENTOS .....	27
1. Análise de Discurso: um lugar de inscrição .....	27
2. Discurso Jornalístico: um olhar discursivo .....	34
CAPÍTULO II – DA CONSTITUIÇÃO DE NOSSO ARQUIVO .....	41
1. Nosso arquivo e seus desdobramentos .....	43
1.1 <i>Folha de S. Paulo: uma breve história comentada</i> .....	43
1.2 <i>Por que o Caderno Mundo?</i> .....	51
1.3 <i>Recorte do Arquivo</i> .....	54
CAPÍTULO III - DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO .....	71
1. Do Conflito e de sua Textualização .....	74
1.1 <i>Das Condições de Produção de um Discurso Fundador Americano e um Imaginário Mítico sobre o Iraque</i> .....	76
CAPÍTULO IV - DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS .....	93
1. Das Notícias .....	93
1.1 <i>Posições-Sujeito: jornalista no Brasil e jornalista fora do Brasil</i> .....	93
1.2 <i>Memória Discursiva</i> .....	107
1.2.1 <i>Memória Discursiva na Guerra do Iraque</i> .....	114
1.3 <i>Os Nomes da Guerra e de Seus Protagonistas</i> .....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127
BIBLIOGRAFIA .....	131

ANEXOS .....	137
1. Notícias que compõem nosso arquivo .....	138





Vermelho, Preto e Branco; Vermelho, Azul e Branco. Oriente; Ocidente. Riqueza; Pobreza. Força; Fraqueza. Preparo; Despreparo. Patriotismo; Fé. Presidente; Ditador. Exército; População. Armas, Mísseis, Carros-Bombas, Emboscadas. Ódio; Compaixão. Feridos, Mutilados, Mortos. Bem e Mal. Petróleo; Sangue... Estados Unidos, Iraque. Bush, Blair e Saddam. ... uma Guerra!

Ao considerarmos um estudo sobre os sentidos produzidos acerca da Guerra do Iraque, faz-se necessário situar a questão. Desse modo, somos remetidos a meados de 1990, época em que Saddam Hussein acusou o Kuwait de causar queda nos preços do petróleo, retomou questões territoriais e pediu indenização ao país. Em 1991, os Estados Unidos da América decidem intervir. Inicia-se a chamada Guerra do Golfo Pérsico que durou pouco mais de um mês e fora marcada pela morte de mais de 150 mil iraquianos.

Toda uma discussão com relação à posse de armas de destruição em massa é colocada em questão, e, por anos, o que se vê são fortes atritos entre americanos e iraquianos. Até que, fortalecida a polarização EUA x Iraque, em Março de 2003, a Guerra do Iraque tem seu início. Menos de um mês é o período necessário para que as tropas da coalizão vençam a resistência iraquiana, cheguem a Bagdá e ‘derrubem’ o regime de Saddam. Porém, a questão continua: Saddam é capturado em 2004, seu julgamento se estende até 2006 e, em 31 de dezembro do mesmo ano, é morto por enforcamento.

Muitas ainda são as mortes e os acontecimentos. Um governo tutelado é constituído e vem administrando o Iraque. Discussões acerca de quando as tropas

americanas deixarão o país se estendem até os dias atuais: Barack Obama, presidente norte-americano, eleito em 04 de Novembro de 2008, afirma que, até 2011, não haverá mais nenhum soldado da coalizão no Iraque.

Mas como tivemos acesso a todas essas ‘informações’? Aqui uma primeira consideração se faz importante: essas ‘informações’ circularam por diversos espaços midiáticos tomados como ‘veículos de comunicação’: jornais, programas de televisão, rádio, internet, revistas, livros, entre outros. Estes espaços caracterizam-se por trabalhar sob o efeito da apresentação dos fatos, enquanto notícias, como evidentes e da linguagem como transparente. Ao mesmo tempo, o consumo dessas informações se faz de modo naturalizado, sobretudo em função de estarmos inseridos em um tipo de sociedade em que a demanda por informação é muito grande, justamente porque vivemos sob a injunção de que para fazermos parte da sociedade, para fazermos parte do mercado de trabalho, necessitamos estar bem informados. Por isso, compreender como a versão de uma guerra é dada por meio do discurso jornalístico, coloca-se como algo muito relevante.

Isto posto, visamos, neste trabalho, compreender os processos de produção de sentidos em jogo no discurso do jornal *Folha de S.Paulo* acerca da Guerra do Iraque, nas notícias publicadas no Caderno Mundo, no período de 19 de Março de 2003 a 10 de Abril de 2003, uma vez que não há uma relação evidente entre linguagem/mundo.

Para tal, inscrevemo-nos no bojo das formulações teóricas da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente, na perspectiva trabalhada por

Pêcheux<sup>1</sup>, e, por Eni Orlandi<sup>2</sup>, que compreendem a linguagem como constituída pelas formas lingüísticas, atravessada pela história e pela ideologia de modo a estabelecer relações de sentido.

Além disso, como já mencionado brevemente mais acima, a análise discursiva de textos da imprensa permite percebermos a impossibilidade de se aceitar uma concepção de transparência da linguagem jornalística, em outras palavras, desmistifica a crença de que a informação é a transcrição da realidade. A saber:

Pêcheux recusa completamente a concepção da linguagem que a reduz a um instrumento de comunicação de significações que existiriam e poderiam ser definidas independentemente da linguagem, isto é, 'informações'. Esta teoria ou concepção da linguagem é, para ele, uma ideologia cuja função nas 'ciências humanas e sociais' (onde ela é dominante) é justamente mascarar sua ligação com a prática política (...) (HENRY, 1990, p. 25)

Eis aí o nosso empreendimento: buscar compreender o funcionamento do político - que, tomado discursivamente, significa que o sentido é sempre dividido, em uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história -, nos modos de organização do texto jornalístico, mais especificamente, nas matérias sobre a Guerra do Iraque.

A nosso ver, a Análise de Discurso se apresenta como uma perspectiva teórica adequada para a análise dos textos jornalísticos selecionados para esta pesquisa, pois

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos a Pêcheux, podemos remontar a algumas de suas obras como '*Os Fundamentos Teóricos da Análise Automática do Discurso*', '*Semântica e Discurso*', '*Discurso: estrutura ou acontecimento*', '*Ler o Arquivo Hoje*', '*A Língua Inatingível: o discurso na história da lingüística*', entre outros.

<sup>2</sup> Quando pensamos os escritos de Eni Orlandi, podemos remeter, dentre outros, a '*Discurso e Leitura*', '*Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho do simbólico*', '*Terra à vista: discurso do confronto-velho e novo mundo*', '*As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*', '*O Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*', '*A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*', '*Gestos de Leitura: da História no Discurso*', '*Discurso e Texto*' e '*Análise de Discurso: princípios e procedimentos*'.

permite nossa inscrição na injunção de interpretar, no batimento com a descrição, a produção dos sentidos nesses espaços discursivos.

## CAPÍTULO I - DOS TERRITÓRIOS E DE NOSSOS DESLOCAMENTOS

### 1. Análise de Discurso: um lugar de inscrição

A Análise de Discurso de linha francesa, doravante AD, postulada inicialmente por Michel Pêcheux, sob a alcunha de “Análise Automática do Discurso” filia-se, nos anos 60, a uma tradição europeia que “se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise” (ORLANDI, 2003, p.19). E, além disso, inscreve-se numa perspectiva que coloca como basilar a necessidade de um dispositivo teórico para sustentar a leitura de textos (ORLANDI, 2006).

Desse modo, a AD vai se constituir como uma disciplina de entremeio, que interroga a Lingüística sobre o estabelecimento da língua como suporte material de análise questionando sua transparência, ao admitir possibilidades de sentido e de interpretação; considera não somente a língua como ideologicamente marcada, mas também a história e, portanto, coloca o Marxismo em questão ao questionar a junção história/língua, não transparente, produtora de efeitos de sentidos e base para um conceito fundamental: o de *forma-material* (ORLANDI, 2003). E quanto à Psicanálise, trabalha com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito que se constitui na sua relação com o simbólico.

Essa noção de *materialidade*, segundo Orlandi (2007<sup>3</sup>), vem para a AD por meio do materialismo histórico, partindo da afirmação de uma *materialidade* da língua, um real da língua e de um real da história. O materialismo dialético também dá suas contribuições na medida em que não compreende o mundo como um complexo de coisas acabadas e estuda os processos, princípio da AD, trabalhando com o não acabado, carregando a idéia de um incessante movimento na história.

Algo ressaltado pela estudiosa, já pensando as questões próprias da AD, é o trabalho com a *materialidade* da língua e da história, tocando a *materialidade* do sujeito, pois no processo de constituição da significação constitui-se, também, o sujeito.

Pensar a língua funcionando na história e na sociedade implica trabalharmos com sua *forma-material*, que, consoante Orlandi (*idem*), é a forma que se distingue da forma empírica e da forma abstrata. A forma abstrata é simplesmente um elemento de uma rede, de um sistema; a forma empírica é a que corresponde a uma realidade que já é resultado de um processo, enquanto a *forma-material* é histórica, encarnada no mundo, possui historicidade, pois há um processo que a constitui em relação às outras que poderiam sê-la.

Ainda com a autora, sob essa ótica, a língua é estudada pela perspectiva do discurso<sup>4</sup>, ou seja, é vista como um objeto sócio-histórico. Desse modo, na AD busca-

<sup>3</sup> A referência a Orlandi (2007) trata-se do vídeo, disponibilizado na página do LABEURB <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/verVideo.lab?id=28>>, em que a autora discute a noção de materialidade.

<sup>4</sup> Na medida em que os estudiosos tentaram compreender o fenômeno da linguagem não mais centrado na língua, mas sim, num nível exterior à dicotomia *langue/parole* percebeu-se a necessidade de operar na confluência do lingüístico e do extralingüístico. Sendo assim, Haroche postula que “o ponto que liga as ‘significações’ de um texto às suas condições sócio-históricas não é de forma alguma secundário, mas constitutivo das próprias significações” (*idem*, 1971, p.98, tradução nossa), caracterizando, dessa forma, o discurso como o elo entre os processos ideológicos e os fenômenos propriamente lingüísticos.

se compreender “como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”(ORLANDI, 2003, p.16).

Sendo assim, o discurso, tomado como efeito de sentidos entre locutores é analisado quanto ao seu funcionamento, na relação do que é lingüístico com a exterioridade que o determina. Ou seja, sujeito e situação, anteriormente colocados para fora das análises lingüísticas, contam fundamentalmente para Análise de Discurso (ORLANDI, 2006). E pensando nessa relação, somos remetidos à outra noção peculiar desse campo teórico: a das *condições de produção* do discurso.

Orlandi (2006), relendo Pêcheux, nos diz que a situação pode ser pensada, com fins explicativos, em seu sentido estrito (as circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato) e em seu sentido lato (o contexto sócio-histórico, ideológico).

Não menos importante é o fato de que nesse tipo de análise o sujeito não é o sujeito empírico, mas a *posição-sujeito* projetada no discurso, “é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso” (ORLANDI, 2005, p.99), em sua *forma-sujeito*. E isto se dá no jogo das chamadas *formações imaginárias* que presidem o discurso, pois nela jogam “a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor [e] a imagem que ele faz do objeto do discurso” (ORLANDI, 2006, p. 15) e possibilitam o mecanismo de antecipação que regula a argumentação, uma vez que aquele que melhor consegue se antecipar ao seu interlocutor, mais eficiente com a palavra se torna.

Perceber, então, o sujeito em sua *posição-sujeito* e as relações de força inseridas no processo de enunciação é sair do campo das intenções, da ideologia como mascaramento da empiria e é, sobretudo, considerar que ‘algo fala antes em algum lugar’, que todo discurso se delineia na relação com outros, os dizeres presentes e aqueles que se alojam na *memória*. Além disso, a interpelação dos indivíduos em sujeitos é a própria possibilidade de ser sujeito, ou melhor, estar sujeito à língua e ser sujeito do que diz (PÊCHEUX, 1997).

Desse modo, compreender que os sentidos não existem em si, mas são determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo, é retomar uma noção básica na AD: a de *formação discursiva* (FDa), “o lugar da constituição do sentido” (PÊCHEUX, 1997, p.162), entendida como “aquilo que numa *formação ideológica* dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2003, p.43).

O conjunto dessas *formações discursivas* acaba por formar um complexo dominante, o *interdiscurso*, tomado como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2003, p. 33). É nesse complexo que somos expostos ao fato de que

saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao, mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro. (ORLANDI, 2003, 10)

Nessa relação entre a *memória institucional* e a *constitutiva*, um trabalho de análise, como o nosso, que toma como objeto o discurso jornalístico, deve considerar o



processo de constituição da própria instituição jornal: como ela, ao se constituir, se discursivizou e, assim, compreender como alguns processos discursivos são fundamentais para o funcionamento de um discurso.

Nesse meandro, operamos com o efeito de *pré-construído*: a impressão de sentido *já-lá* que deriva de formulações já ditas, do *interdiscurso*, que faz com que ao enunciar haja um efeito de já-dito sustentando todo o dizer.

É nesse sentido que se apresenta a noção de *memória discursiva*, trabalhada pelo *interdiscurso*, como um saber discursivo: o *já-dito* que constitui o dizer e os *esquecimentos*. Pêcheux (1997) coloca duas *formas de esquecimento*: o número 01, da ordem da constituição – *esquecimento ideológico* –, no qual temos a ilusão de que somos a origem do que dizemos e, o número 02, da ordem da formulação – *esquecimento enunciativo* –, o qual nos dá a impressão de que aquilo que foi dito só poderia ter sido dito daquela forma, produzindo uma ilusão de realidade de pensamento, como se houvesse uma relação termo a termo entre linguagem/mundo.

Ainda sobre os *esquecimentos*, ao retomarmos Orlandi (2003), quando diz que as ilusões apresentadas por Pêcheux (1997) não são defeitos, mas sim uma necessidade para que a linguagem funcione, podemos dizer que o jornalista, em sua *posição-sujeito*, necessariamente, precisa ter a impressão de que suas formulações funcionam sob um efeito de evidência, como se aquilo que fora dito fosse tão ‘natural’ que não pudesse ser dito de outra forma.

Pensar sobre o funcionamento da linguagem é considerar sua incompletude e também o fato de que, segundo Orlandi (2006), todo discurso se faz na tensão entre o mesmo e o diferente, ou ainda, por dois processos: o de *paráfrase* e o de *polissemia*,

leia-se, aquilo que se mantém e aquilo que rompe com os processos de significação e produz deslocamentos. Em nosso estudo, apreender os processos parafrásticos e polissêmicos coloca-se como fundamental para que possamos perceber se há, como em geral na mídia, uma manutenção do 'mesmo' (produtividade) ou, num deslocamento, o 'diferente' (criatividade) funcionando em nosso material.

Pêcheux (2002) assevera que um *acontecimento* convoca um espaço da *memória* e o reorganiza. Então, quando trabalhamos com um determinado material há questões que se colocam pertinentes em relação a ele. Assim, tomar a Guerra do Iraque, em sua *discursividade*, é atentar para os espaços da *memória* que são retomados, para o modo como os processos discursivos jogam nesse contexto e, por conseguinte, para o modo como os efeitos de sentido são produzidos. Importa mencionar, ainda, parafraseando Pêcheux (op. cit.), que há um real próprio das disciplinas de interpretação: um real estranho à univocidade lógica, um saber que não se transmite, aprende ou ensina, que, no entanto, produz efeitos.

Sobre a compreensão dos sentidos, é necessário dizer que a AD procura compreender as circulações cotidianas enquanto espaços discursivos estabilizados afetados pela suposição de que todo falante sabe do que se fala e de que todos os enunciados devam ser 'transparentes'. Percebe-se aí, o funcionamento do Estado e das Instituições como pólos de resposta e demanda social (PÊCHEUX, 2002).

Nesse viés, pensar a mídia como um espaço institucional, no qual, diversas relações estão em jogo (SILVA, 2001) é concebê-la para além de um controle social e analisá-la em seu funcionamento enquanto *estrutura* e *acontecimento*, isto é, um batimento contínuo entre a *memória* e sua atualização, já que a mídia é um dos lugares

mais eficazes para se produzir a estabilidade da *memória* e atualizá-la como se sempre ‘algo tivesse funcionado daquele modo’ (MARIANI, 1999).

É no bojo dessa formulação que Mariani (1999) aponta para o fato de que para a instituição jornalística há um *já-dito* constituído juridicamente, que traz as exigências do poder religioso, político e jurídico, responsável por manter (ou não) certas informações em circulação. E Silva (2001) acrescenta, ainda, que para que o “dizer jornalístico (...) possa se constituir como tal, cabe impor determinados recortes” (*idem, ibidem*, p. 172).

Pensar discursivamente a prática jornalística é, segundo Mariani (1999), rejeitar fazer uma análise do que diz a imprensa, permanecendo na ingenuidade do caráter contudístico, e enveredar para uma análise marcada pela desconstrução da superfície lingüística dos textos que interprete as filiações dos sentidos produzidos na relação com o *interdiscurso*. Portanto, ao colocarmo-nos na posição de analista em face ao espaço discursivo sobre a Guerra do Iraque devemos tomar a linguagem em sua opacidade e buscar compreender, segundo Guimarães (2001), o que é notícia para o jornalismo e por que um fato é selecionado em detrimento a outro.

Assim, a AD subsidia um trabalho que coloca o analista na posição de compreender que apenas uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz significa em suas palavras, e coloca a necessidade de um dispositivo teórico-analítico já que “todo enunciado é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação” (ORLANDI, 2003, p.59).

Nessa perspectiva, não há análise sem mediação teórica já que o analista deve se colocar numa posição deslocada que o permita compreender o processo de produção dos sentidos e suas condições. E é justamente a perspectiva teórico-

metodológica assumida que vai determinar o dispositivo analítico, pois ela orienta o analista em como observar o funcionamento discursivo.

A constituição de um dispositivo de análise que trabalhe a relação descrição/ interpretação, atravessando a evidência de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito e remetendo à opacidade da linguagem, ao descentramento do sujeito e ao efeito metafórico (entendido aqui como efeito de transferência, tomada de uma palavra por outra) é, de fato, basilar para nossa análise.

Podemos dizer que na injunção de interpretar, no batimento com a descrição, a produção dos sentidos no espaço discursivo em questão, “o analista (...) procura ver nele sua discursividade” (ORLANDI, 2003, p.77), tenta atingir “a constituição dos processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentido produzidos naquele material” (ORLANDI, 2003, p.78) e se coloca num vai-e-vem constante entre arquivo/teoria/análise.

## **2. Discurso Jornalístico: um olhar discursivo**

A informação aparece como algo evidente no discurso jornalístico. A informação jornalística é o dado, o acontecimento, a declaração, o fenômeno apreendido em sua singularidade, de modo imparcial e isento. O “jornalismo é função que se exerce hoje

coletando informações (pessoalmente, pelo telefone ou via internet) e montando unidades de sentido diante do computador”. (LAGE, 2006, p.80).

Todas essas formulações funcionam no espaço discursivo do jornalismo de modo a configurar a imprensa enquanto aquela que na sociedade contemporânea se interpõe entre os fatos e o leitor de forma a retratar fielmente a realidade. Mesmo fazendo parte das *Formações Imaginárias* do discurso jornalístico o fato de que a apuração das notícias, o requinte de detalhes “terá, no texto, efeito de realidade, isto é, contribuirá para a verossimilhança do relato” (LAGE, 2006, p.54), a defesa da precisão, da exatidão, da clareza (que repele a ambigüidade) e do equilíbrio como critérios para evitar o erro, a inverdade, a fraude e a manipulação, são gestos que sobredeterminam o imaginário da busca por uma correta objetividade.

Do ponto de vista teórico da AD, não é possível pensar em objetividade na linguagem. Contudo, não se trata também de pensar o discurso como manipulação. O que se coloca em evidência é que todo dizer é dito por sujeitos em posições determinadas.

Segundo Althusser (1985, p. 96), “toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito”. Esse sujeito interpelado fala a partir de uma determinada *Formação Discursiva* (FDa), com a qual se identifica e se filia. Pêcheux (1997) define Formação Discursiva enquanto aquilo que pode ser em uma conjuntura dada. Articuladas constitutivamente ao funcionamento das FDas estão, justamente, as *Formações Imaginárias* das quais fazem parte a ilusão discursiva.

A ilusão discursiva, de acordo com Pêcheux (1997), abrange dois tipos de *esquecimento* sem os quais nenhuma enunciação seria possível. Esses *esquecimentos* constitutivos da ação discursiva, somados à compreensão das *formações ideológicas*, em nosso caso, permitem observar a formulação de enunciados que, para os sujeitos-jornalistas, colocam-se como originais e evidentes. O sujeito-jornalista esquece que fez uma escolha, mas poderia ter feito outra. Escolhas feitas na história, pela língua. Recortes que fazem funcionar o *silêncio*.

O *silêncio*, diz Orlandi (2008), é essencial à formação dos sentidos. Entre as formas do *silêncio* que Orlandi propõe estão o *silêncio fundador*, base de produção dos sentidos e o *silenciamento* que, por sua vez, subdivide-se em *silêncio constitutivo*, que indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as outras) e o *silêncio local* ou *censura*, em que entra a interdição por alguma forma de poder da palavra (interno ou externo).

No jornalismo, encontramos o funcionamento do *silêncio local* de modo mais claro nos manuais e nas regras institucionalizadas de cada jornal. O jornalista, para construir a objetividade no texto, não deve usar adjetivos, pois, segundo Lage (2006), não se deve opinar em matérias informativas, deve-se, sim, usar fatos, já que esses são mais convincentes; não se deve ser irônico, porque isso pode ser ofensivo; e, deve-se evitar a todo custo a ambigüidade. Essas interdições definem o modo de apresentação da produção jornalística e corroboram o reforço de representações simbólicas e ideológicas já estabelecidas, marcando-o por certa previsibilidade, consoante Mariani (1998).

Pêcheux (1990), a partir de seu conceito de *formações imaginárias*, aponta para o fato de que o sujeito que fala tem dois horizontes imaginários ao longo dos quais se desloca na enunciação dirigida a um interlocutor, refletindo sobre si e sobre o outro. Nesse teatro, o sujeito se pergunta *quem sou eu para lhe falar assim?*, *quem é ele para que eu lhe fale assim?*, e o interlocutor pergunta-se *quem sou eu para que ele me fale assim?*, e *quem é ele* (ou pensa que é) *para que me fale assim?*.

Nesse sentido, a comunicação de massa, na qual se insere o jornalismo, trabalha com uma imagem de seu interlocutor<sup>5</sup>, uma imagem do consumidor do jornal, o que determina não apenas questões relativas às escolhas temáticas, mas também questões que dizem respeito ao uso da linguagem e à prática discursiva. O jornalista tem

um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos 'formações imaginárias' em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu 'cúmplice' quanto um seu 'adversário'. (ORLANDI, 1993, p. 09).

Parafraseando os dizeres de Orlandi (1993), o leitor estabelece com os jornalistas uma relação de confiança ou desconfiança, admiração ou desprezo, identificando-se ou não com o texto, podendo até desistir dele por não se identificar com aquele leitor para quem aquele texto foi produzido.

---

<sup>5</sup> No caso do jornal Folha de S. Paulo, de acordo com as informações contidas na página <[http://www1.folha.uol.com.br/foha/80anos/quem\\_e\\_o\\_leitor.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/foha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml)>, o leitor tem as seguintes características: 40 anos em média, graduado ou até mesmo pós-graduado, renda média individual de 15 salários mínimos e familiar de 30 salários mínimos.

O jornalismo acaba sendo uma *versão* da realidade<sup>6</sup>, pois coloca para si a ilusão de um relato fiel dos fatos, um efeito de literalidade decorrente da informatividade, por meio do qual o leitor lerá o mundo, e, convoca toda uma questão relacionada à *memória*. No entanto, é necessário atentar para o ponto de que trata-se de uma narração do real, mediada pela língua, por sujeitos, fato que significa. Para Mariani (1998), ao relatar os acontecimentos, os jornais já estão exercendo uma determinação nos sentidos.

O discurso jornalístico é considerado uma modalidade de *discurso sobre*, que torna objeto aquilo sobre o que se fala. Esse tipo de discurso atua “na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória.” (MARIANI, 1998, p. 60)

Além disso, as seleções de pauta, de fontes e informações se dão sob o funcionamento de impressão de realidade do pensamento para o sujeito, um *processo de determinação discursiva*, pois de acordo com Pêcheux e Fuchs (1990, pp.175-176),

Os processos de enunciação consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que têm por característica colocar o “dito” e em consequência rejeitar o “não-dito”. A enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é “selecionado” e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o “universo de discurso”), e o que é rejeitado.

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que ao filiar-mo-nos ao materialismo histórico, não há como concebermos a realidade como algo objetivo, existindo fora e independente da consciência.



Ademais, em uma perspectiva discursiva, como à qual nos filiamos, os discursos sempre estão em “relação a”. Um discurso está sempre em relação com a exterioridade que lhe é constitutiva.

O jornal, pelo discurso jornalístico, se constitui como lugar de (re)afirmação de versões, de interpretações e de legitimação de discursos e compreensões. Como lugar de *memória*, de disputas, de conflitos e de contradições.

Desse modo, o que significa, então, pensar a Guerra do Iraque por meio do discurso jornalístico? De que modo se deu a produção dos enunciados sobre essa Guerra? Como os enunciados do discurso jornalístico singularizam os acontecimentos, fixando-lhes uma *memória* e criando a ilusão de que espelham uma realidade? Que deslocamentos se produzem nesse batimento?

## CAPÍTULO II - DA CONSTITUIÇÃO DE NOSSO ARQUIVO

Antes de adentrarmos na constituição de nosso *corpus* de análise – tratado discursivamente como *arquivo* – é importante ressaltar que a AD trabalha a partir de um deslocamento fundamental no estudo da linguagem: passar do *dado* ao *fato*, o que nos coloca no campo do acontecimento lingüístico e do funcionamento discursivo.

Segundo Orlandi (2004), os *dados* não existem enquanto tal, pois já resultam de uma construção, uma vez que não são tomados pela AD como evidências, mas sim em sua relação com a interpretação, o real e a exterioridade. Vale dizer que a exterioridade não tem a objetividade empírica do ‘fora’ da linguagem, uma vez que intervém como tal na textualidade e se apresenta nos discursos, dando origem à produção da realidade com a qual o sujeito está em relação. Ainda de acordo com Orlandi (1994), o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o *silêncio* e é o vestígio do possível, o lugar próprio da ideologia ‘materializada’ pela história.

Nesse sentido, em AD, a noção de *fato discursivo* traz conseqüências para a análise, pois permite o trabalho com as noções de processo de produção de linguagem e *acontecimento* (MARIANI, 1998), já que esse fatos “são tomados enquanto inscrição material em uma memória discursiva” (PÊCHEUX, 2007, p.51).

É pensando sobre essas questões que somos remetidos à noção de *arquivo*, fundamental para o desenvolvimento de uma análise discursiva. Segundo Guilhamou &

Maldidier (1994), um *arquivo* não se trata de um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes, desse modo, o *arquivo* não é visto como um conjunto de dados objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma *materialidade discursiva* que traz as marcas da constituição dos sentidos.

Ainda sobre o *arquivo*, Pêcheux (1994) diz que, em um sentido amplo, este pode ser entendido como um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão. Tendo em foco nosso interesse pela Guerra do Iraque, selecionamos como material para esta análise notícias publicadas no Jornal *Folha de S. Paulo*.

Textos acerca dos acontecimentos da/na Guerra do Iraque foram publicados em diversos 'locais' do jornal, no entanto, recortamos, para essa análise, apenas aqueles publicados no *Caderno Mundo da Folha*, pois além dessa editoria ser o espaço destinado a reportagens e análises sobre os principais acontecimentos mundiais, durante o período considerado como mais intenso do conflito, acabou silenciando todos os outros acontecimentos do Mundo para focar o dia-a-dia desta guerra.

Além disso, com relação ao período recortado para a análise das matérias, importa dizer que um critério discursivo o sustenta: o discurso midiático constrói, enquanto notícia, um início e um fim para a guerra. Assim, consideramos as notícias publicadas entre 19 de março de 2003, em que se relatam a rejeição de um ultimato dado por Bush a Saddam e os primeiros ataques das forças da coalizão e, 10 de abril de 2003, quando o jornal relata a tomada de Bagdá pelas forças da coalizão, colocada, em suas publicações, como o marco da queda do regime de Saddam e, por conseguinte, do 'fim da guerra'.

É necessário dizer, tal como Pêcheux (1994) salienta, que o trabalho de leitura de um *arquivo* se dá na medida em que há a relação entre a língua como sistema passível de jogo e a *discursividade* como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história e, então, constituído nosso *arquivo*, nos colocamos face às interpretações sem margens, sem outro real, que para Pêcheux (2002), trata-se de colocar-se frente a uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade.

## 1. Nosso arquivo e seus desdobramentos

### 1.1 *Folha de S. Paulo: uma breve história comentada*

Muitos são os discursos disponíveis acerca da história do jornal *Folha de S. Paulo*, pertencente ao *Grupo Folha*, no entanto, chamou-nos a atenção, a grande preocupação demonstrada pelo *Grupo* em apresentar seu próprio relato histórico, em um gesto político de administrar os sentidos. Desse modo, apropriamo-nos do texto disponibilizado em seu Portal Eletrônico <[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)> e propusemos um resumo dos dados citados em um *gesto de interpretação*<sup>7</sup>, pois compartilhamos da

---

<sup>7</sup> Tomando como base as reflexões de Pêcheux (1969), para quem gestos como assobios, vaias, aplausos, atirar uma bomba são gestos simbólicos, que intervêm no real do mundo, Orlandi (2004) define

afirmação de Paul Henry (1994) de que não há evento histórico que não possa fazer sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências.

Assim, o *Círculo Folha*, link destinado à história da empresa, é possível saber que, em 19 de fevereiro de 1921, o jornal *Folha da Noite*, fora criado, por Olival Costa e seu sócio Pedro Cunha, com o objetivo de noticiar as **deficiências** dos serviços públicos. As páginas do *Círculo Folha* informam que o jornal lançou campanhas pelo voto secreto, apoiou o tenentismo e o Partido Democrático e que nessa época, a Redação era instalada em uma sala, à rua São Bento, 66-A, no segundo andar de um prédio, na cidade de São Paulo e a impressão era feita nas oficinas de *O Estado de S. Paulo*, à Rua 25 de março.

Não deixa de nos chamar a atenção ver uma conjunção espacial da *Folha* e *Estadão* que, na atualidade, funcionam como dois lugares distintos que, aparentemente, remeteriam a sentidos diversos sobre as “notícias”, à disputa por espaço, por público e por popularidade, embora compreendamos também que há uma diferença quanto às empresas que escrevem e produzem o jornal.

Lendo os trechos do relato, o leitor é informado de que em 1925, o jornal se muda para um casarão na Rua do Carmo, 7-A, onde funcionam as oficinas, a Revisão, a Redação e os escritórios da administração e de que, em julho do mesmo ano, é criado o jornal *Folha da Manhã*, edição matutina da *Folha da Noite*.

Segundo esses escritos, em janeiro de 1931, o jornal é vendido para Octaviano

---

o conceito de *gestos de interpretação*, pensando a interpretação como um ato simbólico que intervém no real do mundo; uma prática discursiva com suas conseqüências; um gesto que intervém no real do sentido.

Alves Lima, cafeicultor, que *priorizava a defesa dos interesses da lavoura, defendia o liberalismo e se opunha ao Estado Novo*; além disso, o *Círculo* informa que os jornais inauguram campanhas pela saúde pública e que a tiragem diária dos dois jornais sobe de 15 mil para 80 mil exemplares.

Essa separação entre os jornais traduz a preocupação em conquistar o maior número de leitores possíveis a partir de diferentes publicações. Além disso, afirma-se que, nessa época, o nome da companhia é alterado para *Empresa Folha da Manhã*; designar o *Grupo Folha* como *empresa* implica uma rede de significação em que trabalham os sentidos de disputa comercial, estratégias de venda e marketing, produzindo, inclusive, um efeito de permanência, solidez e independência muito fortes, diferentemente – e apagando – de sentidos postos nos periódicos do século XIX, que por possuírem um funcionamento pontual, traziam à tona assuntos relevantes e depois desapareciam. Assim, faz parte da construção do jornal como *marca*, como algo a ser pedido no momento da compra, um nome que permaneça.

Ainda a partir da história disponibilizada no site, se faz saber que, quinze anos mais tarde, o controle acionário da empresa passa para as mãos de José Nabantino Ramos. O que teria garantido a adoção da imparcialidade como política redacional e, ano a ano, até 1953, a unificação das instalações da impressão, da redação, da administração, da publicidade e da composição – fato que nos permite retomar a idéia de linha de produção Fordista; uma empresa com empregados especializados, que em uma linha de montagem produziram ‘um produto acabado’, no caso em análise, o jornal pronto para ser comercializado: isento e comprometido com a verdade, com a democracia, com a liberdade.

Seguindo uma linha mercadológica – que divide o público consumidor – o jornal *Folha da Tarde* é lançado em 1949, seguido de uma interessante unificação em 1º de janeiro de 1960: os três títulos da empresa se fundem e surge o jornal *Folha de S.Paulo*.

De acordo com o texto em questão, em 1962, sai o advogado Nabantino para que cheguem os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho e assumam o controle acionário da *Empresa Folha da Manhã*.

Daí para frente uma quantidade enorme de acontecimentos significados enquanto poder, modernidade, crescimento, desenvolvimento econômico e liderança são relatados pelo *Grupo* como parte de sua história: a incorporação do jornal *Notícias Populares*; a volta da circulação da *Folha da Tarde*; uma revolução tecnológica e a modernização de seu parque gráfico; o pioneirismo na impressão offset em cores; a introdução do sistema eletrônico de fotocomposição; a criação do Banco de Dados da *Folha de S.Paulo* Ltda; a participação no processo de redemocratização do Brasil, abrindo suas páginas ao debate de idéias que ocorria na sociedade civil, abrigando na seção *Tendências/Debates*, textos de intelectuais e políticos perseguidos pelo regime militar, entre outros.

Esses acontecimentos somados à estatística são apresentados como argumento para sustentar a evidência da liderança dessa empresa na imprensa diária brasileira como o jornal de maior circulação do país.

Nessa história administrada pela *Folha*, um documento de circulação interna "A *Folha* e alguns passos que é preciso dar", de junho de 1981, é apresentado como a primeira sistematização de um projeto editorial, fixando três metas: informação correta,

interpretações competentes sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos.

Nesse relato institucional, é informado que em 1983, a *Folha* se torna a primeira redação informatizada na América do Sul com a instalação de terminais de computador para a redação e edição de texto, além disso, sobre a criação do *Datafolha*, instituto de pesquisa de opinião pública e de mercado, que faz levantamento de temas de “interesse dos leitores” e fornece informações à produção editorial. Sem dúvida alguma, não é trivial a instrumentação de uma tecnologia como a da informatização. Como coloca Sylvain Auroux (1992), a introdução de tecnologias não deixa intacto o espaço de comunicação, ou ainda, Pêcheux (1994) quando nos ensina que atualmente a divisão social de leitura entre ‘literatos’ e ‘cientistas’ está se reorganizando. As demandas de ‘objetividade’ para o tratamento de ‘dados’ textuais, vindas de diversos setores da sociedade (Igreja, Estado, empresas) encontram legitimidade através de uma referência à ‘ciência’ e têm, na informática, suas condições materiais de realização. Para o autor, a difusão maciça da informática para esses fins abre a possibilidade de *expansão* dos privilégios ‘literários’ da leitura para outros setores como os discursos políticos e publicitários, lugares em que a prática da ‘leitura literal’ se mostraria suficiente.

Retornando ao relato da *Folha*, um segundo documento de circulação interna, datado de junho de 1984, comparece nessa produção de linearização de sua história: “A *Folha* depois da campanha Diretas Já”. O modelo proposto pela empresa por meio desse documento é o de *um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno*.



Nesse meandro, a *Folha* implanta o Manual da Redação. Consoante as informações obtidas no *Círculo Folha*, pela primeira vez, um manual de jornalismo *condensa uma concepção de jornal, da política editorial às fases de produção*; fato discursivo fundamental -, uma vez que estabiliza na *Folha* o sentido de um controle absoluto sobre seu produto final: a verdade objetiva relatada nas notícias em prol da liberdade e da democracia.

Além do Manual, dois projetos editoriais são publicados pela empresa: um em julho de 1985, por meio do qual a *Folha* indica sua busca pela implantação de um jornalismo de serviço e a adoção de novas técnicas visuais; e outro, em setembro de 1986, no qual a empresa apontaria as principais preocupações acerca da obtenção de informação exclusiva e excelência de produto.

Novas diretrizes são estabelecidas a partir de agosto de 1988, por meio de um texto interno que tratava do aumento da concorrência. A partir daí mais uma nova série de relatos, sustentando uma rede de significação que estabiliza a *Folha* na modernidade, no sempre crescimento, desenvolvimento econômico e na liderança, é colocada na história contada pelo *Grupo*: a informatização do Banco de Dados (a repetição dessa notícia atualizada no sentido de modernidade continuamente conquistada é muito significativa), com a criação de uma base de dados em convênio com a Editora Abril; a reorganização do noticiário em novos cadernos diários - *Ilustrada, Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano e Esporte*; a circulação da Primeira Página colorida; a criação de cadernos extras - *Mais!* e a Revista da *Folha*; a inauguração da versão totalmente computadorizada da *Folha*; a manutenção de um banco de imagens digital; o comércio de seu serviço noticioso 24 horas por dia; o investimento em uma

política de fascículos encartados ao jornal; as citações no *Guinness Book* por ser o primeiro jornal brasileiro a superar a tiragem de 1 milhão de exemplares e jornal de maior circulação no Brasil, a liderança no segmento de classificados em jornais; o lançamento do *Universo Online*, o primeiro serviço online de grande porte no país, que permite a ligação com o Banco de Dados para pesquisa, por busca de palavras, de textos integrais publicados na *Folha* e a posterior fusão do *Grupo Folha/Universo Online* com o *Brasil Online* (Grupo Abril), constituindo uma nova empresa, o *Universo Online S.A.* O sentido de liderança configurado pelo de completude é muito forte nessa tessitura narrativa construída institucionalmente pelo *Grupo Folha*.

Continuando nosso *gesto de leitura* do texto proposto pela empresa, se nos apresenta um *novo* projeto editorial (1985) sustentado em reflexões sobre a situação atual do jornalismo e uma manifestação de intenções para o futuro do jornal: *a busca por um jornalismo mais interpretativo, complexo, desestatizado e humano*. Atualiza-se uma *memória*. Não há mais *condições de produção* para que a objetividade da realidade se dê na evidência dela mesma, passando a funcionar na evidência da interpretação como isenta e a-histórica (negando o político), materializada na necessidade de uma desestatização e de uma humanização do jornalismo.

Compartilhando o ideal empresarial, buscando certificações para seus serviços, a *Folha* obtém o certificado de qualidade ISO 9002, do BVQI (Bureau Veritas Quality International), órgão internacional escolhido para ser o certificador.

Ademais, a idéia de pesquisa de mercado pode ser compreendida a partir da convocação do público, em 1999, para a escolha do nome do novo jornal que seria lançado em substituição à *Folha da Tarde*: nesse gesto nascia o jornal *Agora* que,

segundo a empresa, tem apresentação gráfica moderna e inédita, é direcionado à família do trabalhador paulistano e se propõe a ser um guia útil para o leitor enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.

Em um movimento regular de construção do texto sobre sua história, o Grupo *Folha* retoma o elenco de *acontecimentos*: o *UOL* se consolida como maior provedor de Internet do país, é eleito a "Empresa mais admirada do Brasil" pelo Prêmio Info Exame de 1999 e é o ganhador, pelo terceiro ano consecutivo, nas categorias de melhor site e melhor provedor, recebe o prêmio Grand Prix do júri oficial na 5ª edição do iBest e é premiado nas categorias Portal e Provedor, pelos júris oficial e popular; os jornais publicados pela empresa seguem a tendência canadense e americana e mudam de tamanho - a largura das páginas é reduzida em uma polegada, o equivalente a 2,54 cm (cada página passa a medir 31,75 cm de largura por 56 cm de altura e a largura da área impressa diminui de 33 cm para 29,7 cm); a realização, na Câmara dos Deputados, em 22 de fevereiro de 2000, de sessão solene em homenagem ao *Grupo Folha* e ao seu publisher, Octavio Frias de Oliveira; a apresentação do *Folha WAP*, serviço que disponibiliza o noticiário e serviços da *Folha Online* para telefones celulares; a ampliação do grupo de colaboradores da *Folha Online*; o lançamento de novos canais na sua home page, como Pensata, que reúne artigos de vários colunistas, *Círculo Folha*, com informações variadas sobre o Grupo *Folha*, e Almanaque, site produzido pelo Banco de Dados que *resgata textos de valor histórico* (prática da seleção e do recorte da *memória* e da interpretação tão bem compreendida por Pêcheux (1994)) publicados nos jornais do grupo; o início da circulação do jornal Valor, especializado em economia e produto da associação do *Grupo Folha* e da Infoglobo Comunicações, que

publica O Globo e a apresentação, aos leitores *da Folha*, de um novo projeto gráfico, com o objetivo de tornar mais clara a hierarquia das notícias.

A *História da Folha*, por ela mesma, encerra-se com os fatos de 2000. Fatos relevantes como as mortes de Octavio Frias de Oliveira, proprietário do *Grupo Folha*, em 29 de abril de 2007 e de sua esposa, Dagmar Frias de Oliveira, em 27 de junho de 2008, e a sucessão de Frias à frente da *empresa* apenas figuram entre as notícias publicadas de modo rotineiro pelo jornal.

### 1.2 Por que o Caderno Mundo?

A *Folha* nomeia e caracteriza cada um de seus cadernos, tal como segue:

**Primeira Página** – resume o que há de mais importante na edição; **Opinião** - inclui as colunas São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, os editoriais, a seção *Frases* e uma coluna vertical em que sete colaboradores da *Folha* se revezam publicando artigos (Alba Zaluar (segunda-feira), Roberto Mangabeira Unger (terça-feira), Antonio Delfim Netto (quarta-feira), Demétrio Magnoli (quinta-feira), José Sarney (sexta-feira), Dom Luciano Mendes de Almeida (sábado) e Antônio Ermírio de Moraes (domingo)), engloba ainda as seções *Tendências/Debates*, *Painel do Leitor* e *Erramos*, tendo como principais colunistas Carlos Heitor Cony, Clóvis Rossi, Eliane Cantanhêde, Fernando de Barros e Silva, Fernando Rodrigues, Jânio de Freitas, Luiz Fernando Vianna, Nelson

Motta, Plínio Fraga, Sergio Costa e Vinicius Mota; **Brasil** – publica reportagens e artigos sobre política brasileira, inclui a seção *Painel*, que apresenta notas sobre os bastidores do poder público; **Ilustrada** – apresenta reportagens e prestação de serviço sobre cultura e variedades, textos de articulistas e a coluna social, incluindo o *Acontece* (programação cultural) e o *Inéditos* (literatura); **Mundo** – traz reportagens e análises sobre os principais acontecimentos mundiais, utilizando correspondentes próprios e agências de notícias; **Ciência** – apresenta informações sobre as principais pesquisas e acontecimentos científicos do Brasil e do mundo; **Dinheiro** – abriga textos sobre economia nacional e internacional, análises de conjuntura e prestação de serviço com tabelas e cotações; **Cotidiano** – noticia temas urbanos brasileiros de interesse do cidadão e presta serviço em seções como *Atmosfera* e *Consumo*; **Esporte** – traz reportagens e análises sobre futebol e outros esportes, baseadas em levantamentos estatísticos exclusivos; **Folhainvest** – dá orientações sobre finanças pessoais, publicado semanalmente às segundas-feiras; **Turismo** – fala de viagens, circula às segundas-feiras; **Agrofolha** – publicado às terças-feiras, com informações e prestação de serviço para o setor agropecuário; **Cadernos Especiais** – produz cadernos especiais sobre temas atuais ou que merecem cobertura aprofundada; **Informática** – apresenta reportagens e prestação de serviço sobre computadores, circula às quartas-feiras; **Regionais** – cobre o noticiário local, circula todos os dias nas edições da *Folha* nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto e Vale do Paraíba; **Jornal de Resenhas** – caderno literário mensal feito em parceria com Discurso Editorial, USP, Unesp, UFMG e Unicamp; **Folhateen** – traz reportagens sobre comportamento e tendências, orienta sobre sexo, informa sobre músicas e livros, circula semanalmente às segundas-feiras; **Tudo** – circula aos domingos, publica orientações para quem quer abrir seu próprio

negócio; **Veículos** – circula aos domingos e presta serviço aos proprietários de carros e motos; **Imóveis** – traz informações para quem quer negociar seu imóvel, publicado aos domingos; **Empregos** – orienta sobre carreiras profissionais, publicado aos domingos; **Construção** – traz sugestões de decoração e dicas para a casa. Circula aos domingos; **Mais!** – circula aos domingos, absorve os cadernos *Letras* e *Ciência* e passa a englobar a edição de domingo da *Ilustrada*; **Revista da Folha** – apresenta reportagens sobre comportamento e tendências de moda e decoração, circula em São Paulo, aos domingos; **Guia da Folha** – traz programação cultural e roteiro gastronômico de São Paulo, circula às sextas-feiras; **TV Folha** – traz artigos e reportagens sobre televisão e programação semanal das emissoras, circula aos domingos; **Folha Equilíbrio** - circula às quintas-feiras e traz seções e reportagens sobre temas como medicina, nutrição, boa forma e relações pessoais, **Folhinha** – o caderno infantil *Folhinha*, com histórias e brincadeiras, publicado em formato tablóide, aos sábados e por fim, **Sua Vez** – caderno que substitui, na edição nacional, os cadernos *Tudo*, *Veículos*, *Imóveis*, *Empregos* e *Construção* e circula aos domingos.

Essa divisão, cujo efeito é a completude, sustenta o nosso recorte analítico, pois o *Caderno Mundo* é designado, pela própria *Folha*, como o lugar para o tratamento de questões mundiais, dentre as quais, incluiu-se a Guerra do Iraque, porém de um modo muito particular, uma vez que as questões mundiais foram significadas pela guerra que ganhou um caderno só para si. O *Caderno Mundo* ‘fecha as portas’ para outras notícias.

Salientamos aqui o efeito de sentido produzido na divisão dos cadernos e na sua caracterização que vai na direção de tornar evidente que a *Folha* contém tudo aquilo

que o leitor precisa ler, saber, discutir. E, essa especificidade apresentada pela divisão em cadernos, pela separação dos conteúdos, cria, para o leitor, um efeito de satisfação, de esgotamento de possibilidades, pois ele tem acesso a tudo aquilo que precisa por meio desse jornal<sup>8</sup>, num movimento do efeito de completude.

### 1.3 Recorte do Arquivo

Como já dissemos anteriormente, o recorte do período para a análise das matérias deu-se sustentado por um critério discursivo: a guerra tem um início e um fim construído por meio do discurso jornalístico. Assim, passamos a considerar como nosso *corpus* as notícias publicadas entre 19 de março de 2003, data em que a rejeição de um ultimato dado por Bush a Saddam e os primeiros ataques das forças da coalizão são relatados e, 10 de abril de 2003, quando o jornal relata a tomada de Bagdá pelas forças da coalizão, colocada, em suas publicações, como o marco da queda do regime de Saddam e, por conseguinte, do ‘fim da guerra’.

No contato com o material, percebemos que havia muitas notícias e como, em AD, não se buscam análises que esgotem as possibilidades de compreensão do

---

<sup>8</sup> Nesse sentido, remeto à tese de Telma Domingues da Silva (2002), intitulada “Televisão Brasileira: a comunicação institucionalizada”, em que é densamente explorada essa rede de significação de completude, satisfação, esgotamento e atualização do discurso midiático.

material, procedemos a um novo recorte que trouxesse conseqüências para nosso trabalho.

Nesse sentido, recortamos os materiais relativos ao primeiro e último dia da guerra, já que ambos trabalham as formulações que marcam, para o jornal, o início e o fim da guerra e um terceiro dia de publicações do jornal adentrou nossas análises em função de uma *materialidade* específica: as imagens que integram as reportagens.

Os jornalistas atribuem a uma foto a capacidade de “selecionar e enquadrar elementos semânticos da realidade de modo que, congelados na película fotográfica, transmitam informação jornalística” (LAGE, 2006, pp.28 e 29) e concedem muito cuidado à obtenção e publicação da melhor imagem acerca de um acontecimento, pois, no senso comum, a imagem funciona como prova, como elemento que implica veracidade.

Além disso, a própria cobertura do jornal sobre a guerra em questão enfatizou a importância das imagens a serem publicadas por meio da fala do porta-voz dos marines americanos, Chris Hughes, a qual afirmava que “a primeira imagem a ser vista da guerra vai definir [definiria] o conflito como um todo”.

Nesse sentido, propomo-nos, aqui, a considerar a imagem como uma unidade de significação, tocando, desse modo, as noções de *forma-material* e de *texto*: na AD, o *texto* é pensado como unidade fundamental da linguagem (ORLANDI, 2006) - tomar assim a imagem como texto nos permite expor marcas, vestígios que nos encaminham para a compreensão de suas propriedades discursivas -, e a *materialidade* como o trabalho com o que é constitutivo do simbólico e do histórico.



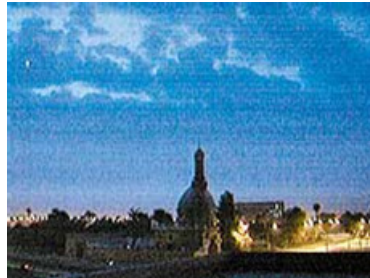
Assim, no contato com o material, pudemos observar um rompimento no funcionamento das imagens: se até então uma polarização entre EUA e Iraque era mantida, em uma foto publicada em 03 de abril de 2003, os dois lados são aproximados sob o efeito da contradição na sua forma mais consistente que é a do equívoco (imagem destacada por meio de um fundo esverdeado). Vejamos a seqüência:

Data	Imagem
19/03	<div data-bbox="605 785 639 800" data-label="Text">19/03</div> <div data-bbox="615 827 721 835" data-label="Text">Ahmed al-Rubayy/France Presse</div> <div data-bbox="615 846 1000 1129" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="1040 852 1192 1052" data-label="Caption"> <p><i>Iraquiana levanta seu fuzil durante manifestação que reuniu ontem, em Bagdá, centenas de membros do partido governista Baath, de Saddam Hussein, contra os EUA</i></p> </div>
19/03	<div data-bbox="586 1262 620 1276" data-label="Text">19/03</div> <div data-bbox="591 1293 651 1304" data-label="Text">Chris Ison/Reuters</div> <div data-bbox="591 1314 870 1646" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="954 1318 1133 1430" data-label="Caption"> <p><i>Soldado britânico usa munição como colar no deserto do Kuwait</i></p> </div>

20/03

20/03

Associated Press



*Imagem de TV mostra Bagdá pouco antes do amanhecer, no momento em que sirenes eram ouvidas na cidade e os EUA iniciavam o ataque ao Iraque*

20/03

20/03

Associated Press



**Começa o ataque a alvos militares**

*"Forças da coalizão começaram a atacar alvos importantes a fim de minar a capacidade de Saddam Hussein"*

**GEORGE W. BUSH,**  
em pronunciamento

21/03

21/03

Jean-Marc Bouju/Associated Press



*Soldados americanos se preparam para deixar o Kuwait e iniciar, com os britânicos, a invasão por terra do Iraque*

21/03

21/03

Ali Haidar/Associated Press



*Um dos palácios  
de Saddam  
Hussein na capital  
iraquiana,  
atingido pelo  
segundo  
bombardeio  
americano, ontem  
à noite*

22/03

22/03

John Moore/Associated Press



*Comboio de tanques  
logo após cruzar a  
fronteira sul do  
Iraque*

22/03

22/03

Ahmad al Rubayfi/France Presse



*O ministro do  
Interior do Iraque,  
Mahmoud Diab al  
Ahmad, porta fuzil  
Kalashnikov  
durante entrevista  
coletiva, em Bagdá;  
ele prometeu não  
largá-lo "até a  
vitória"*

23/03

23/03

Stephen Hill/Reuters



*Corpo de militar iraquiano é coberto; soldado foi morto durante ações das forças britânicas contra o Iraque na península de Fao, no sul*

24/03

24/03

Reuters/TV iraquiana



*Imagens da TV iraquiana mostram os cinco soldados norte-americanos que foram capturados pelo Iraque durante combates em Nassiriah, no sul do país, e agora são prisioneiros de guerra*

24/03

24/03

Demmond Boylan/Reuters



*Imagem de Saddam Hussein depredada no porto de Umm Qasr, sul do Iraque, onde há combates*

26/03

26/03

Omar Muhammad/The New York Times



**PERIGO LARANJA**  
 Comboio com militares da  
 1ª Divisão de marines dos  
 EUA atravessam o  
 deserto, ao norte do rio  
 Eufrates, em direção a  
 Bagdá, protegidos por  
 fuzileiros navais sentados  
 ao lado da estrada

26/03

26/03

Ian Jones/Associated Press



**VIGILÂNCIA**  
 Integrantes da 16ª  
 Brigada Aérea  
 britânica patrulham o  
 deserto nos arredores  
 de campo de petróleo  
 no sul do Iraque,  
 durante uma  
 tempestade de areia

27/03

27/03

Juca Varela/Folha Imagem



Sob tempestade de  
 areia, iraquianos  
 levantam os braços  
 clamando por Deus  
 e protestando contra  
 suposto ataque de  
 forças anglo-  
 americanas diante  
 de mercado de  
 bairro residencial na  
 capital iraquiana

27/03

27/03

Odi Anderson/France Presse



*Civis iraquianos lutam para alcançar as caixas com mantimentos jogadas de um caminhão doado por kuaitianos em Safwan (sul), sob escolta de soldados britânicos*

28/03

28/03

Goran Tomasevic/Reuters



*Míssil atinge um palácio do ditador iraquiano, Saddam Hussein, durante ataque americano a Bagdá*

28/03

28/03

Lake Frazza/France Presse



*O premiê Blair e o presidente Bush respondem a perguntas durante coletiva de imprensa sobre a reunião de cúpula em Camp David*

*"Não há razão para determinar um limite devido à natureza do que temos pela frente"*

TONY BLAIR  
premiê do Reino Unido

*"Vai demorar o quanto demorar. Não é uma questão de prazo. É uma questão de vitória"*

GEORGE W. BUSH  
presidente dos EUA



29/03

29/03

Jerome Delay/Associated Press



*No hospital Al Noor, um dos maiores de Bagdá, iraquiano chora após ver o corpo de seu filho, morto no bombardeio ao mercado de Shula*

29/03

29/03

Julie Jacobson/Associated Press



### **PARADA NOS BOXES**

*Helicópteros americanos Sea Stallion param para se reabastecer em base da coalizão no sul do Iraque; de lá, os aparelhos deviam seguir para o norte, onde realizariam missões*

30/03

30/03

Jerry Lampson/Reuters



*Garota Iraquiana segura a irmã, enquanto espera que a mãe volte com comida, em Basra*

02/04

02/04

Karim Sahib/France Presse



*O iraquiano Razeq al-Kazem al-Khafaj chora em Hilla sobre os corpos de seus parentes, mortos num ataque de helicóptero dos EUA*

03/04

03/04

David Loebke/Associated Press



#### **ENTRE BALAS E BEIJOS**

*Civil iraquiano toca o rosto de soldado americano (à esq.) e o beija (à dir.) após ser revistado e autorizado a passar por posto de controle do Exército dos EUA, em Karbala*

04/04

04/04

Mark Richard/France Presse



#### **NO CALOR DA BATALHA**

*Soldados britânicos inspecionam trincheira cheia de petróleo incendiada por tropas iraquianas em retirada na periferia de Basra*



05/04

05/04

Mark Sobhani/Associated Press

**FILA DA GUERRA**

*Soldados iraquianos capturados pelas forças americanas no aeroporto de Bagdá, com números inscritos nos ombros, são enfileirados para inspeção dos militares dos EUA, após terem se rendido*

06/04

06/04

Associated Press



*Iraquianos observam veículo blindado destruído na capital do país.*

07/04

07/04

Associated Press



*Soldados norte-americanos se posicionam sobre telhado durante combates contra iraquianos que tentam proteger uma ponte nos subúrbios de Bagdá*

08/04

08/04

Jack Gruber/Associated Press



**VISÃO PRIVILEGIADA**  
*De janela de um palácio de Saddam em Bagdá, soldado americano faz sinal da vitória para tanque dos EUA, perto de ponte destruída; o local foi ocupado em operação ontem*

09/04

09/04

John Moore/Associated Press



*Sargento do Exército norte-americano comemora ter acertado um morteiro na sede do partido Baath, na capital iraquiana*

09/04

09/04

Tony Nicoletti/Reuters



*Iraquianos olham imagem de Saddam Hussein jogada em rio de Basra, cidade no sul do Iraque*

10/04

10/04

Koji Harada/Associated Press

**NO CHÃO**

*Mulher iraquiana bate com sapato na cabeça da estátua de Saddam, derrubada na praça Al Firdus (do Paraíso), uma tradicional forma de ofensa no mundo árabe*

10/04

10/04

Yannis Behrakis/Reuters



*Retrato de Saddam é manchado de petróleo, em Basra (sul do Iraque)*

É importante observar que, em três outros momentos, de forma muito dicotômica e 'bem resolvida' da explicitação de uma relação de poder evidente em que o Iraque é subjugado pelos EUA, essa polarização se constitui na presença imagética de ambos os lados (23/03; 25/03; 01/04):

Data	Imagem
23/03	<p data-bbox="610 363 639 380">23/03</p> <p data-bbox="610 407 699 422"><small>Juca Varela/Folha Imagem</small></p>  <p data-bbox="1013 443 1208 667"><i>O garoto Ahmed Ali, de 5 anos, em hospital localizado no centro de Bagdá que recebeu feridos da série de bombardeios na cidade</i></p>
25/03	<p data-bbox="610 905 639 921">25/03</p> <p data-bbox="610 949 748 963"><small>Associated Press/The Dallas Morning News</small></p>  <p data-bbox="1029 1010 1208 1192"><i>Militares norte-americanos se preparam para revistar iraquiano, que estaria em ação suspeita, antes de interrogá-lo</i></p>
01/04	<p data-bbox="610 1446 639 1463">01/04</p> <p data-bbox="610 1478 699 1493"><small>John Moore/Associated Press</small></p>  <p data-bbox="1013 1514 1208 1759"><b>VÍTIMA</b> <i>Militar americano se aproxima de iraquiana ferida em troca de tiros entre o Exército dos EUA e a Guarda Republicana em ponte sobre o rio Eufrates, no caminho para Bagdá</i></p>

Mas, como já dito anteriormente, será na imagem de 03/04 (destacada pelo fundo verde) que essa polarização será re-significada pelo equívoco em que saudação, salvação, e resistência (ironia) se fundem no gesto iraquiano de roçar e beijar o rosto americano. Esse gesto pode também ser significado pela imagem do Beijo de Judas: Jesus é entregue àqueles que o perseguiram por meio de um ato falso de afeição de Judas (cf. BÍBLIA SAGRADA, 1990; LUCAS, 22). Um beijo que é a representação do ódio manifesta na traição. Percebe-se, pois, um momento de espessura semântica que não pode ser resolvido nem pela polarização, muito menos pela *unidade*. Há um desentendimento de sentidos que busca ser administrado pela legenda da foto “*ENTRE BALAS E BEIJOS - Civil iraquiano toca o rosto de soldado americano (à esq.) e o beija (à dir.) após ser revistado e autorizado a passar por posto de controle do Exército dos EUA, em Karbala*”.

Data	Imagem
03/04	 <p><b>ENTRE BALAS E BEIJOS</b>  <i>Civil iraquiano toca o rosto de soldado americano (à esq.) e o beija (à dir.) após ser revistado e autorizado a passar por posto de controle do Exército dos EUA, em Karbala</i></p>

Considerando, então, essa quebra na regularidade das imagens e o critério discursivo já apresentado foram analisadas as publicações dos dias 19 de Março, 03 e 10 de Abril de 2003.

### CAPÍTULO III - DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Trabalhar sob as injunções de que o sócio-histórico e o lingüístico se relacionam de maneira constitutiva e não periférica, e, de que o que liga o dizer a sua exterioridade é constitutivo do dizer coloca como fundamental, para nossa análise, compreender as *condições de produção* dos discursos em questão.

No texto '*Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*', publicado na Revista *Langages* 62 , em 1981, Jean-Jacques Courtine discute a questão das *Condições de Produção*.

Para o autor, as origens dessa noção são de três ordens: primeiramente, a *análise de conteúdo* praticada em psicologia social que, na tradição dos trabalhos de Berelson (1952), assume explicitamente como objeto de análise as '*condições de produção dos textos*'; uma segunda origem seria a *sociolingüística* e tratar-se-ia de uma origem indireta, pois visa a colocar em evidência o caráter sistemático da covariância de estruturas lingüísticas e sociais e, eventualmente, a estabelecer uma relação de causa e efeito, admitindo como variáveis sociológicas o estado social do emissor, o estado social do destinatário, as condições sociais da situação de comunicação e os objetivos do pesquisador. Gespin (1971, p. 19) reconhece aí as variáveis sociolingüísticas responsáveis pelas *Condições de Produção* do Discurso; e, no texto de Z. Harris (1952), *Discourse Analysis*, se situa a terceira origem dessa noção, uma origem

implícita, uma vez que o termo não aparece *ipsis litteris* no artigo, mas se encontra o termo *situação*, posto em correlação com o de discurso, já que apenas as frases de um discurso seguido poderiam ser consideradas, isto é ‘as que foram pronunciadas ou escritas umas após as outras por uma ou várias pessoas em uma só situação’ (HARRIS, 1969, p. 10 apud COURTINE, 1981, p. 20).

Conforme Courtine, essas três formulações parecem apontar para aquilo que a lingüística conhece, hoje, como sujeito da enunciação e situação de enunciação. Tudo isso caracteriza um estado de partida para transformações.

A noção de *Condições de Produção* (CP), a qual nos filiamos, conhece sua definição geral nos trabalhos de Michel Pêcheux. Em *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, o autor refletiu sobre o discurso como estrutura e como acontecimento a partir do enunciado *On a gagné*, “tal como ele atravessou a França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos” (PÊCHEUX, 2002, p.17), quando da eleição do presidente da República Francesa, François Mitterand.

Pêcheux (2002), partindo da tensão entre descrição e interpretação, fundamental para a análise em AD, caracterizou o acontecimento por meio das primeiras reações dos responsáveis políticos, comentários da *mass-media*, apresentação de estimativas e tabelas de porcentagem, no entanto, ponderou que o “confronto discursivo sobre a denominação desse acontecimento improvável tinha começado bem antes do dia 10 de maio, por um imenso trabalho de formulações (retomadas, deslocadas, invertidas, de um lado a outro do campo político)” (*idem, ibidem*, p. 20).

Esse trabalho com formulações permite-nos considerar os contextos anteriores ao acontecimento, os contextos mais amplos, não só imediatos. De acordo com



Pêcheux ([1969] 1990), pertencem às CP o contexto e a situação, as *formações imaginárias* (FI) e o sujeito. Segundo ele, “existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações)” (p. 82).

Eni Orlandi (2006), retomando os postulados de Michel Pêcheux, diz que as *condições de produção*

por sua vez, pode[m] ser pensada[s] em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. Se separamos contexto imediato e contexto em sentido amplo é para fins de explicação, na prática não podemos dissociar um do outro, ou seja em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente. (ORLANDI, 2006, p. 15)

A autora ainda assevera que as relações de força fazem parte do modo como se estabelecem as CP, pois o lugar social do qual falamos marca o discurso e corrobora a compreensão do que teria levado o sujeito a dizer *isto* ou *aquilo*.

Partindo de nosso arquivo, propomo-nos a pensar as CP da Guerra do Iraque e de sua textualização no jornal *Folha de S. Paulo* que enquanto instituição discursiviza seu dizer nas evidências construídas sobre a imprensa e mais especificamente sobre o *Grupo Folha* tal como analisado no Capítulo II.

## 1. Do conflito e de sua textualização

Baseando-nos na discussão teórica sobre a noção de CP supra desenvolvida, no espaço discursivo sobre a Guerra do Iraque, teríamos como contexto imediato os jornalistas da *Folha de S. Paulo* (no Brasil e em Bagdá) e de agências agregadas enunciando a partir do momento específico em que a Guerra ocorre para os leitores desse jornal, e em um sentido mais amplo, trabalharíamos com as injunções político-religiosas em jogo na polarização entre os EUA e o Iraque.

Ainda no sentido estrito, poderíamos pensar como *condições de produção* para esses discursos o próprio *Caderno Mundo* e o jogo permitido pela palavra *Mundo*.

A *Folha* significa esse *Caderno* como o lugar destinado a todas as notícias que se referem aos acontecimentos mundiais; o lugar que, no jornal, é destinado à apresentação de informações, aos leitores, de todas as questões que envolvem os mais de 190 países que constituem nosso planeta. Nesse sentido, quando pensamos os textos publicados nesse *Caderno* durante o período da Guerra do Iraque, compreendemos que o *Mundo* fica restrito aos sentidos produzidos nesse conflito; o *Mundo* é significando pelo esgotamento de informações sobre a Guerra, o *Mundo* como lugar para a significação da Guerra.

Além disso, em um sentido mais amplo, a polarização colocada como base para o conflito apresenta uma suposta detenção, por parte do Iraque, de armas de

destruição massiva e, também, alegadas ligações de Saddam com grupos terroristas islâmicos.

Esse argumento vai ganhando corpo e evidência por meio de diversos gestos como em 2001, quando Bush se declara disposto a utilizar de força caso o Iraque não aceitasse a intervenção de inspetores de armas. Ou ainda, em 2002, quando o presidente estado-unidense insere o Iraque na lista do chamado “eixo do mal” e renova o embargo econômico. Quando, em 2003, os EUA pedem apoio à OTAN em caso de conflito e Hans Blix, representante da ONU, afirma que o Iraque não coopera com as Nações Unidas. Ainda nesse ano, o chanceler iraquiano pede a apresentação de provas acerca da posse de armas de destruição em massa e da relação com terroristas e Collin Powell apresenta um relatório da inteligência na ONU, acusando o Iraque de mentir. Essa polarização ganha contorno de novela, noticiada capítulo a capítulo, quando em 17 de março de 2003, Bush dá um prazo de 48 horas para que Saddam e seus filhos deixem o país ou enfrentem o conflito; em 18 de março, Saddam rejeita o ultimato e se diz pronto para a luta. Em 19 de março, os EUA lançam ofensiva ao Iraque com o apoio de 45 países; fechando-se em 10 de abril, após quase um mês de conflitos retratados entre um exército munido de força e armamento poderoso e soldados iraquianos sem botas e de capacetes furados, com as forças da coalizão tomando Bagdá, fato jornalístico que encerrou a luta armada enquanto uma série noticiada e enquanto uma guerra.

Além disso, os textos publicados pelo jornal mantêm essa polarização, já que o que se publica sobre os EUA funciona na evidência, pois os sentidos sobre essa nação são pressupostos como *já-lá*, em nosso imaginário, os EUA são sempre significados

pela questão do poder, do desenvolvimento, da racionalidade. Já quando se fala do Iraque, o lugar do desconhecido, do místico, do fundamentalista é sempre atualizado quando a necessidade de explicação, de contar a história desse país se coloca.

Nesse desequilíbrio, a *Folha* encerra as publicações especiais do conflito no gesto mesmo de nomear o fim da guerra em 10 de abril com o texto *A Força do Nacionalismo*, que relata sinteticamente a história geopolítica (religiosa) do Iraque, num movimento narrativo de uma Guerra com começo, meio e fim, numa busca por aquilo que pertence ao mundo semanticamente normal.

Esse texto será analisado mais adiante, mas o que chamamos a atenção, nesse momento, é justamente para a evidência de tudo sabermos sobre os EUA e nada sabermos sobre o Iraque. Que conseqüências esse ‘fecho’ traria para a cobertura da Guerra? Por que fechar discursivamente a questão da Guerra do Iraque com um texto que de certo modo define o povo árabe?

### *1.1 Das Condições de Produção de um Discurso Fundador Americano e um Imaginário Mítico sobre o Iraque*

Essa regularidade discursiva da cobertura jornalística sobre a Guerra – que polariza liberdade e ditadura (significada em uma rede parafrástica em que concorrem

fanatismo, fundamentalismo, barbárie, loucura, massacre, corrupção) - autorizaria os EUA a invadirem o Iraque?

Considerando que “o sentido é historicamente determinado”, segundo definição de Pêcheux ([1969] 1990), acreditamos na necessidade de retomar a questão do *discurso fundador* dos Estados Unidos da América, trabalhada por Cibele Mara Dugaich em sua tese de doutorado, *O Marketing Político Americano da Guerra Fria: Discurso, Mistificação e Mídia*, uma vez que a *Folha* dedica o texto *A Força do Nacionalismo*, escrito por Demétrio Magnoli, à apresentação de um recorte da história do Iraque sem, em contrapartida, apresentar algum texto que relatasse algo sobre a história dos EUA. Nesse desequilíbrio, conforme comentado, o não dizer sobre a história americana inscreve essa história na evidência de que todos a conhecemos – e aí junto, na *memória*, instalam-se os sentidos de democracia, de desenvolvimento, de modernidade, de avanço tecnológico, de civilidade, de progresso. Na evidência de que não há nada a dizer sobre a história dos EUA, apagam-se os sentidos não estabilizados, mas que significam e efetivam efeitos nessas redes de significação. É o que veremos.

Segundo Dugaich (2001, p. 22),

compreender o discurso fundador americano impõe que se considere como a memória e o imaginário ingleses funcionaram na constituição do discurso que inaugura o processo da colonização americana, uma vez que os sentidos instaurados por esse discurso de algum modo estão presentes na construção do sujeito americano e na formação da nação ao longo de toda sua confirmação como enunciadora do discurso imperialista.

No final da Idade Média, a Inglaterra vivia o fim da Guerra dos Cem Anos (1353-1453) e o conseqüente fortalecimento do poder real britânico, e, a Guerra das Duas Rosas (1455-1485), que permitiu o rompimento com o universalismo do sacro-império romano-germânico, centrado na figura do papa. (cf. DUGAICH, 2001)

De acordo com a autora, essas guerras contribuíram para a formação do nacionalismo inglês e para a união dos ingleses em torno de um objetivo “o desejo de *um poder centralizado e pacificador*”. A busca pelo poder político centrado na figura do rei, e não na do papa, forma as *condições de produção* constitutivas do discurso da Reforma que inaugura a nova ordem discursiva na Inglaterra.

A Reforma Religiosa acentuou o crescente nacionalismo inglês e configurou a *modernidade política* na Inglaterra, livre da teologia e da moral. Frente a essas especificidades, compreende-se, consoante Dugaich (2001), que, a partir da Reforma, a *formação discursiva* dominante na Inglaterra permitiu que o sujeito cidadão inglês defendesse os interesses individuais do poder real em relação à pátria, sustentando o discurso expansionista colonizador que, posteriormente, constituiu o *discurso fundador* americano.

Na leitura de Dugaich (2001), pensar como o imaginário inglês atuou sobre o *discurso fundador* americano remete às palavras do historiador O’Gorman de que “a América foi inventada antes de ser descoberta”, segundo ele, a existência de um grande imaginário *sobre* a América determinou o processo de sua colonização antes mesmo do seu início.

Para ela, o fato de os ingleses não terem sido incluídos no Tratado de Tordesilhas e, por isso, terem dado origem a uma atividade de pirataria, cujo fim era a

apropriação dos carregamentos dos navios espanhóis, contribuiu significativamente para que se formasse uma imagem de riquezas e abundâncias em relação à América.

No final do século XV, mais especificamente em 1497, Henrique VII encarregou João Cabot de explorar a América do Norte. A imagem de abundância e de riquezas que se formou do Novo Mundo, a partir dos relatos dos navegadores, instaurou os sentidos que, posteriormente, levaram muitos colonizadores a entender a América como *a terra prometida*. (cf. DUGAICH, 2001)

Em 1585, Elizabeth I, da dinastia Tudor, ignorando as determinações do Tratado de Tordesilhas, em função da ruptura com a Igreja Católica, deu a Sir Walter Raleigh permissão para iniciar a colonização na América. Após três tentativas, seu trabalho fracassou diante das adversidades da nova terra. Apesar desses resultados, Dugaich (2001) acredita que o discurso que oficializou o início do processo da colonização da América instaurou os sentidos que, posteriormente, significaram-na como *terra conquistada*. Os sentidos instaurados por esse discurso, segundo a estudiosa, permitiram que se instalasse a nova ordem discursiva que possibilitou ao *discurso fundador* americano significar o sujeito americano como agente da sua própria história e, conseqüentemente, herói da terra definida como *conquistada* pelo discurso do colonizador inglês.

O sentido da conquista produziu como efeito, nos ingleses que se dirigiram para o Novo Mundo, o Movimento de Independência em 1776, pois havia o desejo coletivo de entenderem-se senhores da terra, na medida em que eram vistos como excedentes dentro da própria pátria. (cf. DUGAICH, 2001)

Ainda com a autora, concordamos que os sentidos instaurados pelo *discurso fundador* americano, que definiu a terra como conquistada, estabeleceram a direção de sentidos do discurso americano que tem o inimigo como aquele que poderá lhe tomar o bem maior - a *nação* - que, por sua vez, concretiza o símbolo de poder para o sujeito americano.

Assim, compreendemos, com Dugaich (2001), que o poder fora significado, pelo *discurso fundador* americano, diretamente relacionado à posse da terra - país/nação. Os sentidos instaurados pelo *discurso fundador* americano, portanto, significaram que uma ameaça ao território é uma ameaça ao poder de voz do sujeito americano. Esse sujeito se constrói na sua relação com a pátria de uma forma absolutamente dependente, a saber

A pátria é, portanto, a garantia da sua liberdade, da sua sobrevivência e do seu direito de voz. Os Estados Unidos, como nação, portanto, representam o lugar de onde esse sujeito se percebe imbuído de direitos. Uma ameaça à pátria é uma ameaça à sua própria estrutura. Dizendo de outro modo, a identidade do sujeito americano se configura a partir da pátria, o que implica considerar que esse sujeito se ocupa de consolidar para a pátria uma imagem sempre fortalecida, para, nessa imagem, reconhecer-se seguro. (DUGAICH, 2001, p.54)

Dugaich (2001) observa que o *discurso fundador* americano constitutivo dos primeiros relatos inscreveu, por meio da língua - a língua inglesa, própria dos pioneiros, e manteve como unidade de identidade e união -, os colonizadores na história da formação da nação americana como *settlers* (aqueles que se fixam na terra). Seguindo



os ensinamentos de Orlandi (2008), podemos dizer que o *silêncio constitutivo*<sup>9</sup> de *settlers* significou uma colonização de povoamento e afastou os sentidos de enriquecimento dos seus financiadores, o que remeteria à exploração. Os sentidos instaurados pela denominação *settlers* aproximaram os sentidos de *dedicação*, *perseverança* e *coragem*, que formaram as condições adversas que sustentam o processo de heroicização do sujeito americano, fundamental para a compreensão do próprio discurso americano.

Apesar de as crenças religiosas terem sido uma das razões que levaram à ruptura com a Inglaterra por parte dos colonos que se fixaram na América, nenhum projeto efetivo de catequese aconteceu na América.

Para Dugaich (2001), sob os efeitos de sentido do conflito, do caos - do *nonsense*<sup>10</sup> do qual trata Pêcheux (1994) -, aqueles que rumaram para a América romperam com a Inglaterra como pátria, o que tornou essencial a construção de uma nova pátria, pois a Inglaterra já não representava um lugar de enunciação para o sujeito inglês que se via obrigado a deixá-la.

Essa conjuntura histórica criou condições para que os sentidos, em relação ao sentimento de patriotismo, se instaurassem. A construção de uma nova pátria pautou-

---

<sup>9</sup> Segundo Eni P. Orlandi (1992), as palavras carregam silêncio na sua própria especificidade, à medida que aproximam determinados sentidos, afastam outros, em função das condições de produção e de enunciação constitutivas do discurso. Trata-se do silêncio constitutivo.

<sup>10</sup> **Nonsense**, segundo Pêcheux (1990b) interpretado por Orlandi (2003) que distingue o **nonsense** do **sem sentido**, ao esclarecer que **nonsense** não é a ausência de sentido, mas, sim, aquilo que reclama sentido, porque não faz sentido em relação ao já dito.

se no documento *Mayflower Compact*<sup>11</sup> assinado em 11 de Novembro de 1620, que estabelecia o perfil do governo de uma sociedade que se entende eleita por Deus:

In the name of God, Amen. We whose names are underwritten, the loyal subjects of our dread Sovereign Lord King James, by the Grace of God of Great Britain, France and Ireland, King, Defender of the Faith, etc. Having undertaken, for the Glory of God and advancement of the Christian Faith and Honour of our King and Country, a Voyage to plant the First Colony in the Northern Parts of Virginia, do by these presents solemnly and mutually in the presence of God and one of another, Covenant and Combine ourselves together into a Civil Body Politic, for our better ordering and preservation and furtherance of the ends aforesaid; and by virtue hereof to enact, constitute and frame such just and equal Laws, Ordinances, Acts, Constitutions and Offices, from time to time, as shall be thought most meet and convenient for the general good of the Colony, unto which we promise all due submission and obedience. In witness whereof we have hereunder subscribed our names at Cape Cod, the 11th of November, in the year of the reign of our Sovereign Lord King James, of England, France and Ireland the eighteenth, and of Scotland the fifty-fourth. Anno Domini 1620.<sup>12</sup>

Esse documento, sob a perspectiva do discurso, parafraseando Dugaich (2001), pode ser entendido como o documento que demarca o espaço de sentidos que permitiu a construção do discurso americano que tem como esteio os dogmas da *união (together into a Civil Body Politic)*, *liberdade (plant the First Colony in the Northern Parts of Virginia)*, *igualdade (just and equal Laws, Ordinances, Acts, Constitutions and*

<sup>11</sup> O manuscrito da transcrição do documento *Mayflower Compact* feita, por William Bradford, para o jornal *Of Plymouth Plantation*, é mantido em uma redoma de vidro na Biblioteca Estadual de Massachusetts. A versão a qual tivemos acesso encontra-se disponível no site *All About History* <<http://www.allabouthistory.org/mayflower-compact.htm>>

<sup>12</sup> Propomos aqui uma tradução própria para o manuscrito da transcrição do documento *Mayflower Compact* feito por William Bradford: "Em nome de Deus, Amém. Nós cujos nomes estão subscritos, os sujeitos reais do nosso Venerado Soberano Lorde Rei James, pela graça de Deus da Grã-Bretanha, França e Irlanda, Rei, Defensor da Fé, etc. Tendo feito, para a Glória de Deus e o avanço da Fé Cristã e Honra do nosso Rei e de nosso País, uma viagem para implantar a Primeira Colônia na Parte Setentrional de Virgínia, fazemos solene e mutuamente na presença de Deus e de cada um de nós, uma promessa divina e unimo-nos em uma Política Civil, para nossa melhor ordenação, preservação e apoio aos fins supracitados; e pela virtude disso, decretar, constituir e estruturar justas e equitativas Leis, Regulamentos, Atos, Constituições e Ofícios, de tempos em tempos, como deve ser pensado adequada e convenientemente o bem da Colônia em geral, aos quais prometemos submissão e obediência. Como testemunhas disso, subscrevemos nossos nomes no Código de Cape, em onze de novembro, do ano do reinado de nosso Soberano Lorde Rei James XVIII, da Inglaterra, França e Irlanda, e da Escócia, o LIV Rei. Anno Domini 1620."

*Offices*) e *democracia (for the general good of the Colony)* que acabaram sendo os pilares do discurso americano imperialista.

A conquista das terras de Virgínia acabou sendo significada como uma *missão* e para tal, a Bíblia fora utilizada como prova, como se aqueles que foram para a América formassem um grupo escolhido por Deus com a missão de formar uma sociedade de “*eleitos*” (KARNAL, 1990 apud DUGAICH, 2001).

Conforme a autora, é importante observarmos que o *discurso fundador* americano constituído, entre outros, pelo discurso religioso, estabelece um novo direcionamento na construção da *memória* americana. Se observadas as justificativas teológicas das quais os peregrinos se serviram para explicar porque se entendiam no direito de posse da terra, poder-se-ia pensar que o *discurso fundador* americano rompera com a *modernidade política inglesa*, segundo a qual as ações não dependiam de justificativas teológicas e morais.

No entanto, o *silêncio constitutivo* do discurso, postulado por Orlandi (2008), permite a percepção de que esse *discurso fundador* ressignifica o princípio do discurso salvacionista das Cruzadas que diziam levar Deus aos infiéis para acabar com interesses políticos. Dizendo de outro modo, Dugaich (2001) entende que a Bíblia, como sustentáculo do *discurso fundador* americano, é usada como o meio capaz de conduzir à realização dos objetivos do grupo.

Em seu trabalho de doutorado, Dugaich (2001) afirma que a ocupação das terras fundamentava-se em argumentos teológicos. Por entenderem-se escolhidos por Deus, os peregrinos alegavam que eles também tinham o dever de expulsar aqueles que habitavam suas terras, fato que nos permite compreender o apagamento da figura dos

índios ou outros habitantes que lá estiveram. Esses processos discursivos, igualmente, significaram o apagamento do sujeito de direito da Grã-Bretanha, o direito britânico de posse e, ao mesmo tempo, instituiu o colono como único senhor da terra.

*Atuar em nome da causa* tem sido, de acordo com a autora, o sustentáculo do discurso americano ao longo de sua história, entretanto, os EUA não são significados negativamente pela religiosidade e fé.

A necessidade de se construir uma *memória local*, desvinculada da *memória* britânica, embora constituída por ela, fora percebida: o discurso da Declaração de Independência fundamentou-se nos direitos inalienáveis que afirmam que o Criador confere ao Homem “a vida, a liberdade e a felicidade” ainda que seja além dos limites da fronteira dos Estados Unidos, e, inaugura, de acordo com Dugaich (2001), uma nova ordem discursiva que se sustenta sob o discurso da igualdade e da condição de se entender capaz de enfrentar qualquer desafio e de vencer qualquer obstáculo.

No entanto, a analista alerta-nos sobre o fato de que, se considerarmos que a questão teológica serve como argumento à ação que visa conquistar a independência, poderemos compreender que o argumento teológico que funda a nação americana reafirma o princípio do discurso americano, qual seja o da prevalência da “soberania da vontade individual sobre a tradição”.

A partir da Independência, o nome que foi dado ao país — **Estados Unidos da América** — materializa a própria história da fundação da nação. O sentido de *união* que o enunciado instaura remete à *memória* em que o povo inglês teve de se unir para se preservar. A união como símbolo de luta e conquista americana constitui a *memória*

*discursiva* do sujeito americano, a união significa-se como condição de sobrevivência para o sujeito americano. (cf. DUGAICH, 2001)

Frente às especificidades das *condições de produção* constitutivas do discurso da fundação dos Estados Unidos como nação, há a possibilidade de se considerar que os sentidos instaurados por *união* tenham força de persuasão significativa para o povo americano, na medida em que o sujeito americano não convive com a possibilidade de se pensar dividido. Nas palavras de Dugaich (2001), o nome dado ao país, portanto, significa todo o seu percurso de ruptura com a Inglaterra na conquista, na colonização, na independência, bem como na conquista da hegemonia da qual os Estados Unidos desfrutam nos dias de hoje.

O sujeito americano, segundo a autora, se significa como herói do seu povo e de todos os outros. Entende-se, por antecipação, visto desse modo pelos demais povos, o que o leva a trabalhar essa posição e a permanecer nesse lugar por meio de um processo constante de heroicização que confirma os Estados Unidos como *The Land of the Brave*.

Compreendemos a partir da leitura/interpretação de Dugaich (2001) que o discurso americano ganhou mais força na sua direção argumentativa com o avanço da ciência. O darwinismo social acabou reforçando o nativismo americano que se configurou a partir dos anos 70 do século XIX, momento em que o sujeito americano se considera eleito pelas condições naturais a ocupar o lugar de modelo no mundo, na medida em que se avalia como uma raça superior às demais.

Ainda com a estudiosa, os Estados Unidos foram significados como um *melting pot*, um lugar no qual as pessoas teriam a chance de atingir uma melhor condição como

ser humano, pois lá havia condições de misturar todos os que chegassem de maneira a transformá-los em uma *superior common nationality*, um ideal perseguido pelo discurso americano.

A política hostil contra os imigrantes, que se configurou a partir dos anos 70 do século XIX, demonstra que o sentimento de nativismo sempre estabeleceu profundas marcas de segregação na sociedade americana. O sujeito americano entende como “parasita” do sistema político americano aqueles que imigram e se sujeitam ao subemprego. Para esses, o julgamento do povo americano é cruel. (cf. DUGAICH, 2001)

A partir do estudo dessa tese, pudemos compreender que o discurso absolutista da modernidade política inglesa, o discurso capitalista e o discurso protestante constituem a base que estrutura a *discursividade* americana que, por sua vez, sustenta a direção argumentativa do discurso imperialista americano. E vemos o quanto é apagado nessa história que lineariza seus sentidos da constituição religiosa nos sentidos de democracia e de luta contra todo e qualquer obstáculo – superação – inscrita no *discurso fundador* dos EUA. Isso é de fundamental importância para compreendermos como a polarização Iraque/EUA vai se estabilizando e autorizando determinados *gestos de interpretação*.

Quanto ao Iraque, reproduzimos o texto publicado pela *Folha* acerca de sua história e lançamo-nos em uma tentativa de compreender como uma *memória* sobre

esse país funciona na constituição de um imaginário sobre ele disponibilizado pelo discurso jornalístico já significado pela necessidade de explicação<sup>13</sup>.

Na Antiguidade, a Mesopotâmia foi o berço das cidades-Estado sumérias, onde floresceram as civilizações acadiana, babilônia e assíria. Sofreu invasões persas e romanas. Mas sua identidade étnica, lingüística e religiosa foi moldada pela invasão árabe do século 7º. Bagdá, fundada pela dinastia abácida para substituir Damasco como sede do califado, tornou-se o centro do mundo árabe-muçulmano que se estendia do Magreb ao Afeganistão.

No século 9º, no Iraque, irrompeu a querela de sucessão que originou a dissidência xiita. Sob o califado abácida, o árabe tornou-se uma língua geral dos fiéis do islã, difundindo-se pela África do Norte e grande parte do Oriente Médio. Uma cultura compartilhada assinalou o apogeu do mundo árabe, que contrastava com o atraso, a selvageria européia.

O Império Otomano estabeleceu o seu poder sobre o mundo árabe nos séculos 16 e 17. Bagdá caiu em mãos otomanas em 1534, foi perdida logo depois e reconquistada em 1638.

A estrutura imperial, a maior que se conhecera desde a queda de Roma, conseguiu estabilidade duradoura respeitando a pluralidade de culturas e os privilégios das elites nas diferentes partes do império. Sua lenta decadência, no século 19, abriu caminho para as potências européias, que colonizaram o norte da África.

A 1ª Guerra assinalou o colapso otomano e a fragmentação geopolítica do Oriente Médio. A França estabeleceu mandatos na Síria e no Líbano. O Reino Unido, que tinha declarado protetorado sobre o Egito, tornou-se potência mandatária na Palestina, na Transjordânia e no Iraque.

A Arábia Saudita unificou-se, mas os britânicos, determinados a controlar as fontes e rotas do petróleo, impediram a unidade da península e retalharam a orla do golfo Pérsico em protetorados. Essa é a origem do Kuwait, do Qatar, de Barein e dos Emirados Árabes Unidos.

O poder britânico no Iraque sofreu a contestação de uma revolta tribal, com tinturas nacionalistas, em 1920. Londres acomodou as tensões concedendo o autogoverno, sob controle britânico, e coroando Faiçal 1º rei do Iraque. O pai de Faiçal, Husayn, liderara a revolta árabe contra o sultão otomano durante a guerra mundial, lutando ao lado do célebre agente britânico T.E. Lawrence.

Husayn confiou nas palavras do "Lawrence da Arábia", que queria "fazer uma nova nação" e, depois da guerra, liderou uma revolta nacionalista na Síria. Os franceses sufocaram a revolta, contando com a indiferença dos britânicos. A coroação de Faiçal foi o prêmio de consolação de Londres, que desenvolvia uma sinuosa política de sedução das elites árabes.

---

<sup>13</sup> Poderíamos nos remeter às análises de Orlandi (1990) que nos mostram que no processo de colonização brasileiro, instaurado na injunção entre a ciência, a religião e o Estado, o outro, o novo, é sempre objeto, lhe sendo regularmente e consistentemente negada a posição de sujeito, o que autoriza a repetição de *discursos sobre* e uma contínua atualização de *porta-vozes* desses objetos.

O nacionalismo monárquico gerou uma independência formal, em 32, e se esgotou no pós-guerra, sob o impacto da emergência do Baath (Ressurreição). O partido surgiu na Síria, como expressão de um pensamento modernizante e laico, amparado nas classes urbanas educadas.

Seu principal teórico, o cristão Michel Aflaq, sustentava a existência de uma única nação árabe, herdeira da tradição cultural do islã, com a convivência de diversas confissões religiosas. Essa nação deveria ter o direito de constituir um Estado unificado.

O baathismo original, mesclado com os elementos da reforma social e do socialismo, difundiu-se pelos países vizinhos. No Iraque, o baathismo inspirou a revolução militar de 1958, que derrubou Faiçal 2º e instalou a República.

O nacionalismo baathista distingue-se do nacionalismo monárquico. O último fazia a nação repousar no direito da dinastia; o primeiro, na unidade do povo. Por isso, nos anos 60 e 70, o poder baathista entrou em conflito com o nacionalismo curdo. Ao mesmo tempo, o Estado forte modernizava o país, promovendo a educação pública, a igualdade política das mulheres, a nacionalização da indústria petrolífera, a dragagem dos pântanos e a irrigação.

Saddam Hussein chefiou o núcleo baathista das coalizões militares que governaram o Iraque na década de 70. Em 79, num golpe palaciano, assumiu a Presidência. Durante a Guerra Irã-Iraque (80-88), estruturou uma ditadura feroz, baseada na fusão do Baath com o aparelho de Estado.

A Guarda Republicana, as milícias paramilitares e os órgãos de segurança interna formaram a espinha dorsal de um regime assentado sobre o clã do presidente, que se origina na cidade de Tikrit.

Ele não deve ser confundido com uma ditadura militar de camarilha, "à la boliviana". É um ramo sangrento do tronco baathista, que sustenta a árvore do nacionalismo iraquiano. O ramo caiu, mas a árvore tem raízes mais profundas do que crêem os neoconservadores de Washington. (A Força do Nacionalismo, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 10/04/2003, grifo nosso)

Dar início a uma história pela Antigüidade, remetendo à região da Mesopotâmia - que significa "entre rios" em grego -, estabelece uma intertextualidade com a Bíblia, cujos primeiros livros são adaptações de histórias e lendas mesopotâmicas, como, por exemplo, *Genesis*, que localiza o próprio paraíso terrestre em meio a essa localidade: "Javé Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado" (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p.15), e nos permite apontar que o discurso religioso é constitutivo de um imaginário sobre o Iraque e é argumento para desconsiderá-lo enquanto racionalidade, pois é uma religiosidade colocada no lugar



daquilo que é extremo, insano, do fundamentalismo, que desautoriza todo um povo de seu lugar de homem.

A Mesopotâmia foi transformada em uma província que registrava um florescimento cultural em oposição à *selvageria européia* da época, nas palavras do autor.

Em redes intertextuais, é interessante observar que há um discurso disponível que inscreve a cultura desse povo no lugar da dissensão. Vemos, por exemplo, com frequência, afirmações como a de que a literatura, a religião e as tradições sumérias e babilônicas eram preservadas nas escolas dos templos por meio da língua, ou melhor das línguas (cf. TRIPP, 2003), fundamentais na constituição da *memória* sobre o Iraque marcada pela cisão, pela ausência de unidade. Assim, florescimento deságua em dispersão.

No texto de Magnoli (2003), há menção ao Árabe funcionando com uma língua geral no território iraquiano. Segundo Vandersi Sant'Anna Castro, em seu verbete na Enciclopédia das Línguas no Brasil<sup>14</sup>, a expressão língua geral é usada para referir-se às línguas que tornam-se línguas de contato intercultural, de colonização.

Remontar à questão intercultural é remontar à questão do espaço. Nesse sentido, não há como pensar a questão de língua, sem pensar o espaço. Assim, pensar o Iraque como uma nação é pensá-lo, adaptando os dizeres de Rodriguez, como espaço simbólico e político, que se constitui e funciona num processo discursivo

---

<sup>14</sup> A Enciclopédia das Línguas no Brasil (ELB) é um projeto coordenado pelo Prof. Dr. Eduardo Guimarães, no âmbito do Laboratório de Estudos Urbanos e do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. Essa produção pode ser consultada em < <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/index.html>>.

(ideológico), cuja base material é a língua. (cf. verbetes Cultura e Espaço, de Carolina María Rodríguez Zuccolillo, na Enciclopédia Discursiva da Cidade<sup>15</sup>)

A existência de uma língua geral, independentemente de cada nação ter uma língua oficial e muitas vezes nacional, produz o sentido de uma ausência de unidade identitária para o Iraque, pois de acordo com Guimarães<sup>16</sup>,

ter uma língua como própria de um país funciona como um elemento de sua identidade política e cultural (...) A língua nacional caracteriza-se como uma em virtude de uma relação de unidade imaginária da língua que é atribuída à Nação. [Além disso,] A língua oficial de um País tem um aspecto muito importante. Ela é parte do que caracteriza a identidade de um povo e de sua nação. A identidade brasileira, a nacionalidade brasileira, é constituída por um conjunto de elementos, e entre eles um dos principais é o fato de que falamos uma língua tomada como elemento de nossa identidade.

Quando Magnoli (2003) coloca a presença de uma dissidência xiita, toca a questão da divisão religiosa iraquiana que, em um movimento contrário ao de união nos EUA, estabelece a idéia de uma nação separada por xiitas e sunitas, ambos de base religiosa muçulmana, que, no entanto, apresentam diferenças quanto ao modo de professar sua fé, - sunitas, mais moderados, xiitas, mais extremados – à sua denominação e convicções.

Recorremos, então, ao dicionário para interpretarmos as significações atribuídas a esses povos, no entanto, vale lembrar que efetuamos uma leitura do dicionário que se difere de uma ‘consulta habitual’, lemos o dicionário com o olhar da AD articulado a

---

<sup>15</sup> A Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI) é o projeto de construção de uma enciclopédia sobre a cidade a partir de uma perspectiva que toma a linguagem como observatório do fenômeno urbano. Propõe-se como um instrumento crítico em relação aos discursos especializados existentes sobre a cidade. É possível conferir seus verbetes no site < <http://www.labeurb.unicamp.br/endici/>>.

<sup>16</sup> Cf. o link *Política de Línguas*, escrito por Eduardo Guimarães para a ELB, no site <[http://www.labeurb.unicamp.br/elb/historia\\_nocoas/politica\\_linguas.htm](http://www.labeurb.unicamp.br/elb/historia_nocoas/politica_linguas.htm)>

uma percepção do dicionário como um instrumento lingüístico. Tomamos os sentidos do dicionário como estabelecidos na relação entre locutores; um discurso com história, *memória*, reprodução e deslocamento de sentidos, que se inscreve no horizonte dos dizeres historicamente constituídos. (cf. NUNES, 2006)

Assim temos,

**Xiita**. [adjetivo, substantivo de dois gêneros] partidário das convicções religiosas e políticas do xiismo ramo da crença muçulmana caracterizado pela convicção de que a sucessão religiosa e política do profeta Maomé, o fundador da religião, deveria ter se restringido a membros de sua família e descendentes, obedecendo o critério permanente de consangüinidade [Tal convicção terminou por condicionar historicamente uma atitude de maior ortodoxia e zelo pela tradição do que a de seus opositores, os sunitas.] (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

**Sunita**. [adjetivo, substantivo de dois gêneros] relativo a ou indivíduo dos sunitas, muçulmanos ortodoxos que reconhecem a autoridade dos quatro primeiros califas. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

Notamos que o verbete *xiita* substantiva o religioso como ‘o partidário’, aquele que professa sua fé convicta, a religião sendo personificada; já o verbete *sunita*, de estrutura sintática bastante diversa, produz como efeito apenas a atribuição de mais uma característica aos muçulmanos, diferença que nos permitiria apontar para uma maior aceitação desses em detrimento daqueles.

É interessante ver esse funcionamento em um discurso disponível como aquele que afirma que a oposição de questões tribais, nacionalistas, monárquicas e republicanas também se impõem à história do Iraque e significam a impossibilidade de uma unificação política. (cf. TRIPP, 2003)

Em um espaço em que coexistem ideais de organização societária em tribos (xiitas e sunitas), pensar a possibilidade de pertencimento a uma nação unificada e autônoma, com isolamento econômico e cultural parece-nos justificar a manutenção da ordem pela força, o que, de certo modo, legitimaria a existência de uma ditadura, de um regime autoritário, em tempos republicanos.

Pensando esses sentidos instaurados por alguns dos acontecimentos colocados por Magnoli (2003) em seu texto, parece-nos possível apontar para uma ordem discursiva que nos possibilitaria significar o sujeito iraquiano como integrante de uma história cindida, marcada pela oposição religiosa entre sunitas e xiitas, pelo embate em questões de ordem política e pela ausência de identidade por meio de sua língua.

Desse modo, relacionando as reflexões acerca dos EUA e do Iraque, podemos dizer que mais uma vez a polaridade se coloca. O modo pelo qual temos acesso à constituição dessas nações corrobora os sentidos disponíveis de uma oposição Ocidente/Oriente, racionalidade/irracionalidade, desenvolvimento/não-desenvolvimento, união/separação. Na deriva desses sentidos, autoriza-se uma invasão dos EUA ao Iraque, já que o primeiro, significado pelo pólo positivo, é colocado no lugar da transparência, da evidência, da legitimidade, e, culmina, por *paráfrase* do pólo negativo da oposição, destinando ao Iraque o lugar do fundamentalismo, daquele que responde terror com terror, que fala em nome de ídolos que produzem mortes e vivem de sangue. (cf. BOFF, s/d.)

## CAPÍTULO IV - DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

### 1. Das Notícias

#### *1.1 Posições-Sujeito: Jornalista no Brasil e Jornalista fora do Brasil*

Em *Do Sujeito na História e no Simbólico*, Orlandi (2005) trata de uma questão central para o analista de discurso: a noção de sujeito.

Para melhor organizar seu texto, Orlandi subdivide-o em três partes principais: Não-Transparência: Sujeito e Sentido; A Qualificação da Subjetividade; e Interpelação pela ideologia e Individualização pelo Estado: A Forma da Contradição.

Somos expostos, no primeiro momento, ao fato de que estudar a subjetividade, de um modo discursivo, permite compreender como a língua acontece no homem. O discurso, um acontecimento significativo, tem como lugar fundamental a subjetividade. Esse acontecimento significativo é o que possibilita o deslocamento da noção de homem para sujeito, tocando questões fundamentais das Ciências Humanas e Sociais.

O sujeito da AD não é o cartesiano, um homem dono de si, senhor de seu próprio destino, consciente de suas ações e desejos, capaz de conhecer a verdade e

alcançar a felicidade por meio da razão, mas sim o sujeito do discurso, “descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como eles o afetam” (ORLANDI, 2003, p. 20), múltiplo “porque atravessa e é atravessado por vários discursos, por que não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, por que representa vários papéis, etc.” (ORLANDI, 1988b, p. 11)

Isso acarreta dois deslocamentos: o de sentido e o da própria língua, posta em relação com a história.

Nesse meandro, há sentidos possíveis que estão em jogo em uma *posição-sujeito*, uma vez que, em AD, o sujeito é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que, de sua situação no mundo, se projeta de sua situação no mundo para sua posição no discurso.

Sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia.

No segundo momento, Orlandi assevera que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história, ou ainda, o sujeito está sujeito à (língua) para ser sujeito da (língua). Esta é uma ambigüidade constitutiva, pois não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante.

Desse modo, não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à língua. Quando nascemos não criamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e nos submetemos à língua, subjetivando-nos.

A subjetivação é uma questão de qualidade, de natureza, quando se diz que o indivíduo é assujeitado, o assujeitamento não é quantificável.

A interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia trata-se de um efeito ideológico elementar pelo qual, o sujeito sempre já sujeito, coloca-se na origem do que diz. Há, segundo M. Pêcheux ([1975] 1997), um teatro da consciência em que se fala *ao* sujeito, se fala *do* sujeito antes que ele diga *'eu falo'*.

Para ele, o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, nas quais se constitui o sujeito.

Desse modo, Pêcheux, ao mesmo tempo em que introduz a questão da ideologia, critica a maneira como as teorias da enunciação se submetem à ilusão das evidências subjetivas (do sujeito como único, insubstituível e idêntico a si mesmo). A evidência da existência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) é aproximada de outra evidência, que é a evidência do sentido (a ilusão da literalidade: o sentido só pode ser esse, já-lá).

Na AD, o próprio sujeito é tratado como um processo significante, um processo que funciona pela contradição em que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

Mais uma vez, Orlandi (2005) ressalta que esse processo só pode ser pensado através de um trabalho teórico que se elabora e cuja necessidade se coloca no domínio das Ciências da Linguagem e no das disciplinas de interpretação pela noção fundadora

de discurso. Esta noção articula sujeito-língua-história, coloca a necessidade de pensar o conhecimento prático das Ciências Humanas e Sociais e re-significa as noções de ideologia e inconsciente, que são pensadas como materialmente ligadas, pela língua.

Assim, o sujeito é pego pelo jogo da língua na história, na produção de sentidos. É o acontecimento do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos. Os sentidos ressoam na *forma-material*, na língua e na história. Se de um lado a linguagem tem sua parte na injunção de significar, de outro, o mundo exerce sua força.

De acordo com Eni Orlandi (2005), a língua é capaz da falha, essa possibilidade é constitutiva da ordem simbólica. O equívoco já é fato de discurso, é a inscrição da língua na história que produz equívoco. Este se dá no funcionamento da ideologia e do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história.

A submissão do sujeito à língua se dá em meio a sua experiência de mundo e pela injunção de dar sentido, de significar-se; um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia.

Compreender que os sentidos não existem em si, mas são determinados pelas posições ideológicas colocadas em jogo, é retomar a noção de FDa já introduzida de maneira mais breve no primeiro capítulo. A *formação discursiva* representa o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros.

A ordem da língua e da história, em sua articulação e funcionamento, constituem a ordem do discurso.



A história é história porque, segundo Paul Henry (1994), não há fato ou evento histórico que não possa fazer sentido, que não peça interpretação, que não reclame a um sujeito condenado a interpretar (ORLANDI, 2004) que lhe ache causas e conseqüências.

Os sujeitos e os sentidos experimentam mundo e linguagem, repetem e deslocam, permanecem e rompem limites pela relação contínua, de um lado, estrutura, regra, estabilização, acontecimento, de outro, jogo e movimento.

A resistência dos sujeitos constitui outras posições que vão materializar outros lugares. A determinação histórica dos sujeitos não é para sempre, nem desligada como se pudesse ser qualquer uma; não se dá da mesma maneira nos diferentes momentos da história, ela tem suas formas e condições. É porque é histórico que se muda e é porque é histórico que se mantém.

Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a AD. A determinação não é uma fatalidade mecânica, ela é histórica.

Segundo a autora, o modo de interpelação do *sujeito-capitalista* pela ideologia é diferente do modo de interpelação do *sujeito-medieval*: a interpelação do *sujeito-capitalista* faz intervir, o direito, a lógica e a identificação. Nela, não há separação entre exterioridade e interioridade, mesmo se para o sujeito essa separação continue a ser a evidência sobre a qual ele constrói a ilusão de que é a origem de seu dizer e da literalidade como se houvesse uma relação termo a termo entre linguagem, pensamento e mundo.

Dessa maneira, o sujeito moderno é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado e determinador. Essa é a condição de sua responsabilidade e sua coerência que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de sua vontade, dos outros e de si mesmo.

Orlandi versa, também, sobre a Interpelação pela ideologia e Individualização pelo Estado: A Forma da Contradição.

Para ela, a ideologia funciona pelo equívoco e se estrutura sob o modo da contradição. Quanto mais centrado o sujeito, mais cegamente ele está preso à sua ilusão de autonomia ideologicamente constituída. Não é no conteúdo que a ideologia afeta o sujeito, é na estrutura mesma pela qual o sujeito e o sentido funcionam. Não há sentido se a língua não se inscreve na história. A ideologia não é ocultação, ela é produção de evidências.

A estudiosa retoma a proposição pechetiana de situar o campo de reflexão, o de uma teoria materialista dos processos discursivos, na articulação de três noções: o da *discursividade*, o da subjetividade, e o da descontinuidade ciência/ideologia, propondo uma teoria não subjetivista da subjetividade, uma teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos de significação e a prática política, como uma prática de produção de conhecimento que reflita sobre as diferentes formas pelas quais a necessidade cega se torna necessidade pensada e modelada como necessidade.

A ilusão da origem em si mesmo do sujeito se assenta no desconhecimento de um duplo movimento na compreensão da subjetividade: o primeiro, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia - forma de assujeitamento, é o passo para que o indivíduo afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive, a ilusão de ser

mestre de si e do que fala é necessária ao sujeito. Por meio disso, tem-se acesso ao modo como o indivíduo é interpelado em sujeito, a *forma-sujeito* que resulta dessa interpelação pela ideologia, é uma *forma-sujeito histórica*, com sua *materialidade*; o segundo, o estabelecimento do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado.

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a *forma-sujeito histórica*, produzindo diferentes efeitos no processo de identificação, de individualização do sujeito na produção de sentidos. O indivíduo em sua forma social capitalista é o resultado de um processo, um constructo, referido pelo Estado.

O indivíduo interpelado em sujeito determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individualizada concreta. O que significa de fora quando se pensa só o sujeito já individualizado, é justamente o simbólico, o histórico e a ideologia que torna possível a interpelação do indivíduo em sujeito.

É preciso levar em conta a complexa distinção quando se pensa o sujeito, a ideologia, a história, a linguagem, o discurso. E a resistência. Que de acordo com Lagazzi (1998), não se reduz à idéia de oposição e vai bem mais além da de confronto.

Como se dá, então, a constituição do *sujeito-jornalista*, ou dos *sujeitos-jornalistas* em nosso arquivo? Como o funcionamento do discurso jornalístico corrobora essa constituição?

Quando lemos textos de um jornal, automaticamente remetemos sua autoria a um 'jornalista', seja ele titulado ou não. Muitas vezes há nomes próprios que recobrem essa autoria, outras vezes substantivos que designam uma autoria coletiva.

Em nosso material, a maioria dos textos é atribuída a 'DA REDAÇÃO. No entanto, há outras construções como 'DA REPORTAGEM LOCAL, 'DA SUCURSAL DE BRASÍLIA', 'NOME, DO (A) (JORNAL/ REVISTA)', 'NOME, EM/DE (LUGAR)', 'DA (EMPRESA JORNALÍSTICA)', entre outros.

É interessante notar que as construções que envolvem o nome do jornalista são fortemente utilizadas para jornalistas estrangeiros e free-lances que não pertencem ao *Grupo Folha* e deslizam, ainda, para os jornalistas do próprio *Grupo* que não se encontram em território nacional, o que nos permite apontar para a existência de funcionamentos diferentes relacionados *ao estar ou não no Brasil*, territorialmente falando. Vejamos algumas assinaturas: ROBERT FISK, DO 'THE INDEPENDENT', EM BAGDÁ; SÉRGIO D'ÁVILA, ENVIADO ESPECIAL A AMÃ (JORDÂNIA); FERNANDO EICHENBERG, FREE-LANCE PARA A **FOLHA**, EM PARIS; todas marcam o estar 'fora' de nosso país.

Além do modo como a autoria do texto é marcada, podemos compreender diferenças quanto à escritura dos textos. Para mostrar essas compreensões analíticas, recortamos dois exemplares – "*Saddam rejeita ultimato, e Iraque se diz pronto para a luta*", DA REDAÇÃO, e "*Bagdá prepara-se para enfrentar perigos inimagináveis*", ROBERT FISK, DO 'THE INDEPENDENT', EM BAGDÁ, doravante (1) e (2), respectivamente - para descrever e interpretar algumas regularidades.

Em (1) nota-se

o uso do Discurso Relatado, nas formas do Discurso Direto e da Modalização do Discurso em Discurso Segundo<sup>17</sup>;

“Escolhemos com base no desejo da grande população iraquiana”, afirmou o comunicado.

Para Sabri, o objetivo dos EUA é conseguir o petróleo do Iraque (...)

a busca por uma apresentação dos fatos com requinte/excesso de informações;

O ditador do Iraque, Saddam Hussein, rejeitou ontem o ultimato imposto pelo presidente dos EUA, George W. Bush, anteontem, que lhe dava 48 horas para deixar o poder. O prazo vence amanhã às 4h15 no horário iraquiano (22h15 de hoje em Brasília).

e a tentativa de trazer os dois lados da versão para a notícia, por meio das citações dos discursos de Ari Fleischer, porta-voz da Casa Branca, do filho mais velho de Saddam, Uday, do chanceler iraquiano, Naji Sabri;

Segundo o porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer, se o ditador não fizer isso [referindo-se à aceitação do ultimato para deixar o país], ‘será seu último erro’.

‘O ultimato deveria ser para Bush deixar os EUA. Ele e a sua família’, disse Uday em comunicado.

Sabri chamou Bush e o premiê britânico, Tony Blair, de “criminosos de guerra”, “mentirosos” e “déspotas”. “Os dois deveriam deixar o poder para evitar a guerra”, disse Sabri em Bagdá.

Em (2) percebe-se

o uso da primeira pessoa do singular;

(...) e estou citando um morador de Bagdá há um quarto de século (...)

---

<sup>17</sup> Naquilo que se refere ao Discurso Relatado, podemos dizer que, segundo Authier-Revuz (1998), o discurso direto produz um efeito de sentido de “ostentação de objetividade no “eu cito” (com valor de eu não intervenho)” (idem, p.149), cria-se, a ilusão de que as próprias palavras do outro ocupam o espaço e o tempo discursivos. Já a modalização do discurso em discurso segundo se trata “de uma informação sobre [um] acontecimento modalizada, porém, por remeter a um outro discurso” (Authier-Revuz, 1998, p. 135).

a incorporação de adjetivos ao texto;

(...) os pobres invadirão as ruas de Bagdá em hordas de dezenas de milhares para pilhar os bairros mais prósperos (...)

e a presença do tom irônico;

(...) quem parece ser o homem mais confiante do Iraque?

Laticínios? Não era sobre isso que Saddam Hussein estava pensando 13 anos atrás ao dizer a um estudante britânico refém, pouco antes de libertá-lo, que ele deveria 'lembrar-se sempre de tomar leite a cada dia'?

Na injunção a interpretar os fatos descritos acima, compreendemos que na *discursividade* instalada pelo 'relato' da Guerra do Iraque se enuncia a partir de duas *posições-sujeito*: a *posição-sujeito jornalista no Brasil* e a *posição-sujeito jornalista fora do Brasil*, posições essas, marcadas fortemente no processo de escritura dos textos<sup>18</sup>.

A *posição-sujeito jornalista no Brasil* enuncia a partir de certo 'contrato de neutralidade, de regulação dos textos', de um lugar em que funciona o interdito colocado por um Projeto Editorial<sup>19</sup>, buscando um "jornalismo apatidário e pluralista"; que considere "notícias e idéias como mercadorias a serem tratadas com rigor técnico"; que tenha "uma relação de transparência com a opinião pública"; que reprima a censura do Estado, mas não considere "censura a tarefa de editar exercida pelos responsáveis por meios de comunicação"; que não se engaje "em organizações político-ideológicas [pois isso] pode prejudicar o desempenho profissional do jornalista"; que dê ao leitor o direito de ter acesso a visões múltiplas; que "apresente fatos comprovados", que tenha

<sup>18</sup> Não se trata de uma relação empírica: estar fora ou não do Brasil, ser ou não ser brasileiro. Talvez essas posições pudessem ser melhor compreendidas em termos de estar na posição de um jornalismo brasileiro e de um jornalismo fora do Brasil.

<sup>19</sup> O texto completo do Projeto Editorial do jornal Folha de S. Paulo está disponível no site <[http://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/manual\\_projeto\\_introducao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/manual_projeto_introducao.htm)>

limitadas suas intervenções aos temas da pauta e deva apenas falar quando seu superior lhe der a palavra. Assim, vemos funcionar fortemente o político, nessa posição, na relação Instituição x Jornalista.

Já a *posição-sujeito jornalista fora do Brasil* fala de outro lugar do jornalismo, em que a opinião é parte estruturante. Fala, muitas vezes, a partir da primeira pessoa e de um efeito de ironia que, segundo Authier-Revuz (1998), é uma forma de heterogeneidade mostrada não marcada por quebra no fio discursivo, e pode ser compreendida, de acordo com Migliaccio (2007), como um modo de protesto.

Essas duas posições de onde fala o jornalista ainda é entrecortada pela oscilação entre textos, em nosso arquivo, superficialmente favoráveis aos EUA

A queda de uma estátua de Saddam Hussein ontem em Bagdá não poderia simbolizar melhor essa invasão da coalizão anglo-americana no Iraque, que chega ao seu 22º dia às portas da vitória final. (Queda de estátua é o símbolo da invasão dos EUA, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 10/04/2003)

e superficialmente contrários às ações deste país,

As palavras de Bush quase que certamente confirmaram alguns dos piores temores do mundo sobre os EUA que ele preside: quando a ONU não se dobra à sua vontade, quando os aliados não querem acompanhá-lo, Bush simplesmente age só e puxa o gatilho. (A doutrina de guerra de Bush, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

reincidindo na regularidade da oposição certo/errado, bem/mal, moral/imoral. A partir dessas regularidades discursivas, é possível “detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados”.(PÊCHEUX, 2002, p. 57 ). Vale lembrar que embora possam ser compreendidos esses efeitos de identificação,

não há a implicação de que essa polarização se dê de fato, ou, ainda, poderíamos dizer que implica, isso sim, no apagamento de muitos sentidos não configurados por ela.

A administração desses sentidos nessa polarização produz, enquanto efeito, um controle dos modos de representação da Guerra e um efeito de completude dos sentidos da Guerra contidos no jornal. Isso porque *pré-construídos* produzidos na evidência ideológica de transparência da linguagem, dos sentidos, desfazem a opacidade da linguagem, dos sentidos, produzindo a ilusão de literalidade dos mesmos (FERREIRA, 2000). A Guerra significa ou X ou Y. Trata-se de uma oposição binária e excludente.

Esse efeito de literalidade, de objetividade é parte constitutiva do funcionamento das Instituições Jornalísticas. É esse funcionamento que permite o *Grupo Folha* sustentar, em seu projeto editorial, a produção de “um jornalismo crítico, apartidário e pluralista”. Esse projeto editorial está articulado diretamente à necessidade de que seus profissionais de jornalismo configurem-se por uma linguagem/língua que permita e produza um jornalismo crítico, apartidário e pluralista.

É nesse sentido que empresas jornalísticas como a *Folha* colocam os Manuais de Redação<sup>20</sup> em circulação. Os Manuais funcionariam, assim, na tentativa de responderem a uma demanda de um jornalismo em que o jornalista seja o mais objetivo possível de modo a relatar um fato com fidelidade, reproduzindo a forma, as circunstâncias e as repercussões, encarando o fato com distanciamento e frieza,

---

<sup>20</sup> Em nosso projeto de doutorado - DO MANUAL AO JORNAL – PERCURSOS PARA A COMPREENSÃO DO DISCURSO JORNALÍSTICO: NOTÍCIAS DE UMA GUERRA SEM FIM -, apresentado e aprovado pelo Departamento de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, nos deteremos mais de perto às questões relativas aos Manuais de Redação da Folha de S. Paulo.



procurando realizar um acordo sobre questões de normatização para os textos. (cf. SILVA, 2001)

Além disso, Silva (1998) afirma que os manuais, no formato atual e com a divulgação feita atualmente, “compõe[m] junto ao próprio jornal, uma referência de produção de textos e de produção de leitura (e de leitores)” (*idem, ibidem*, p.173).

Assim, colocar a produção jornalística nessa base, implica, discursivamente, controlar a representação de um determinado *acontecimento*. É de fundamental importância que se entenda aqui esse *controle* como uma prática ideológica tal como se compreende o funcionamento da ideologia na AD. Isto é, a ideologia não é um conteúdo, mas o processo de naturalização dos sentidos, ou, nas palavras de Orlandi (2003), o processo por meio do qual se faz do sentido uma evidência, des-historicizando seu processo de significação. Ao mesmo tempo, já nos disse Althusser, não há sujeito sem ideologia, com o que Pêcheux completa, mostrando que não há língua sem sujeito. Ou seja, a ideologia não é uma falha, ela é constitutiva do sujeito e da língua que o constitui. Desse modo, o controle político da representação da Guerra do Iraque se dá dentro de uma prática ideológica que escapa às vontades individuais, como diria Pêcheux (1997), algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Esse controle se dá, pois, pela *memória discursiva*.

Dentro desse pressuposto, é importante que nos perguntemos, ao mesmo tempo, se, ao jornalista, que fala da *posição-sujeito jornalista no Brasil*, caberia apenas o lugar da reprodução e não o da interpretação. Ou ainda, se haveria uma divisão: jornalistas autorizados a ler, escrever, interpretar e outros submissos à prática da cópia,

da indexação, da classificação. Sem, no entanto, fazer dessas perguntas possibilidade de respostas disjuntivas.

É justamente aí que percebemos um jogo de sentidos que na contradição mantém a linearidade da interpretação e sua evidência. Ele se dá no aparente contraste entre o ‘texto opinativo’ (*posição-sujeito jornalista fora do Brasil*) e o texto isento e objetivo: o ‘texto relatado’ (ou ‘texto notícia’). Nesse aparente contraste se produz a evidência da completez: o relato imparcial com todas as vozes se instala e a opinião também, construindo uma aparente controvérsia que satisfaz o leitor, o acomoda, o acolhe, espacializando um corpo de sentidos que reivindicam o cuidado humanitário com o planeta (crianças, animais, plantas, árabes...) e um corpo de sentidos que demandam a estabilidade do conhecido, do discernível, do “não-outro” (ou do “si-mesmo”). O mal-estar fica administrado.

Retornando para a pergunta, vemos então que em ambas as posições há *gestos de interpretação* – que se dão por injunções de natureza diferentes – que configuram textos de formas diversas. São esses textos que, colocados lado a lado na construção de uma unidade instalada pela *materialidade* de um caderno especial, reinstauram novos sentidos em uma textualidade que se tece na contradição desses dois lugares de dizer sobre a guerra. Há, portanto, um controle político da representação da controvérsia na narração da Guerra do Iraque.

## 1.2 Memória Discursiva

Possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação? Processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos? Tomada de vozes anônimas produzidas no *interdiscurso*?

Pensar a *memória discursiva* incorre na recorrência de enunciados, separando e selecionando aquilo que, dentro de determinadas *condições de produção*, pode ser atualizado no discurso ou não.

Na *memória discursiva*, dá-se a possibilidade de uma FDa produzir e operar formulações anteriores, que já foram ditas e esquecidas. Em outras palavras, a *memória discursiva* permite, na rede de formulações existentes em uma FDa, o aparecimento, o *esquecimento* ou a deriva de sentidos.

Desse modo, os sentidos se dão a partir da inscrição dos discursos na língua e na história. O discurso só significa dentro de uma dada *formação discursiva* historicamente constituída. Assim, podemos dizer que a incompletude é condição da linguagem. Os sujeitos, os sentidos e os discursos nunca estão acabados.

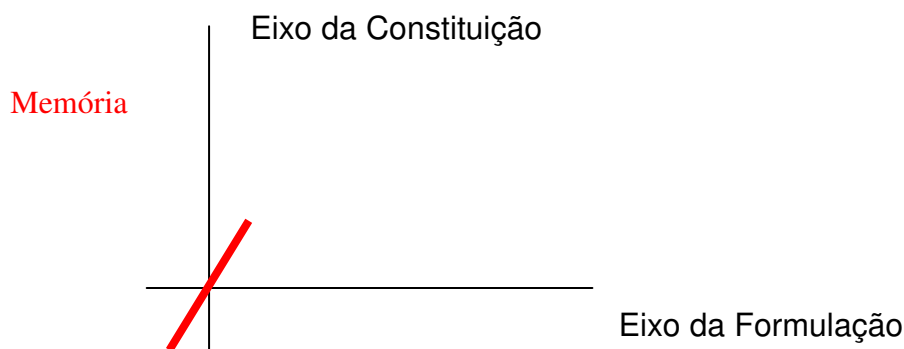
As *formações imaginárias* permitem a tomada das *posições-sujeito* ocupadas no discurso. Cada uma dessas posições significa em relação ao contexto sócio-histórico e à *memória*, ao *já-dito* (ao saber discursivo). Assim, o sujeito compõe a imagem de seu interlocutor para dizer-lhe o que diz, podendo até mesmo antecipar o que ele pensará

diante do que é dito. Dessa forma, ele organiza o seu discurso, antecipando aquilo que pode/deve ser dito de acordo com as relações de força postas em jogo.

Segundo Orlandi (2006), a *memória discursiva* é trabalhada pela noção de *interdiscurso*: algo fala antes, em outro lugar e independentemente. Trata-se, de acordo com a autora, daquilo que chamamos saber discursivo. É o *já-dito* que constitui todo dizer.

J.J.Courtine (1985) apud Orlandi (2006) afirma que podemos pensar dois eixos: o da constituição do dizer, que é representado como um eixo vertical. E o eixo da formulação, que é representado como um eixo horizontal. Esses eixos se cruzam, de maneira que todo dizer se dá no cruzamento do que chamamos constituição e formulação. Sendo que a constituição do dizer determina sua formulação.

### J.J. Courtine (1985)<sup>21</sup>



<sup>21</sup> Gráfico formulado a partir das leituras sobre memória discursiva e das aulas proferidas pela Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi-Fontana durante o curso 'As Formas do Discurso: Análise das Marcas e Propriedades', ministrado no decorrer do 2º semestre de 2006.

Orlandi (2006) nos diz que situamos a *memória* justamente no eixo vertical: são enunciações que se estratificam no eixo vertical de tal maneira que qualquer formulação se dá determinada pelo conjunto das formulações *já-feitas*. No entanto, há uma particularidade que define a natureza da *memória discursiva*: trata-se do *fato* que quando enunciamos há essa estratificação de formulações *já-feitas* que presidem nossa formulação e formam o eixo da constituição de nosso dizer. Mas são formulações *já-feitas* e esquecidas. Por isso é que a autora corrobora a afirmação de que a *memória discursiva* é constituída pelo *esquecimento* e acrescenta que a falha também a constitui. Há “‘furos’, ‘buracos’ na *memória*, que são lugares não em que o sentido se ‘cava’, mas, ao contrário, em que o sentido ‘falta’ por interdição”. (cf. Orlandi, 2007)

Para Orlandi (2006), nós mesmos esquecemos como as palavras significaram em cada uma de nossas enunciações. Não temos controle de como os sentidos se formam em nós, sujeitos, pois “falar é esquecer. Esquecer para que surjam novos sentidos mas também esquecer apagando os novos sentidos que já foram possíveis mas foram estancados em um processo histórico-político silenciador. São sentidos que são evitados, de-significados”. (ORLANDI, 2007, pp.61 e 62)

Michel Pêcheux, em seu texto publicado no livro, de Pierre Achard (2007), *Papel da Memória*, nos ensina que

“a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. (*idem, ibidem*, p.52)

A *memória*, segundo ele, é ativada pelo *acontecimento*, pois desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior, já que se trata necessariamente de “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”. (*op. cit.*, p.56)

Deve-se acrescentar que Orlandi (2007) abre um espaço para aquilo que está fora da *memória*, algo que não está nem esquecido nem foi trabalhado, metaforizado, transferido. Está in-significado, de-significado.

Há, ainda, a necessidade de distinguirmos o *interdiscurso* da chamada *memória de arquivo*, pois esta representa o discurso documental, a *memória institucionalizada* que é aquela que justamente fica disponível, arquivada nas instituições e da qual não se esquece. (cf. ORLANDI, 2006)

Além disso, é preciso referir ao que lemos em Nicole Loraux (1998), em seu texto *De l'amnistie et de son contraire*, no livro *Les Usages de l'Oubli*. A autora fala sobre a questão do *esquecimento*, tratando de um autor (Phrynikhos) que foi punido porque fez uma peça que lembrava aos atenienses uma guerra e seus inimigos. Ele foi exilado e condenado ao *esquecimento* e sua peça fora proibida, pois aquele fato não era para ser lembrado, deveria ser esquecido.

Loraux discorre, ainda, sobre como, para os gregos daquela época, a arte da política é a arte do *esquecimento*, da anistia, do que se deve lembrar-se de esquecer, fazendo uma divisão daquilo que se deveria lembrar e o se deveria esquecer para que a vida social e a história seguissem seu curso.

Nesse sentido, o que deve ser lembrado sobre a Guerra do Iraque? O que deve ser esquecido?

Primeiramente, o que é uma Guerra?

Consultando o discurso lexicográfico, temos no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa:

**Guerra** [substantivo feminino] 1.luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos/ 2. qualquer combate com ou sem armas; combate, peleja, conflito/ 5. disputa acirrada; hostilidade/ 6. luta encarniçada contra qualquer coisa a que se atribua um valor nocivo.

Há um consenso quanto ao que seja *guerra*, quanto ao que deve pertencer à *memória* de uma guerra? Se recorrermos há um site de busca na internet, como o Google Imagem<sup>22</sup>, por exemplo, e colocarmos 战争 ('guerra' em chinês), *la guerra* (para diferir a versão em espanhol da em português), *war* (guerra em inglês), *guerre* (guerra em francês), *guerra* e *guerra* + *Folha de S. Paulo*, diferentes serão as imagens que aparecerão. Seria esse um índice de anistia? A experiência jogaria na constituição de uma *memória* sobre guerra?

---

<sup>22</sup> A pesquisa foi feita em 12 de fevereiro de 2009, às 16h 26min. No quadro, apresentamos a primeira imagem que é fornecida na busca. Gostaríamos de lembrar que a ordem em que as figuras aparecem no site de busca pode sofrer alterações.

Entrada

Imagem

战 战争



La Guerra



War





**Guerre**



**Guerra**



**Guerra +  
Folha de  
S.Paulo**



Observamos a dissensão de sentidos que funciona nesse arquivo aparentemente aleatório como o de um ‘buscador’ da Internet e que nos mostra como o sentido é dividido. Para nossos objetivos específicos, vemos de um lado como guerra em inglês remete a um congelamento mítico e heróico da guerra (um contra todos, com tonalidades e jogos de efeito que remetem também a pinturas renascentistas típicas do espaço religioso), fazendo esquecer, dentre muitas outras: Malvinas, Vietnã, Segunda Guerra, Golfo ... Por outro lado, Guerra e *Folha de São Paulo* remete a um lugar comum da guerra dos outros: leste ou oriente, construindo no outro a evidência do totalitarismo, da truculência (Presidente Russo com inúmeros policiais x Herói do Xadrez amarrado com algemas). Há um arquivo institucionalizado que estabiliza sentidos para Guerra em determinados espaços de significação e não em outros.

### 1.2.1 *Memória Discursiva na Guerra do Iraque*

Essa relação tensa e contraditória da *memória discursiva* trabalha o tempo todo em nosso *arquivo*. Notamos um trabalho de atualização, ou ainda, de retextualização de *memória*, de releitura dos seguintes acontecimentos: da Guerra do Golfo, e, por conseguinte, da oposição de Bush Pai ao Iraque, das Cruzadas, das Guerras Imperialistas e das Missões. Para descrever esse trabalho, lançaremos mão de

*discursos disponíveis*<sup>23</sup> sobre esses acontecimentos para colocá-los frente à produção da *Folha* sobre a Guerra do Iraque.

A divulgação científica, considerada como um processo de difusão de pesquisas e teorias em âmbito geral, pode ser caracterizada pela re-enunciação de um discurso elaborado por especialistas e destinado a seus pares, em um discurso outro, reformulado por um divulgador e destinado ao grande público.

Authier-Revuz (1999) nos diz que a principal função destinada à divulgação científica é a comunicação entre ciência e público. Esse tipo de discurso é constituído pelo discurso científico e pelo discurso cotidiano. É um trabalho pelo e no discurso.

Orlandi (2001) considera o Discurso de Divulgação Científica como um jogo complexo de interpretação, já que trabalha na base de um duplo movimento em que o divulgador lê um discurso e diz em outro. Isso vai constituir efeitos de sentidos que são próprios ao que se denomina de divulgação científica. Produz-se aí uma versão. A divulgação científica é uma versão da ciência (Orlandi, 2005, p. 134). “Não é o discurso ‘da’, é o discurso ‘sobre’”. (Orlandi, 2001, p. 27).

Há assim uma transferência de sentidos: o que significava na ordem do discurso da ciência, desliza para produzir outros efeitos de sentido na ordem do discurso de divulgação científica. Há um deslizamento, que vai produzir outros efeitos de sentido.

Assim, um cenário da divulgação científica como discurso disponível que estabiliza, no senso comum, um conjunto de sentidos que configuram um imaginário vai sendo produzido.

---

<sup>23</sup> Entendemos os exemplares de divulgação científica como discursos disponíveis que circulam na sociedade significados enquanto fonte de informação e resposta de demandas sociais.

Desse modo, tomamos a Guerra do Golfo que, segundo a revista de divulgação científica Brasil Escola, é tida como um conflito que teve início em agosto de 1990, entre o Iraque e o Kuwait, na região do Golfo Pérsico, envolvendo os Estados Unidos e alguns países do Oriente Médio. Para esse periódico, o Iraque tinha como objetivo anexar o Kuwait ao seu território e controlar o petróleo kuwaitiano, o que fez com que, em 1990, começassem os ataques da imprensa de Bagdá contra o pequeno país, e, em 1991, se desse a invasão iraquiana de 100 mil soldados no Kuwait. (cf. <<http://www.brasilecola.com/>>)

Segundo a revista, o Kuwait foi anexado ao Iraque como a décima nona província do país, tendo a ONU reagido à guerra, com um embargo econômico contra o Iraque.

Continuando a revista em seu relato histórico afirma-se que em uma situação pós-Guerra Fria, os EUA intervieram e bombardearam o Iraque. O recurso iraquiano, denominado de ecoterror, foi o despejo de petróleo no golfo Pérsico e, quase ao final da guerra, o incêndio das instalações petrolíferas do Kuwait. Cerca de um mês após o início da guerra, o Iraque, submetido a bombardeios e a um avanço rápido das tropas terrestres da aliança, anunciava a devolução do Kuwait, em 28 de fevereiro de 1991. (cf. <<http://www.brasilecola.com/>>)

Nesse relato, configura-se os Estados Unidos enquanto aquele que necessariamente teria tido que assumir seu papel de única potência mundial e o Iraque, como aquele que perdeu a guerra, saiu enfraquecido e perdeu o seu prestígio.

Em nosso arquivo, a Guerra do Golfo é retomada e, muitas vezes, parece confundir-se, ou melhor, delir-se na Guerra do Iraque;

Poderíamos dizer que os EUA estão repetindo hoje a Guerra do Golfo, de 1991, mas isso é na verdade apenas um elemento de uma repetição histórica muito mais importante: o golpe de Estado no sistema global. (*Folha de S.Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

Pouco depois da queda do Muro de Berlim e do colapso da ordem bipolar da Guerra Fria, a primeira Guerra do Golfo ajudou a definir os termos da nova estrutura de poder global. (*Folha de S.Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

É incrível como, dez anos depois, estamos às portas da mesma guerra estúpida. (Discurso de Bush gera tensão e desesperança, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2008)

Seria a Guerra do Iraque apenas uma atualização do acontecimento da Guerra do Golfo? Haveria a possibilidade de afirmarmos que embora as designações sejam diferentes, a *memória* que perpassa ambas as Guerras seja a mesma?

Na esteira da Guerra do Golfo, podemos compreender o funcionamento de Bush Pai e Bush Filho fundindo-se: apenas um ‘homem’ lutando contra o Iraque;

a Guerra do Golfo, de 1991, (...) o golpe de Estado no sistema global - um novo 18 de Brumário, desta vez uma repetição de pai e filho, em vez de tio e sobrinho” (O 18 de Brumário de Bush, *Folha de S.Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

A relação dos Bush com o Iraque inicia-se com George H. W. Bush, Bush Pai, liderando a coalizão das Nações Unidas na Guerra do Golfo (1990–1991). Ação de política externa que seria questionada mais tarde, pois sua vitória militar fora incompleta, já que Saddam Hussein ficou no poder.

Em 2000, George Walker Bush, Bush Filho, venceu as eleições para a presidência americana. Segundo a Revista Veja, em seu texto *Bush Pai e Bush Filho*<sup>24</sup>, o 43º presidente americano tinha um objetivo claro: realizar o que seu pai, George Herbert Bush, o 41º presidente, não conseguira realizar.

Ainda com a Revista, nos dois primeiros anos de governo, George W. Bush teve uma trajetória bastante parecida com a do pai: bem-sucedidos na guerra, ambos eram aprovados pela população, mas depois viram sua popularidade despencar em função do fraco desempenho da economia.

Ademais, George W. Bush, de acordo com o texto em questão, tentou evitar os erros do pai e conquistar as metas que o patriarca não atingiu. O Iraque estava no centro dos planos dos Bush, se outrora o Pai havia deixado Saddam Hussein no poder, “o herdeiro político sempre desejou reparar este erro” (*op. cit.*) e apostou na Guerra do Iraque.

O argumento para a Guerra, dado por Bush Filho, foi recentemente, rechaçado por ele próprio

O fato mais lamentável de toda a presidência tem que ser a falha de inteligência no Iraque. Muitas pessoas colocaram suas reputações à prova e disseram que armas de destruição em massa eram um motivo para retirar Saddam Hussein, disse Bush. (Bush: falha de inteligência no Iraque foi erro mais lamentável<sup>25</sup>, O Globo, 01/12/2008)

---

<sup>24</sup> Texto disponível na Revista Veja on-line em < [http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/iraque/hist\\_bushs.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/iraque/hist_bushs.html)>. Acesso em 03 de dezembro de 2008.

<sup>25</sup> Texto publicado, on-line, pelo Jornal O GLOBO, em 01/12/2008, às 17h43min. Disponível em < [http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2008/12/01/bush\\_falha\\_de\\_inteligencia\\_no\\_iraque\\_foi\\_erro\\_mais\\_lamentavel-586788500.asp](http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2008/12/01/bush_falha_de_inteligencia_no_iraque_foi_erro_mais_lamentavel-586788500.asp)> Acesso em 03 de dezembro de 2008.

Quanto à possibilidade de entrar em guerra caso a inteligência tivesse dito que o Iraque não possuía armas de destruição em massa, Bush disse:

Essa é uma questão interessante. É uma reconstituição que não posso fazer. (Bush: falha de inteligência no Iraque foi erro mais lamentável , O Globo, 01/12/2008)

Bush afirmou que o assunto para o qual estava menos preparado quando assumiu a presidência era a guerra;

"Acho que não estava preparado para a guerra. Em outras palavras, não fiz uma campanha dizendo 'Por favor vote em mim, eu poderei lidar com um ataque'", disse Bush. "Eu não antecipei a guerra." (Bush: falha de inteligência no Iraque foi erro mais lamentável , O Globo, 01/12/2008)

Retirar as forças norte-americanas do Iraque antes do tempo apropriado teria comprometido seus princípios, disse Bush. Podemos perceber que há uma direção de sentidos nesses discursos disponíveis que indica uma a ânsia pela Guerra, como algo da ordem do afetivo e da honra – e, portanto, do indivíduo –, apagando justamente a ordem do político.

Se a Guerra do Golfo e Bush Pai remontam a uma *memória* de pouco mais de uma década, a configuração que essas relações vão tomando as remete também a sentidos atualizados e estabilizados das Cruzadas enquanto expedições de caráter militar organizadas pela Igreja para combaterem os inimigos do *Cristianismo* e libertarem a *Terra Santa* (Jerusalém) das mãos dos infiéis, um movimento que se estendeu desde os fins do século XI até meados do século XIII.

Considerando a questão territorial, os sentidos das Cruzadas se ligariam aos das Guerras Imperialistas, atualizando-se na busca por território, poder e petróleo estimados pelos EUA;

Em um aspecto mais venal, as iniciativas para controlar os vastos campos de petróleo no Iraque e no Oriente Médio certamente lembram diversas guerras imperialistas para acumular riqueza, como as tentativas britânicas um século atrás, na Guerra dos Bôeres, de assumir o controle das grandes minas de ouro da África do Sul. (O 18 de Brumário de Bush, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

Além disso, em nosso arquivo, configura-se uma atualização do interesse anterior de libertar os infiéis e reorganizar a *Terra Santa*, agora re-significados pelos iraquianos e pelo Iraque, respectivamente:

O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, afirmou ontem que 45 países declararam apoio aos Estados Unidos para uma ação militar no Iraque. (EUA têm apoio de 45 países, diz Powell, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

Discursando na Casa Branca anteontem, Bush parecia estar completando essa evolução, descrevendo os EUA como virtuais portadores do dever de policiar o mundo. (A doutrina de guerra de Bush, *Folha de S. Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

E ainda, nos meandros do discurso religioso, colocamos em relação as Cruzadas e as Missões, que possuíam cunho civilizador e evangelizador e traziam em si os significados da formação de uma sociedade expurgada do mal do paganismo.

Orlandi (1990) colabora com nossa reflexão na medida em que afirma a noção de civilização como uma evolução, quer seja nas regras de convivência, de



desenvolvimento, em conhecimentos ou em idéias religiosas; sentidos re-significados no argumento americano de 'levar a paz' aos povos do Iraque:

Os atuais esforços (...) são concebidos e apresentados usando-se os antigos termos da missão civilizadora das potências européias. O presidente Bush poderia se imaginar vestindo o manto dos grandes e nobres imperialistas que educaram os selvagens e levaram a civilização ao mundo. Devemos ter a coragem de ajudá-los, ele diz, e eles nos agradecerão mais tarde." (O 18 de Brumário de Bush, *Folha de S.Paulo*, Caderno Mundo, 19/03/2003)

Esses parecem-nos ser os sentidos que nos são permitidos lembrar, atualizar no acontecimento da Guerra do Iraque, no entanto, fica o questionamento sobre quais sofreram interdição?

### *1.3 Os Nomes da Guerra e de Seus Protagonistas*

Em *Semântica do Acontecimento* (1998), Guimarães afirma que o objeto só é constituído na e por meio da linguagem, em um lugar que é atravessado por diversas enunciações:

Diria que o objeto é uma exterioridade produzida pela linguagem, mas não se reduz ao que se fala dela, pois é objetivada pelo confronto de discursos. Em que sentido isto se dá? No sentido em que o objeto é constituído por uma relação de discursos. A sua materialidade é de confronto. (GUIMARÃES, 1995, p. 74)

Para o autor, a relação de designação é uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposto à diferença.

Assumir essa posição é permitir a inserção da história, é tratar o sentido como uma questão enunciativa em que a enunciação seja vista historicamente, é dizer que o *acontecimento* nomeia um referente e mobiliza uma historicidade que lhe é própria.

Orlandi (2003) afirma que o funcionamento da linguagem ocorre pela relação entre *paráfrase* e *polissemia*: a relação entre o “mesmo” e o “diferente”, a produtividade e a criatividade. Este funcionamento está relacionado ao *interdiscurso*, à *memória*.

Desse modo, temos o “mesmo”, marcado pela *paráfrase*, retorno ao mesmo espaço dizível; e o “diferente”, marcado pela *polissemia*, deslocamento dos sentidos. Nessa relação, o que funciona é o imaginário, que acaba por produzir os efeitos metafóricos, de re-significação, de transferência de sentidos, de deslizamento, de equívoco, mostrando o ponto em que a língua falha.

Remontando ao nosso arquivo, colocamo-nos frente ao processo de designação da guerra, dos países participantes e dos indivíduos envolvidos. Isso, pensando naquilo que Eduardo Guimarães (2002) afirma:

A Nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome. A designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real. (Guimarães, 2002, p.09)

Nesse sentido, designar a Guerra como *do Iraque*, atribui ao país a posse da guerra. Possuir uma guerra não é nem de longe algo positivo. Quem quer possuir uma guerra se recuperados todos os sentidos negativos carregados por essa forma nomeação? Então, porque um jornal designaria a Guerra como *do Iraque*? A *Folha* não designa a guerra como *do Iraque* em toda sua produção escrita. Chama-nos a atenção, por exemplo, um *fato discursivo* importante: quando consultamos a *Folha Online* nos deparamos com um título de notícia “Entenda a Guerra *do Iraque*”, de 19 de Março de 2003 (marco discursivo da *Folha* como o início da Guerra), e com uma seção encontrada no link <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/guerranoiraque/>>, na qual percebemos a língua em equívoco, pois Guerra *no Iraque* desliza para *do Iraque* na apresentação da seção.

Esse atribuir ao Iraque a ‘posse’ da Guerra faz parte do sentido de polarização EUA x Iraque, significada no Mundo Ocidental como Bem x Mal. Polarização em que se colocam também as posições a partir das quais se enuncia - o superficialmente favorável aos EUA e o superficialmente contrário às ações deste país, reincidindo na regularidade da oposição certo/errado, bem/mal que ressoam na *discursividade* religiosa.

Voltando aos textos que constituem nosso arquivo, compreendemos que a guerra é designada por meio de diferentes construções: quando o substantivo *guerra* combina-se a um adjetivo, vemos os sentidos deslizarem... a guerra sendo significada como *iminente, civil, americana, inevitável, preventiva, árabe-americana, cirúrgica e precisa, atual, mundial, estúpida*; quando pensamos a questão do onde ocorre a guerra, temos *no Iraque, do Golfo* (não remetendo ao pertencimento, mas sim ao sentido já

estabilizado pela história) e *no Golfo Pérsico*. A guerra também é designada por construções do tipo *a guerra é... a de Saddam Hussein, contra o Iraque, ao Terror, contra os americanos, ao Iraque, contra Saddam Hussein, falência do espírito humano, incompleta, com gafes e mais demorada do que o esperado, uma vergonha, uma brutalidade, [com] erros, do não e de verdade*. A observação desses deslizamentos nos sentidos remonta, mais uma vez, à polarização, à dicotomizações, a linearizações. Não há espaço para a ambigüidade, para a contradição.

Além disso, em um movimento parafrástico a Guerra torna-se *ação militar, ataque, bombardeio, campanha, invasão, saída militar, ação armada, conflito intervenção, confronto, operação, ocupação, ofensiva, batalha, problema, versão nova do colonialismo e do imperialismo, luta, golpe de Estado, autodefesa*. Na retomada dessas *paráfrases*, a guerra é explicada como aquela que *causa dano moral a alguém, injúria; centraliza ações em ato de lançamentos de bombas ou projéteis de artilharia, com o fim de danificar ou destruir um alvo; é uma série de operações militares desencadeada em determinado local e em determinado tempo; é o combate entre forças oponentes, em terra, no ar e/ou no mar; é uma possibilidade de defender-se por meio do ataque*.

Saddam e Bush também são significados por novas designações. Saddam é antes de tudo *Hussein*, o sobrenome aqui acaba determinando o nome, a noção de uma existência familiar sobrepõe-se ao indivíduo, ser único. Ademais, Saddam é designado pela construção *Saddam é*, produzindo efeitos de sentido que o levam do bem para o mal a todo momento, *ditador, brutal, fracassado, iraquiano, do Iraque, autoridade central, o homem mais confiante do Iraque, grande líder, presidente, sua*

*excelência, tirano, Hitler moderno, próximo Osama Bin Laden, herói para alguns no mundo árabe, rosto do Iraque, admirador do ditador soviético Josef Stálin, cruel, assassino, Criminoso, responsável por tantas infelicidades e salvador.*

Bush é sempre significado pelo nome de família, trazendo colado nesse funcionamento a *memória* de uma fusão entre pai e filho. Além disso, é designado por meio da construção *Bush é...* que afora o complemento *presidente*, que traz a idéia de ordem, de democracia, é sempre completa por uma significação de cunho negativo como *criminoso de guerra, déspota, mentiroso, idiota, ignorante, ditador, juiz do que está certo ou errado, imperador, caubói sempre com o dedo no gatilho, fundamentalista, terrorista número 1 do mundo*, assumindo muitos sentidos que pelo senso comum seriam atribuídos a Saddam.

Os civis envolvidos na guerra também são designados na polarização: *os que vivem nos EUA são... americanos, cidadãos americanos, virtuais portadores do dever de policiar o mundo, norte-americanos, orgulhosos de sua liderança, sua tecnologia e seus militares, uma população inteligente e tem a responsabilidade de disseminar a democracia pelo mundo*, designados por sentidos que os colocam como superiores em relação aos *que vivem no Iraque*, pois esses apesar de *cidadãos iraquianos*, tem os sentidos de *gozo de direitos constitucionais e respeito às liberdades democráticas* sustentados pelas construções que os designam como *...ameaça, curdos, Eixo do mal, extremistas islâmicos, xiitas, sunitas, multidão de famintos e desesperados, pobres, grande população, povo.*

Se os americanos são construídos por *paráfrases* das *noções de orgulho pela Nação, de ordem, de desenvolvimento*, os iraquianos são significados do lugar *da*

*barbárie, do não-civilizado, do sem identidade*, pois ao serem designados como *população* e depois como *povo* têm contrapostos os sentidos de que se mora em um mesmo país, tem-se os mesmos direitos e deveres, a mesma língua, dando assim sustentação a compreensão que os coloquem em uma posição de menor prestígio que a dos americanos.

Desse modo, os sentidos de polarização, constituído em nossos apontamentos anteriores são mais uma vez reforçados: a Guerra é X ou Y; Bush é X, Saddam é Y; Americanos são X, Iraquianos são Y. Nessa rede de designações desambigüizadas é preciso sempre lembrar, tal como afirma Orlandi (2008), que dizer algo é também silenciar algo, assim dizer X é silenciar Y.

Nesse sentido, pensando essa polarização retomamos Julia Kristeva, em *Étrangers à nous-mêmes* (1988), em sua afirmação de que a noção de estrangeiro, daquilo que é diferente, começa quando surge a consciência da diferença e termina quando há o reconhecimento no outro. Assim, Bush, Saddam, EUA, Iraque, Americanos e Iraquianos se reconhecem numa relação, a um só tempo, polarizada e de espelhamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os questionamentos que impulsionaram nossas reflexões aqui apresentadas são de longa data. Em 2003, época em que o conflito ocorreu, nosso interesse pela questão da Guerra do Iraque e sua constituição enquanto notícia foi foco de nosso trabalho de Iniciação Científica. Anos mais tarde e muita leitura e trabalho depois, nos colocamos novamente em posição de compreendê-los e interpretá-los.

Tivemos, como objetivo, neste trabalho, a compreensão dos processos de produção de sentidos em jogo no discurso do jornal *Folha de S.Paulo* acerca da Guerra do Iraque e o funcionamento do político nos modos de organização desses textos.

No decorrer desta pesquisa, explicitamos que o discurso jornalístico funciona em um espaço discursivo que configura a imprensa enquanto aquela que, na sociedade contemporânea, se interpõe entre os fatos e o leitor em um movimento de sentidos que a significa como imparcial e objetiva.

Vimos que os textos da *Folha* têm como *condições de produção* os jornalistas da *Folha* e enviados especiais, enunciado, no momento específico em que ocorrera o conflito, a partir de injunções políticas e religiosas que se colocam na polarização EUA x Iraque. Além disso, pudemos compreender que as *condições de produção* que significam os EUA como conhecidos, como o lugar do *já-sabido*, como uma nação cujo *discurso fundador* instaura sentidos que os autorizam a invadir o Iraque, jogam na constituição dos textos e no modo de encerrar a questão discursivamente, já que, quando se fala sobre o Iraque, um

discurso mítico, do desconhecido, coloca como fundamental o *dizer sobre*, a administração dos sentidos por meio de textos que ‘contam’ sua história.

Tratando mais propriamente dos processos de constituição dos sentidos, puderam ser percebidas duas *posições-sujeito* – a *posição-sujeito jornalista no Brasil*, que enuncia a partir de certo contrato de neutralidade, sob a interdição proposta pela prática jornalística e a *posição-sujeito jornalista fora do Brasil*, que produz um sentido de uma maior liberdade naquilo que se refere ao modo de escrever e posicionar-se em relação ao assunto em pauta. Mostramos que essa dupla posição produz enquanto efeito-leitor, a completude e a tranqüilidade, a demanda pela informação e pela manifestação pública de desagravo fica respondida. No entremeio a essas *posições-sujeito* compreendemos regularidades que nos indicam formulações produzidas na configuração do superficialmente favorável às ações dos EUA e o superficialmente contrário a essas ações. Pudemos compreender que esses funcionamentos vão na direção de um controle político da representação da controvérsia, linearizando a contradição.

Não menos importante fora a questão da *memória discursiva* que pôde ser retomada por meio de um trabalho de atualização de alguns acontecimentos que sustentam, legitimam, dão coerência à Guerra do Iraque: a Guerra do Golfo; os ideais das missões jesuíticas, das cruzadas, das guerras imperialistas. Bush, o filho que vinga as derrotas do pai.

Pensando os modos de designar o conflito, a guerra disseminada pela imprensa como *do Iraque*, territorializa o problema e dá propriedade a ele. Apesar da dissensão de sentidos que comparece nas diferentes qualificações da Guerra, de Bush, de Saddam, dos americanos e dos árabes, mantém-se regularmente o batimento entre bem x mal. Parece



ser o único argumento/divisão que sustenta a injunção por um mundo semanticamente estável.

Assim, compreender os funcionamentos em jogo nessa construção discursiva de uma Guerra consiste em um processo complexo com questões inacabadas, com interrogações que se colocam. Mas os efeitos de sentido observados em nossa pesquisa nos permitem dizer que uma forte polarização entre EUA x Iraque é criada, ou melhor, reiterada pela produção da *Folha de S. Paulo*. Um embate entre racionalidade/irracionalidade, desenvolvimento/não-desenvolvimento, civilidade/não-civilidade vai sendo construído parafrasticamente. Os EUA vão sendo significados pelo conhecimento ocidental enquanto o Iraque é sempre colocado no lugar do desconhecido, do mítico, do não-sabido.

Em meio à opacidade, à incompletude, à dispersão que constitui e produz efeitos de sentido, damos um fecho ao nosso trabalho. Um fecho que não carrega em si significações de conclusões definitivas, mas aponta para caminhos ainda a serem compreendidos, interpretados, re-significados...

## BIBLIOGRAFIA

ACHARD, Paul *et al.* **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007. (Tradução e Introdução de José Horta Nunes)

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. (Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi)

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras Incertas**: As não-coincidências do Dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dialogismo e Divulgação Científica. *In: Rua*: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP-NUDECRI. Campinas, SP, n.05, março, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. (Tradução de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro)

**BRASIL ESCOLA**. Disponível em < <http://www.brasilecola.com/>>

BOFF, Leonardo. **O que é Fundamentalismo**. s/d. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/guerrairaque/fundamentalismoboff.html>>

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *In: Langages*. Analyse Du Discours Politique, 1981, volume 15, número 62, pp. 9-128. Disponível em <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/lgge\\_0458-726x\\_1981\\_num\\_15\\_62](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/lgge_0458-726x_1981_num_15_62)>

DUGAICH, Cibele Mara. **O Marketing Político Americano da Guerra Fria**: Discurso, Mistificação e Mídia. 2001. 255 pp. Tese de Doutorado em Lingüística – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambigüidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Ed.UFRGS, 2000.

FILHO, L. F. C. *et al.* **Manual da Redação**: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

FILHO, L. F. C. *et al.* **Novo Manual Geral de Redação**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996. Disponível em: <  
[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_introducao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introducao.htm)>

GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Tradução de Bethania Sampaio Correa Mariani, Lourenço Chacon Filho, Manoel Gonçalves, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Péricles Cunha, Silvana Mabel Serrani, Suzi Lagazzi, Maria Augusta B. de Mattos, Jonas de Araújo Romualdo).

GUILHAMOU, Jacques & MALDIDIER, Denise. Efeitos de Arquivo: A Análise do Discurso do lado da História. *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **Gestos de Leitura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. **Os Limites do Sentido**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. Para uma História dos Estudos sobre Linguagem. *In*: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**. Campinas, SP: UNICAMP/Pontes, jul.dez.2001. n.08

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (org.). **Produção e Circulação do Conhecimento**. Estado Mídia, Sociedade. Vol.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (org.). **Produção e Circulação do Conhecimento**. Política, Ciência, Divulgação. Vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (org.). **Sentido e Memória**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1998.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul & PÊCHEUX, Michel. La Sémantique et la Coupure Saussuriense: langue, langage, discours. *In*: **Langages**, n. 24, Paris: Didier- Larousse, 1971, pp. 93-106.

HENRY, Paul. Os Fundamentos Teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP:

Editora da UNICAMP, 1990. (Tradução de Bethania Sampaio Correa Mariani, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Gonçalves, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Péricles Cunha, Silvana Mabel Serrani, Suzi Lagazzi, Maria Augusta B. de Mattos, Jonas de Araújo Romualdo).

HENRY, Paul. A História não existe? *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (org.) **Gestos de Leitura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

INDURSKY, E. & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**: uma Relação de Nunca Acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

KRISTEVA, Julia. **Etrangers à nous-mêmes**. Paris, Fayard, 1988.

LAGAZZZI, Suzy Maria Rodrigues. **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. 1998. Tese de Doutorado em Lingüística – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. 8.ed.São Paulo:Ática,2006.

LORAU, Nicole. De l'amnistie et de son contraire. *In*: YERUSHALMI, Yosef. H. *et al.* **Usages de l'Oubli**. Paris: Éditions Du Seuil, 1998.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas, SP: Pontes, 2003. (Tradução Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi)

MAGNOLI, Demétrio. **A Força do Nacionalismo**. Folha de S. Paulo. 10 de Abril de 2003; Caderno Mundo.

MARIANI, B. S. C. Discurso e Instituição: a Imprensa. *In*: **Rua**: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP-NUDECRI. Campinas,SP, n.05, março, 1999.

MARIANI, Bethania Sampaio Correa. **O PCB e a Imprensa**: os Comunistas no Imaginário dos Jornais. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP.UNICAMP, 1998.

MARIANI, Bethania Sampaio Correa. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org). **Discurso Fundador**: a Formação do País e a Construção da Identidade Nacional. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

MIGLIACCIO, Luciana Adayr Arruda. **O jornal 'O Estado de S. Paulo' e a revista 'Veja' após o Ato Institucional nº 5**: análise semiótica do discurso jornalístico de

resistência. Dissertação de Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, SP: 2007. 261p.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: Análise e História**. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: FAPESP – São José do Rio Preto, SP: FAPERP, 2006.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **A Leitura e os Leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **Gestos de Leitura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **Discurso Fundador: a Formação do País e a Construção da Identidade Nacional**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Divulgação Científica e Efeito Leitor: uma política social urbana. *In*: GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (org.). **Produção e Circulação do Conhecimento**. Estado Mídia, Sociedade. Vol.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: Editora UNEMAT, 2001b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: as Formas do Discurso**. 2.ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Análise de Discurso. *In*: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy & ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Maio de 68: os silêncios da memória. *In*: ACHARD, Paul *et al.* **Papel da Memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007. (Tradução e Introdução de José Horta Nunes)

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **As Formas do Silêncio: no Movimento dos Sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Sujeito e Discurso**. São Paulo: Editora da PUC-SP (Série Cadernos PUC – 31), 1988b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Do Sujeito na História e no Simbólico. *In: Escritos*. vol. 4. Campinas, SP: LABEURB/ UNICAMP, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org). **Gestos de Leitura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Interpretação**: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Língua e Conhecimento Lingüístico**: para uma História das Idéias no Brasil . São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Silêncio e Implícito (Produzindo a Monofonia). *In: GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (org.). História e Sentido na Linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Terra à vista: Discurso do Confronto**: Velho e Novo Mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **Discurso Fundador**: a Formação do País e a Construção da Identidade Nacional. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org). Gestos de Leitura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. (Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi)

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. *In: ACHARD, Paul et al. Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes, 2007. (Tradução e Introdução de José Horta Nunes)

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma Crítica à Afirmação do Óbvio. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. (Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli)

Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani)

PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Tradução de Bethania Sampaio Correa Mariani, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Gonçalves, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Péricles Cunha, Silvana Mabel Serrani, Suzi Lagazzi, Maria Augusta B. de Mattos, Jonas de Araújo Romualdo).

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli & GERALDI, João Wanderley (orgs.). Caderno de Estudos Lingüísticos, 1990, Campinas: UNICAMP, 1990b. (Tradução de José Horta Nunes)

PFEIFFER, Claudia Castellanos. **Bem dizer e retórica**: um lugar para o sujeito. 2000. Tese de Doutorado em Lingüística – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

SILVA, Telma Domingues da. Referências de Leitura para o Leitor Brasileiro na Imprensa Escrita. *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **A Leitura e os Leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

SILVA, Telma Domingues da. Os Manuais da Imprensa no Brasil: Da Redação à Circulação Pública. *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (org.). **História das Idéias Lingüísticas**: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional. Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: UNEMAT Editora, 2001.

SILVA, Telma Domingues da. **Televisão brasileira**: a Comunicação Institucionalizada. Tese de Doutorado em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2002. 267p.

TRIPP, Charles. **História do Iraque** – ou do Nascimento e Estado de uma Nação. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003. (Tradução de Luís Cadete).

**ANEXOS**



## 1. Notícias que compõem nosso arquivo.

FOLHA DE S.PAULO **mun**do

São Paulo, quarta-feira, 19 de março de 2003

GUERRA IMINENTE

SEM VOLTA

Para Casa Branca, esse foi o último erro do ditador; prazo para iraquiano deixar o poder vence hoje às 22h15 de Brasília

### **Saddam rejeita ultimato, e Iraque se diz pronto para luta**

Ahmed al-Rubaye/France Presse

DA REDAÇÃO

O ditador do Iraque, Saddam Hussein, rejeitou ontem o ultimato imposto pelo presidente dos EUA, George W. Bush, anteontem, que lhe dava 48 horas para deixar o poder. O prazo vence amanhã às 4h15 no horário iraquiano (22h15 de hoje em Brasília). Caso o ultimato não seja cumprido, os EUA iniciarão uma ação militar para depor Saddam.

A decisão do ditador foi divulgada pela rede estatal de TV do Iraque, que mostrou imagens de Saddam vestido com uniforme militar em reunião de gabinete.

"A reunião determinou que o Iraque e todos os seus filhos estão totalmente preparados para enfrentar e repelir os agressores", disse o apresentador da TV, lendo um comunicado oficial.

"O Iraque não escolhe o seu destino por meio das ordens de estrangeiros e não escolhe seus líderes de acordo com decretos de Washington, Londres ou Tel Aviv. Escolhemos com base no desejo da grande população iraquiana", afirmou o comunicado.

A aparição de Saddam na TV aconteceu horas após Bush divulgar o seu ultimato, exigindo que o ditador iraquiano deixasse o poder junto com seus filhos e principais aliados para evitar a guerra.

Os EUA insistiram ontem que ele deve deixar o poder. Segundo o porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer, se o ditador não fizer isso, "será o seu último erro".

Bush afirma que Saddam não respeitou resoluções da ONU que o obrigam a se desfazer de armas de destruição em massa. O ditador nega possuir essas armas.

Os EUA e o Reino Unido possuem cerca de 300 mil militares mobilizados no golfo Pérsico.

O filho mais velho de Saddam, Uday, e o chanceler Naji Sabri, também atacaram os EUA e seus aliados.

"O ultimato deveria ser para Bush deixar os EUA. Ele e a sua família", disse Uday em comunicado. Segundo o filho de Saddam, "as mulheres e as mães desses americanos que lutarão contra nós irão derramar sangue, não lágrimas".

"Elas não devem imaginar que eles terão segurança dentro ou fora do Iraque."

Sabri chamou Bush e o premiê britânico, Tony Blair, de "criminosos de guerra", "mentirosos" e "déspotas". "Os dois deveriam deixar o poder para evitar a guerra", disse Sabri em Bagdá.

"Como um idiota e ignorante conseguiu chegar à Presidência dos EUA? Um homem que não sabe se a Espanha é uma monarquia ou uma república. Como esse homem se tornou presidente de uma população inteligente como a americana?", disse.

Para Sabri, o objetivo dos EUA é conseguir o petróleo do Iraque e servir aos interesses de Israel.

-----  
Com agências internacionais

## Bagdá prepara-se para enfrentar perigos inimagináveis

ROBERT FISK  
DO "THE INDEPENDENT", EM BAGDÁ

A escuridão começa a surgir, aquela névoa de ansiedade que cerca as pessoas quando elas compreendem que estão enfrentando perigos inimagináveis. Não são apenas as milhares de lojas vazias e trancadas em Bagdá, cujos donos estão transportando as mercadorias para casa com medo de saques. E não se trata sequer da visão de barcaças de concreto ao longo do rio Tigre para cuidar do transporte caso os ataques norte-americanos destruam as grandes pontes que cruzam o rio. É um sentimento -e estou citando um morador de Bagdá há um quarto de século- de que "a cola se desfará e não restará nada que mantenha as pessoas unidas".

O pesadelo não é tanto o de um bombardeio cruel do Iraque, cuja inevitabilidade agora está assegurada, mas o da crescente convicção de que uma invasão anglo-americana provocará uma guerra civil, de xiitas contra sunitas, de sunitas contra curdos, de curdos contra turcomanos. Dirigindo pelas ruas das grandes favelas xiitas em Saddam City, é possível compreender os temores da minoria sunita, de que os pobres invadirão as ruas de Bagdá em hordas de dezenas de milhares para pilhar os bairros mais prósperos assim que a autoridade central cair.

Que falta de fineza, vocês podem dizer. Será que os xiitas não foram o grupo mais reprimido no Iraque ao longo das últimas décadas? Em torno de Bagdá, as pessoas percebem a presença da Guarda Republicana; seus postos de controle vêm-se tornando mais impressionantes. A principal rodovia para o norte do Iraque está fechada há três dias, e assim as linhas gerais de um cerco já estão mais ou menos definidas.

Membros do governo estão falando agora de um toque de recolher diurno e noturno, enquanto durarem os bombardeios.

Na Guerra do Golfo, em 1991, os moradores de Bagdá lotaram suas geladeiras de carne e descobriram que a destruição das redes de eletricidade pelos ataques americanos fez com que toda essa comida apodrecesse em horas. Agora, estão comendo tudo o que suas geladeiras contêm e comprando toneladas de pão, biscoitos, tâmaras e frutas secas. Milhares de usuários de e-mail no Iraque vêm recebendo mensagens anônimas em árabe delineando os tratamentos médicos que devem ser empregados em caso de ataque químico ou biológico. Os e-mails não sugerem quem poderia usar essas armas de destruição em massa.

Os e-mails não mencionam algo que os norte-americanos provavelmente prefeririam esconder: o fato de que eles pretendem usar sem reservas sua munição com base de urânio, conhecida como DU. Dezenas de milhares de pacientes da síndrome da Guerra do Golfo e um número crescente de médicos acreditam que emanações desses projéteis especiais para perfurar blindagens tenham causado surtos de câncer, especialmente na região de Basra, onde foram usados há 12 anos.

Agora, no entanto, em declarações que passaram virtualmente ignoradas fora do Kuwait, o general Buford Blount, da 3ª Divisão de Infantaria norte-americana, admitiu francamente que seus soldados estariam uma vez mais usando projéteis DU na batalha pelo Iraque. "Se recebermos a ordem de atacar, os preparativos finais só demorarão alguns dias", declarou. "Já começamos a desembulhar nossos projéteis antitanques de urânio."

Assim, com o relógio marcando cinco minutos para a meia-noite, quem parece ser o homem mais confiante do Iraque? Na televisão estatal, ontem, ele voltou a aparecer, insistindo em que suas forças destruirão as tropas invasoras norte-americanas e que as mães norte-americanas chorariam lágrimas de sangue.

Ele estava de uniforme e sorria confiantemente, como sempre. Talvez haja algum reconforto a ser extraído das palavras do Grande Líder. Anteontem, enquanto Bush lhe dava 48 horas para partir rumo ao exílio, Saddam regalava o mundo com suas garantias.

"Quando Saddam Hussein diz que não temos armas de destruição em massa, isso quer dizer que ele quer dizer o que diz", explicou. E então mais uma dose da retórica já familiar: "Se os Estados Unidos atacarem, encontrarão combatentes iraquianos por trás de cada pedra, muro ou árvore, em defesa de sua terra e liberdade".

Há duas semanas, Saddam dizia aos seus soldados que "toda essa conversa sobre as armas que os norte-americanos têm" era bobagem. "Devemos planejar com base em campos de batalha em toda parte, um campo de batalha onde quer que as pessoas estejam". Orwelliano não é o adjetivo certo para ele. Enquanto um quarto de milhão de soldados americanos se preparavam para invadir o Iraque, o jornal "Babylon", de Bagdá, informava, ontem, que "o presidente Saddam Hussein, que Deus o preserve, recebeu um telegrama do Ministério da Indústria e Minerais, pelo aniversário da visita de Sua Excelência às fábricas de laticínios em Abu Ghorab, em 16 de março de 1978".

Laticínios? Não era sobre isso que Saddam Hussein estava pensando 13 anos atrás ao dizer a um estudante britânico refém, pouco antes de libertá-lo, que ele deveria "lembrar-se sempre de tomar leite a cada dia"? Mas a declaração que o mundo esperava ouvir do líder iraquiano veio de um de seus representantes. "O presidente nasceu no Iraque e vai morrer no Iraque", afirmou.

---

Tradução de Clara Allain

## COALIZÃO

Segundo o secretário de Estado, 30 apóiam abertamente a ofensiva no Iraque, e outros 15 preferem manter anonimato

**EUA têm apoio de 45 países, diz Powell**

DA REDAÇÃO

O secretário de Estado norte-americano, Colin Powell, afirmou ontem que 45 países declararam apoio aos Estados Unidos para uma ação militar no Iraque. Segundo Powell, desse grupo, 30 deram apoio público (leia lista ao lado) e os outros 15 preferiram manter o anonimato.

"Temos agora uma coalizão que inclui 30 nações que publicamente afirmaram que poderiam ser incluídas nessa lista e outros 15 países que, por uma razão ou por outra, não desejam ter seus nomes anunciados, mas que estarão dando apoio à coalizão", afirmou.

"Espero que todos possam fazer todo o possível, dentro de suas possibilidades, para apoiar a coalizão militar, diplomática, política ou economicamente", afirmou.

Parte desses 30 países poderá auxiliar enviando tropas ao Iraque, enquanto o restante poderá colaborar com assistência logística ou permitindo aviões da coalizão sobrevoarem sobre seus territórios, afirmou ontem o porta-voz do Departamento de Estado, Richard Boucher.

Boucher disse que Washington está "decepcionado" com a decisão do vizinho México de não apoiar, no âmbito do Conselho de Segurança da ONU, uma ação militar dos EUA no Iraque .

O porta-voz não especificou quais países poderiam auxiliar enviando tropas ao Iraque. Sabe-se que o Reino Unido já enviou cerca de 45 mil soldados, e a Austrália mandou outros 2.000.

Apesar de o Parlamento turco ter vetado a proposta dos EUA de usar o território do país para invadir o norte do Iraque, a Turquia foi incluída na lista dos países que abertamente apóiam os EUA na guerra. Powell afirmou estar confiante em que a Turquia vá cooperar, de uma forma ou de outra, na ação contra o Iraque.

Boucher não quis comentar o fato de nenhum país árabe fazer parte da lista. Autoridades afirmam, no entanto, que os governos árabes têm colaborado mais nos bastidores do que admitem em público. Tais países teriam medo de uma reação pública interna contrária ao apoio aos EUA contra o Iraque. Israel, o mais forte aliado de Washington no Oriente Médio, também não consta da lista.

O porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer, afirmou ontem que as tropas lideradas pelos EUA entrarão no Iraque mesmo que o ditador Saddam Hussein aceite o ultimato dado por Bush anteontem, para que ele e seus filhos deixem o país num prazo de 48 horas. Segundo Fleischer, as tropas da coalizão irão buscar armas de destruição em massa no país.

"Uma coalizão dos que apóiam os EUA desarmará o Iraque de Saddam Hussein não importa quem o suceda", disse Fleischer. Segundo Powell, até agora Saddam rejeitou o ultimato de Bush, mas uma série de países ainda tenta persuadir o ditador iraquiano a deixar o país para o exílio.

-----  
Com agências internacionais

**Nicarágua diz que não integra lista de americano**

DA FRANCE PRESSE

O presidente da Nicarágua, Enrique Bolaños, desmentiu o secretário de Estado dos EUA, Colin Powell. Ele afirmou que o país não respalda uma ação militar contra o Iraque e que acredita que a solução para a crise deve se dar por meio do Conselho de Segurança.

"Não assinei nenhuma declaração nem nada que esteja relacionado à guerra", disse o presidente.

A Nicarágua, a Colômbia e El Salvador, de acordo com Powell, seriam os únicos países da América Latina a optarem por uma saída militar para a crise.

**Turquia debaterá cessão de espaço aéreo**

DA REDAÇÃO

O governo da Turquia anunciou ontem que pedirá ao Parlamento que conceda autorização para liberar o espaço aéreo e o uso de bases aéreas do país para as forças americanas.

Porém, na moção que deverá ser apresentada ao Parlamento, o governo turco não deve pedir uma autorização que permita aos EUA enviarem tropas e equipamentos militares ao país, de onde os americanos poderiam abrir uma segunda frente de batalha contra o Iraque, pelo norte.

A votação, segundo um porta-voz do governo, deve ocorrer no máximo até amanhã. O mais provável, no entanto, é que seja realizada ainda hoje. Não foi informado se mais adiante será enviada ao Parlamento outra moção que contenha a autorização para o envio de tropas.

No último dia 1º, o Parlamento (onde o governo tem maioria) rejeitou, por pequena margem, um acordo militar com os EUA, que incluía uma ajuda econômica à Turquia de bilhões de dólares, em troca da liberação para o envio de tropas americanas ao país. A opinião pública turca é contra a liberação de bases.

Os EUA planejavam enviar 62 mil soldados para a Turquia.

---

Com agências internacionais

## Tropas se aproximam da fronteira iraquiana

ANDREW BUNCOMBE

DO "THE INDEPENDENT", EM AL KUAIT

As tropas britânicas e americanas reunidas perto da fronteira entre Kuwait e Iraque avançaram ontem para novas posições, preparando-se para um ataque militar que pode ter início na noite de hoje. "Finalmente estamos indo a algum lugar", comentou, entusiasmado, o sargento Robert Vennebush, 25, de uma unidade de engenharia do Exército americano. "Vamos à guerra."

Em outro acampamento, soldados da divisão de marines que vai liderar a investida rumo a Bagdá começaram a carregar seus equipamentos em jipes, preparando-se para deixar o local.

A primeira fase do ataque será uma torrente maciça de mísseis e bombas teleguiadas (até 3.000 ao todo), que terá por objetivo aniquilar as defesas iraquianas.

Em seguida, os EUA pretendem lançar um ataque coordenado contra o Iraque, fazendo uso dos militares que tem na região e de outros que chegarão.

É uma estratégia próxima da que foi pensada inicialmente pelo secretário da Defesa americano, Donald Rumsfeld. Este queria utilizar tropas móveis -aerotransportadas- para realizar o ataque, não uma força mais tradicional, fortemente blindada, como teria sido a opção do chefe do Comando Central dos EUA, o general Tommy Franks.

Todos dizem que o poderio aéreo é a chave da operação, pois permitirá que os EUA e o Reino Unido lancem a ofensiva com uma força terrestre menor.

O Reino Unido fornecerá cerca de 10% da potência aérea -por volta de cem aeronaves. O comandante-geral aéreo é um brigadeiro da Força Aérea dos EUA, e seu vice é o marechal-do-ar britânico Glenn Torpy.

Um alto oficial da Real Força Aérea britânica (RAF) -que quis manter-se anônimo- disse que até 2.000 alvos já foram identificados dentro do Iraque. Entre os alvos a serem atingidos no ataque inicial figuram as instalações de comunicações usadas por Saddam Hussein para controlar o uso de quaisquer armas de destruição em massa iraquianas.

O oficial britânico admitiu que, apesar do planejamento e do uso de armas de precisão, ainda é certo que haverá baixas civis. "Não queremos devastar o Iraque", disse o oficial. "Faremos o que for preciso para colocar nosso pessoal dentro do país, ocupá-lo e remover as armas de destruição em massa. Mas haverá erros. Há erros em qualquer guerra."

A estratégia que virá em seguida aos ataques aéreos se tornou necessária em parte devido à recusa da Turquia a permitir que 62 mil soldados americanos e seus equipamentos abrissem uma frente a partir do solo turco e em parte devido à aparente falha em deslocar as tropas com rapidez suficiente. Mesmo agora, três unidades blindadas americanas poderosas ainda estão nos EUA ou na Europa e só chegarão à região do golfo Pérsico entre meados e final de abril.

O contingente que costuma ser citado pelo Pentágono provoca enganos. Embora o Pentágono diga que já há cerca de 225 mil soldados americanos na região, aproximadamente metade desse número é composta de pessoal das forças naval e aérea. O número real de soldados e marines está mais perto dos 120 mil, reforçados por cerca de 26 mil britânicos.

Analistas dizem que o Pentágono demorou para enviar suas tropas. Isso significa duas coisas para os EUA e o Reino Unido: que eles dependem da sua potência aérea maciça e que as primeiras 48 horas da operação terão importância enorme. Altos oficiais dizem que os primeiros ataques serão cruciais para determinar como se passarão os dias seguintes.

Nessas circunstâncias, a tomada da cidade de Basra, no sul do Iraque (tarefa que foi confiada às forças britânicas), vem ganhando importância cada vez maior. As forças britânicas esperam que a população da cidade, de maioria xiita, as receba bem.

Mesmo do ponto de vista das relações públicas, uma ocupação "rápida e benigna" da cidade e dos campos petrolíferos que a cercam resultaria em imagens que Washington gostaria muito de ver transmitidas pelo mundo afora.

O diário "The Washington Post" afirmou ontem que as Forças Armadas pretendem levar jornalistas de avião para filmar quaisquer possíveis cenas de júbilo que possam ocorrer após a chegada das forças britânicas e americanas ao Iraque. O porta-voz dos marines americanos, Chris Hughes, disse que "a primeira imagem a ser vista da guerra vai definir o conflito como um todo".

**IRAQUIANAS****AVIAÇÃO****British Airways suspende vôos para Israel e Kuwait**

A British Airways anunciou ontem a suspensão de todos os vôos para Israel e para o Kuwait em resposta a um aviso da chancelaria para que todos os britânicos nesses dois países saiam, sob o risco de um ataque químico ou biológico. A companhia afirmou que suas rotas para Tel Aviv e para a Cidade do Kuwait seriam suspensas indefinidamente após a chegada dos últimos vôos ao aeroporto de Heathrow, em Londres, ontem à tarde.

**BRASIL****Sarney chama Bush de "ditador do mal"**

Em seu segundo discurso da tribuna do Senado para condenar a guerra contra o Iraque, o presidente da Casa, senador José Sarney (PMDB-AP), classificou ontem o presidente George W. Bush de "ditador mundial" e uma pessoa que se considera "juiz do que está certo e errado". Segundo Sarney, o discurso de Bush expressa "a lei da força, a primitiva lei da selva, hoje com armas extremamente sofisticadas".

**AVIAÇÃO****Jornalistas começam a deixar o Iraque**

Jornalistas de vários órgãos de imprensa internacionais começaram a deixar Bagdá ontem diante do iminente ataque americano ao país. A decisão foi tomada após o presidente dos EUA, George W. Bush, ter alertado anteontem no discurso em que deu ultimato a Saddam Hussein de que os jornalistas deveriam deixar o Iraque. Caso ficassem no país, segundo o presidente, os correspondentes de guerra estariam correndo sérios riscos.

**PROMOÇÃO****Russos podem ligar de graça para a Casa Branca**

Uma companhia telefônica da Rússia ofereceu aos seus clientes uma promoção inusitada: as ligações para a Casa Branca foram gratuitas, para protestar contra a guerra no Iraque. Todos os clientes da companhia Excom, em Iekaterinburgo puderam ligar a vontade. Até ontem, 987 pessoas já haviam ligado para a Casa Branca. As ligações duraram, em média, de 2 a 20 minutos, de acordo com números da companhia russa.

**DESONRA****Veterano dos EUA quer devolver medalha à França**

O americano George Wilson, 80, veterano da Segunda Guerra, disse que está disposto a entregar de volta para o governo francês a medalha da Normandia. Ele a havia recebido por sua participação no Dia D, quando as tropas aliadas desembarcaram na Normandia. Segundo ele, a decisão se deve à posição da França na crise iraquiana, que é contrária à dos EUA. "Para mim, isso é uma piada", afirmou.



## REINO UNIDO

Mesmo com rebelião de colegas de partido, premiê consegue permissão para usar "todos os meios necessários" contra o Iraque

**Parlamento dá aval a Blair para ataque**

DA REDAÇÃO

Após mais de dez horas de debate na Câmara dos Comuns, os parlamentares britânicos deram ao premiê, o trabalhista Tony Blair, aval para atacar o Iraque.

Por 396 votos a 217, o Parlamento recusou a moção de trabalhistas rebeldes que dizia não haver ainda razão para declarar guerra a Saddam Hussein. Segundo estimativa do jornal "The Guardian", cerca de 140 dos 413 correligionários do premiê votaram contra a ofensiva - número superior ao da última votação, quando 122 trabalhistas haviam se rebelado.

Em seguida, por 412 a 149, os britânicos aprovaram a moção do governo que pedia autorização para usar "todos os meios necessários" para desarmar o Iraque.

A discussão sobre a guerra começou na Câmara dos Comuns no início da tarde (hora local), quando o premiê pediu aos parlamentares apoio à participação do Reino Unido no ataque ao Iraque.

"É uma decisão difícil, mas também extrema: chamar de volta as tropas britânicas agora ou manter com firmeza o curso de traçamos. Acredito que devemos continuar nesse curso", afirmou Blair no início de sua fala, de 45 minutos.

O trabalhista Blair acusou Saddam de não ter posto fim a suas armas de destruição em massa e disse que a necessidade de tirá-lo do poder motiva a ida do Reino Unido à guerra com "a consciência tranquila e o coração aberto".

Ao apresentar seus argumentos, o premiê abriu espaço para ouvir seus colegas, como o trabalhista Tam Dalyell, que disse que as bombas jogadas sobre o Iraque serviriam para recrutar uma nova geração de extremistas islâmicos.

O premiê atacou a oposição de França, Rússia e Alemanha ao confronto, definindo como "equivocada e profundamente perigosa" a política externa desses países. "Há medo do unilateralismo dos EUA. Sei disso. Mas o caminho para lidar com isso não é a rivalidade, mas a parceria."

Blair defendeu que, se ao final do conflito Saddam for deposto, deve ser levada às Nações Unidas nova resolução que garanta o estabelecimento de um governo próprio no Iraque. E os recursos obtidos do comércio do petróleo iraquiano devem ser destinados "a um fundo para o povo do Iraque, administrado pela ONU".

Acredita-se que esses últimos pontos tenham influenciado a decisão da ministra Clare Short (Desenvolvimento Internacional), que ameaçava deixar seu posto.

Apesar de ter mantido Short, o premiê perdeu mais dois membros do governo, de segundo escalão. John Denham, do Ministério do Interior, e o lorde Phillip Hunt, do Ministério da Saúde, renunciaram. Anteontem, Robin Cook, líder dos trabalhistas no Parlamento, fizera o mesmo.

O apoio à guerra entre os britânicos cresceu de 29% para 38%, segundo pesquisa do instituto ICM divulgada ontem. O índice de opositores ainda é maior: 44%.

-----  
Com agências internacionais

SAIBA MAIS

**Premiê diz moderar ação americana**  
DA REDAÇÃO

Principal aliado de George W. Bush no iminente ataque ao Iraque, o premiê britânico, Tony Blair, 49, tenta consolidar o papel de moderador político internacional que assumiu em 2001, quando coordenou um intenso esforço para obter apoio à campanha militar no Afeganistão.

Partidário do combate ao terrorismo do governo Bush, Blair sedimentou a coalizão pró-ataque ao Taleban em encontros com líderes de Rússia, Índia e Paquistão.

Foi por essa atuação que Blair passou a ser considerado por analistas britânicos uma espécie de moderador das campanhas antiterror ambicionadas pela Casa Branca, mais adepto da via diplomática do que Bush.

Desde que se tornou premiê, Blair tem dado sinais de que seria defensor de um ataque ao governo de Saddam Hussein. Em 1997, quando a ONU fez proposta a Saddam para que ele reconsiderasse a expulsão de inspetores de armas, o primeiro-ministro disse no Parlamento: "É essencial que ele [Saddam] aceite a proposta. Se não o fizer, nós teremos de enfrentar esse problema, talvez da pior forma possível, dentro de alguns anos".

Primeiro líder trabalhista a comandar seu partido em duas vitórias eleitorais consecutivas, Tony Blair é considerado o principal responsável pela condução ideológica de sua agenda da esquerda ao centro.

Parlamentar desde 1983, o advogado Blair assumiu a liderança do Partido Trabalhista em 1994, quando a agremiação amargava quatro derrotas seguidas em eleições gerais para o Partido Conservador.

Blair liderou seu partido à vitória em 1997 e assumiu o posto de primeiro-ministro do Reino Unido pregando os princípios da Terceira Via, doutrina que une economia de mercado com ideais de justiça social.

Apesar das críticas à decadência dos sistemas públicos de saúde e de transportes, os Trabalhistas venceram novamente em 2001, em eleições parlamentares marcadas pela apatia do eleitorado (abstenção de 40%).

---

Com agências internacionais

**CS da ONU ouve hoje relatório de Blix; sete chanceleres devem ir**

DA REUTERS

Chanceleres de pelo menos sete países devem comparecer hoje a uma reunião do Conselho de Segurança para ouvir o chefe dos inspetores da ONU, o sueco Hans Blix, listar o que o Iraque precisa fazer para provar que se desarmou, apesar de os inspetores da entidade já terem deixado o país.

O secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, não deve ir à reunião, mas os principais opositores da abordagem americana e britânica sobre a questão iraquiana -os chanceleres Dominique de Villepin, da França, Igor Ivanov, da Rússia, Joshcka Fisher, da Alemanha, e Farouq al Shara, da Síria- devem comparecer ao encontro em Nova York.

Segundo Fred Eckhard, porta-voz da ONU, pelo menos sete ministros das Relações Exteriores são esperados na reunião.

Blix deve apresentar a eles as "tarefas-chave de desarmamento remanescentes", de acordo com uma resolução que exige um programa de trabalho a ser cumprido pelo Iraque. O relatório de 83 páginas foi distribuído aos membros do CS anteontem.

O chefe dos inspetores afirmou que Bagdá conhece a tecnologia para produzir armas químicas, porém disse ser "improvável" que as use por causa da opinião pública internacional. "Há uma quantidade razoável de ceticismo em relação a uma ação armada. Esse ceticismo rapidamente se inverteria se [o Iraque] usasse armas químicas ou biológicas."

O embaixador da Alemanha na ONU, Gunter Pleuger, cujo país se opõe a uma guerra contra o Iraque, afirmou que o programa de trabalho deveria ser endossado pelo Conselho, conforme exige a resolução 1284 (1999), apesar de um provável ataque ao país liderado pelos EUA. "O sistema ainda está aí e pode ser usado de novo, depois do que acontecer nos próximos dias", disse Pleuger.

Richard Grenell, porta-voz do embaixador dos EUA na ONU, John Negroponte, disse que realizar a reunião equivalia a querer "arrumar as cadeiras no Titanic".

O novo relatório de Blix é uma versão condensada de um documento sobre questões ainda não resolvidas distribuído na semana passada, no qual criticou o Iraque por não ter declarado um avião não tripulado, mas disse que sua equipe ainda tinha de determinar a legalidade do equipamento. Ele também questionou a alegação do Iraque de que destruiu 21 mil litros de agentes biológicos, incluindo o antraz, há 12 anos.

## DIPLOMACIA

Embaixador da França nos Estados Unidos diz que se forem usadas armas químicas posição francesa mudará

**Chirac sugere que uso da força é ilegal**

JOHN LICHFIELD

DO "THE INDEPENDENT", EM PARIS

O presidente francês, Jacques Chirac, assumiu ontem o papel de líder do movimento mundial em favor da paz, lançando um ataque acirrado contra os EUA e o Reino Unido, a quem acusou de tomar uma decisão "injustificada" - implicitamente, ilegal- de invadir o Iraque.

Sem se deixar perturbar pelas críticas virulentas lançadas contra a França desde o outro lado do canal da Mancha e do Atlântico, Chirac leu uma declaração previamente redigida avisando que Washington e Londres vão assumir um risco "grave" se "abrirem mão da legitimidade garantida pela ONU" e priorizarem "o uso da força, em detrimento da lei".

Embora, por pouco, o presidente francês não tenha chegado ao ponto de declarar ilegal a guerra liderada pelos EUA, sua afirmação enfureceu ainda mais o presidente George W. Bush e o premiê britânico, Tony Blair, aprofundando o abismo já fundo nas relações franco-americanas e franco-britânicas. Washington e Londres talvez esperassem que, agora que a diplomacia chegou ao fim, a França fosse manter silêncio, mas Chirac deixou claro ontem que pretende liderar a oposição internacional à guerra.

Chirac falou ao telefone ontem com seu colega russo, Vladimir Putin, com o novo presidente chinês, Hu Jintuo, e o chanceler alemão, Gerhard Schröder, para discutir a abordagem a ser adotada nos próximos dias.

"Não existe justificativa para a decisão unilateral de partir para a guerra", disse Chirac em sua declaração preparada. Embora o desarmamento de Bagdá seja necessário e a retirada de Saddam do poder, desejável, afirmou, o sistema de inspeções da ONU mostrara que existia uma "alternativa digna de crédito" à ação militar.

"Abrir mão da legitimidade conferida pela ONU e priorizar o recurso à força, em detrimento da prevalência da lei, significa assumir uma responsabilidade pesada. A França apela para que respeitem a lei internacional."

Em seguida, Chirac rejeitou as afirmações feitas por Washington e Londres de que a França, de alguma maneira, seria a responsável, sozinha, pela recusa do Conselho de Segurança em aprovar uma resolução autorizando a guerra. Os EUA e o Reino Unido acusam Chirac de ter congelado ou envenenado o processo diplomático, ao anunciar de antemão que vetaria qualquer resolução que prevísse uma ação militar enquanto o processo de inspeções estivesse funcionando bem.

Chirac disse que a França não está agindo sozinha. Sua postura contrária à guerra "é partilhada pela grande maioria da comunidade internacional".

"A rodada final de discussões mostrou claramente que, nas atuais circunstâncias, o Conselho de Segurança não estava inclinado a aprovar o início apressado de uma guerra." Mais cedo, uma declaração formal divulgada por escrito pelo Palácio do Eliseu dizia que o ultimato de guerra dado por George Bush vai contra a vontade da comunidade internacional.

Mais uma vez, foi praticamente o mesmo que acusar os EUA e o Reino Unido de planejarem um crime contra a lei internacional, mas a França optou por não declarar ilegal a invasão do Iraque. Se o fizesse, isso poderia autorizar a idéia de que pretende levar sua ação contra a guerra de volta ao Conselho de Segurança ou até mesmo ao Tribunal de Haia.

No final da tarde, a chancelaria francesa teve de vir a público para afirmar que não mudara de opinião acerca de um eventual conflito. Tudo porque horas antes o embaixador da França nos EUA, Jean-David Levitte, declarara à CNN que, "se Saddam Hussein mantém armas químicas ou biológicas (e forem eventualmente usadas contra tropas dos EUA), este fator mudaria completamente a situação para o presidente Chirac e o governo francês".

-----  
Tradução de Clara Allain

**Lula considera que o ataque seja ilegítimo**

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem que o ultimato dado ao Iraque pelo presidente George W. Bush anteontem não tem legitimidade internacional e "desrespeita a ONU".

Lula também criticou fortemente o unilateralismo dos Estados Unidos ao dizer que Bush está transformando o processo de desarmamento iraquiano em um problema apenas daquele país, não do mundo. Segundo o presidente brasileiro, a preocupação com a questão não dá aos EUA o direito de "decidir o que é bom ou ruim para o mundo".

Indagado se ele achava que a virtual declaração guerra teria legitimidade, Lula disse: "Eu acho que não tem. Não tem. Quero dizer, o governo americano está transformando a guerra num problema eminentemente americano. Todos nós queremos que o Iraque não tenha armas atômicas e armas de extermínio em massa. Todos nós queremos que o mundo viva em paz, agora isso não dá o direito de os Estados Unidos sozinhos decidirem o que é bom e o que é ruim para o mundo".

"Acho que o pronunciamento do presidente Bush foi muito forte. Na minha opinião, desrespeita a ONU, não leva em conta o Conselho de Segurança, não leva em conta o que pensa o restante do mundo", disse.

Ontem, o presidente brasileiro telefonou para o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Na conversa, Lula reforçou a sugestão feita há alguns dias, de reunir representantes dos países que defendem o desarmamento sem o uso de força.

Mas segundo o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, os 15 minutos ao telefone com Annan deixaram poucas dúvidas sobre o ataque. (LEILA SUWWAN E ANDRÉ SOLIANI)

**Para Schröder, ameaça não justifica guerra**

DA REDAÇÃO

O chanceler (premiê) alemão, Gerhard Schröder, disse ontem que a ameaça representada pelo Iraque não justifica uma guerra. "Será que a ameaça representada pelo ditador iraquiano justifica uma guerra, na qual milhares de crianças, mulheres e inocentes certamente morrerão? Minha resposta era e continua sendo: não!", disse, em declaração à TV alemã.

Num recado a George W. Bush, Schröder disse que o objetivo da resolução 1441, aprovada em novembro passado, é o desarmamento do Iraque, não uma mudança de regime em Bagdá.

"Por mais desejável que seja a saída do ditador, o objetivo da resolução 1441 é o desarmamento do Iraque, o fim de suas armas de destruição em massa", disse.

A Alemanha, membro provisório no Conselho de Segurança da ONU e presidente do órgão este ano, aliou-se a França, Rússia e China para impedir que uma resolução autorizando o ataque fosse aprovada. Segundo Schröder, a presença de inspetores de armas da ONU no Iraque (eles deixaram o país ontem) já colocava um limite à ameaça iraquiana.

A posição de Schröder contrária à guerra foi tornada pública durante sua campanha à reeleição no ano passado. Ele estava mal nas pesquisas, e atribui-se sua recuperação, ao menos parcialmente, à sua postura pacifista, popular na Alemanha, um país traumatizado pela experiência das duas guerras mundiais.

A Alemanha liberou o uso das bases americanas sediadas no país e autorizou o sobrevôo de seu território por jatos militares dos EUA.

---

Com agências internacionais

**Putin critica ação, mas quer diálogo com EUA**

DA REDAÇÃO

O presidente russo, Vladimir Putin, disse a seu colega americano, George W. Bush, não concordar com o ultimato ao ditador iraquiano, Saddam Hussein, mas defendeu a manutenção das boas relações entre EUA e Rússia.

Segundo o Kremlin (sede do poder russo), em conversa pelo telefone os líderes ressaltaram a importância de "manter os contatos bilaterais nessas situações de crise apesar das diferenças".

O chanceler russo, Igor Ivanov, disse esperar "que, se os EUA derem início a uma guerra contra o Iraque, a questão retorne ao Conselho de Segurança da ONU o mais rápido possível". "Precisamos trazer essa situação de volta para um contexto de legalidade porque apenas o conselho tem o direito de decidir sobre essas questões", afirmou.

Ivanov foi duro sobre as possíveis consequências de um ataque sem aval da ONU: "Infelizmente, devido à vultosa ameaça de guerra contra o Iraque, a unidade da coalizão internacional contra o terrorismo está sob risco".

A Rússia apoiou a coalizão contra o terrorismo liderada pelos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001. O país não criou obstáculos, por exemplo, à campanha americana para derrubar o Taleban, milícia extremista islâmica que controlava o Afeganistão e possuía estreitos laços com a rede terrorista Al Qaeda.

Mas aliou-se à França e à China na proposta de dar seguimento às inspeções de armas no Iraque, com base na resolução 1441, aprovada por unanimidade em novembro passado pelo Conselho de Segurança (CS) da ONU.

---

Com agências internacionais

**Novo presidente chinês defende solução de paz**

DA REDAÇÃO

O novo presidente chinês, Hu Jintao (eleito indiretamente pelo Congresso Nacional do Povo no último sábado), reiterou ontem, em telefonema ao presidente George W. Bush, que a China é favorável a uma solução política para a crise iraquiana.

"Na questão do Iraque, a China sempre defendeu uma solução política no contexto das Nações Unidas", disse o presidente chinês, segundo a agência de notícias Xinhua. "A China acredita na paz em vez da guerra."

Os dois líderes conversaram após Bush dar 48 horas para Saddam Hussein deixar o Iraque ou enfrentar um ataque militar.

Foi o primeiro comentário do novo presidente desde que assumiu o cargo, em substituição a Jiang Zemin, no final de semana.

Jiang manterá, no entanto, sua influência sobre assuntos de defesa e relações internacionais.

Tradicionalmente, a China defende a posição de que nenhum país deve interferir nos assuntos internos de outras nações, motivo pelo qual não apoiou a Guerra de Kosovo, em 1999. Na ocasião, a Embaixada da China em Belgrado (capital da então Iugoslávia e hoje Sérvia) foi bombardeada por engano pelos EUA, causando uma crise entre os dois países.

Mas a China ficou do lado dos EUA na intervenção militar no Afeganistão e na guerra contra o terrorismo. No caso do Iraque, alinhou-se a França e Rússia.

---

Com agências internacionais



## EM CASA

Departamento da Segurança interna anuncia megaoperação que intensifica vigilância e prevê a prisão de iraquianos

**"Escudo da Liberdade" defende EUA**

FERNANDO CANZIAN  
DE WASHINGTON

O Departamento da Segurança Interna dos Estados Unidos anunciou ontem uma megaoperação para aumentar a vigilância no país e em suas fronteiras.

Batizada de "Escudo da Liberdade", a ação prevê a detenção de cidadãos iraquianos e de outros 33 países com supostas ligações com a Al Qaeda que estão buscando asilo político nos EUA.

"Queremos ter certeza de que vocês são quem realmente dizem ser", disse Tom Ridge, secretário da Segurança Interna, dirigindo-se às pessoas que já estão em solo americano e que agora serão detidas para averiguação.

O FBI, a polícia federal dos EUA, também vai monitorar e interrogar iraquianos vivendo no país para prevenir os chamados "crimes de ódio" contra cidadãos americanos.

Há poucos dias, o Departamento de Estado dos EUA expulsou do país 300 pessoas de mais de 60 países por desconfiar que pudessem constituir uma ameaça. Também houve prisões.

## Protestos

Entidades de direitos civis vêm protestando contra as medidas por considerá-las arbitrárias e discriminatórias.

Além das detenções, Ridge anunciou um "substancial" aumento na segurança de portos, aeroportos, estações de trem e estradas americanas.

Na prática, automóveis voltarão a ser parados para buscas nas proximidades de aeroportos, revistas serão reforçadas em embarques e desembarques e haverá mais policiais nas ruas -o que já era visível ontem em Washington e Nova York.

Haverá também maiores restrições em espaços aéreos, como sobre a capital do país e em parques temáticos como a Disneylândia e Disneyworld.

## Internet vigiada

"Reforçaremos também o monitoramento da internet", disse Ridge, que pediu a ajuda dos 50 governadores norte-americanos para aumentarem o policiamento em seus Estados.

A operação "Escudo da Liberdade" foi anunciada horas depois de os EUA terem dado um ultimato a Saddam Hussein e elevado o sistema de alerta de riscos do país de "amarelo" (médio) para "laranja" (alto). Foi a segunda vez em um mês que o código passou ao penúltimo nível de sua escala de cinco cores.

Ridge disse que atenção especial deverá ser dada a usinas nucleares e fábricas, distribuidoras e importadoras de alimentos.

Na mesma linha, o Departamento do Tesouro norte-americano anunciou um reforço para redes de computadores de bancos e de Bolsas de Valores "durante as hostilidades contra o Iraque".

Amigo pessoal do presidente George W. Bush e agora chefe de um departamento que passou a reunir este mês 22 agências até então separadas, Tom Ridge vem sofrendo críticas de entidades de direitos civis, parlamentares democratas e do público por ações controversas já tomadas em sua área.

Seus esforços estariam negligenciando o combate a outros tipos de crime nos EUA. Só do FBI, Ridge deslocou 2.500 dos 11.500 homens da força para o combate ao terrorismo.

Na área de Washington, isso significou um corte pela metade nos agentes especializados em crimes de "colarinho branco" (financeiros) e em uma queda de 41% nos processos contra criminosos envolvidos com o tráfico de drogas.

Ridge também é criticado por incitar os americanos a "ficar de olho" em pessoas com "atitudes suspeitas" e chegou a recomendar a compra maciça de fitas adesivas para que famílias pudessem selar cômodos de casa em caso de um eventual ataque biológico.

Há algumas semanas, virou motivo de piada quando Jay Leno, âncora de um programa de entrevistas na TV, perguntou o que o secretário recomendava diante de uma alteração no grau de risco de ataque terrorista. "O que faço se estou de cuecas vendo um jogo na sala e vocês aumentam o alerta?", perguntou Leno. "Ponha um calção", foi a resposta de Ridge.

**71% dos americanos aprovam guerra**

DA REDAÇÃO

Sete entre dez norte-americanos aprovaram a decisão do presidente George W. Bush de iniciar, mesmo sem a benção da ONU, uma ofensiva militar contra o território iraquiano se Saddam Hussein e seus filhos não tiverem deixado o Iraque ao final do prazo de 48 horas, estabelecido anteontem pelos Estados Unidos.

Segundo pesquisa realizada pelo "Washington Post" e a rede de TV ABC, minutos depois de Bush discursar à nação e apresentar o ultimato a Saddam, 71% dos entrevistados aprovariam uma guerra contra o Iraque. Desse universo, a parcela de 54% corresponde a americanos que apóiam a guerra de modo incondicional. No dia 9 de março, o percentual da população que ratificava uma ação militar era de 59% -40% de maneira irrestrita.

A forma com que a administração Bush tem conduzido a crise com o Iraque também recebeu maior respaldo por parte da opinião pública local. Agora, 64% da população (ou seja mais que dois em cada três americanos) concede aval ao posicionamento do governo -e não mais que 29% o desaprovam. Outros 7% não opinaram. No levantamento anterior, o nível de aprovação à Doutrina Bush, "da guerra ao terror", não superava 55%.

Apoio acompanhado de um enorme temor de que uma guerra contra o Iraque resulte em novos ataques terroristas. Para 62% dos consultados, uma ofensiva militar pode desencadear terrorismo contra os EUA em curto prazo.

O crescente apoio ao unilateralismo de Bush acertou em cheio a credibilidade da ONU -ou pelo menos a imagem que os americanos faziam dela. Mais que sete (75% dos entrevistados) entre oito norte-americanos expressaram sua desaprovação ao procedimento da ONU em meio à crise.

**Oscar 2003 poderá ser adiado um ou dois dias**

DA REDAÇÃO

A cerimônia de entrega do Oscar 2003, marcada para o próximo domingo, pode ser adiada caso as tropas americanas entrem em guerra.

O presidente da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos declarou que existe a possibilidade de adiar o evento.

"Se estivermos em guerra e ela durar apenas alguns dias, eu diria que iríamos adiar a cerimônia por um ou dois dias", disse o presidente da Academia, Frank Pierson, à rede de televisão britânica Sky News. "Se tivermos de adiá-la por mais tempo, teremos de procurar outras opções."

O adiamento da transmissão ao vivo, que é vista por mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo, poderia causar uma grande confusão financeira à rede de televisão americana ABC, que conquistou os direitos de transmissão da cerimônia.

A rede já vendeu cotas de patrocínio para a transmissão do Oscar que chegam a custar R\$ 177 mil por segundo.

A segurança deve ser a mais reforçada de todas as edições da festa, para proteger seus 3.500 convidados.

**Ambiente seguro**

O produtor da festa, no entanto, tem insistido que o Kodak Theater, em Los Angeles, onde os prêmios vão ser entregues, é um "ambiente seguro" para as estrelas do cinema.

Em seus 75 anos de história, a entrega do Oscar foi adiada três vezes: devido a uma enchente, em 1938, ao assassinato de Martin Luther King, em 1968, e, em 1981, por causa do atentado ao então presidente Ronald Reagan.

## REFUGIADOS

Segundo especialistas, tática do ditador visa a colocar civis iraquianos em fuga no caminho dos americanos

**Saddam prepara "corredor polonês"**

SÉRGIO DÁVILA

ENVIADO ESPECIAL A AMÃ (JORDÂNIA)

A menos de 24 horas do fim do prazo dado por George W. Bush, o ditador iraquiano prepara uma tática militar que pode colocar parte dos civis de seu país entre dois fogos. Saddam Hussein movimenta suas tropas de maneira a fazer do Iraque uma espécie de "corredor polonês" que empurraria os refugiados em direção ao sul, por onde deve vir a grande maioria das tropas aliadas.

O objetivo é colocar no meio do caminho entre os soldados americanos e Bagdá uma multidão de famintos e desesperados, o que atrasaria a marcha dos invasores em direção à capital iraquiana e daria tempo a seu líder.

A informação é do especialista em assuntos iraquianos Amir Taheri, que edita a publicação "Politique Internationale" e entrevistou Saddam várias vezes nos últimos anos. A hipótese foi considerada verossímil por outros experts em movimentações militares do país. O principal ponto a favor da tese é a própria geografia iraquiana, de formato mais ou menos retangular.

Assim funcionaria o corredor: o norte estará parcialmente seguro se persistir a recusa da Turquia em deixar os americanos usarem o país para atacar; ao longo de toda a fronteira leste, com o inimigo Irã, Saddam teria deslocado a Quarta Divisão de seu Exército; a oeste, além do clima desértico, a própria Síria e as vizinhas Jordânia e Arábia Saudita estão tratando de fechar suas fronteiras.

Sobrarão o sul, mais precisamente o Kuwait, onde está estacionada a maioria das tropas americanas, britânicas e australianas e por onde virá o grosso da invasão por terra, cujo primeiro objetivo será tomar a cidade de Basra, a capital da maioria xiita.

"Saddam quer deixar para os refugiados uma única porta de saída, justamente uma região já densamente povoada e problemática", disse Taheri. "Assustadas com os rumores sobre o uso de armas químicas, com fome e cansadas, as dezenas de milhares de pessoas dariam um trabalho extra aos soldados e atrasariam sua subida rumo a Bagdá."

Vai dar certo? Taheri ilustra com uma história contada pelo próprio Saddam numa das entrevistas que fez com o ditador. "Ele me contou que ele e outros garotos se divertiam muito pulando nos caminhões que passavam por Tikrit, sua cidade natal. Os assistentes dos motoristas chicoteavam os meninos e chegavam mesmo a pisar nos dedos de suas mãos para fazê-los descer do veículo", relata o analista.

A maioria cedia, menos o pequeno Saddam. "Eu aprendi que o que importava era continuar", me disse ele. "Os machucados das chicotadas em minhas mãos iriam desaparecer logo, mas o sentimento de que eu tinha conseguido continuar duraria por muito e muito tempo".

**Americanos na Jordânia**

O chanceler da Jordânia negou que haja soldados americanos no país prontos para invadir o Iraque. "Já deixamos bem claro que não estamos participando desta guerra", disse Marwan Muasher.

"Não estamos negando que existam forças especiais na Jordânia nem que soldados americanos estejam no país", disse. "Mas quero deixar absolutamente claro que a presença deles aqui é com propósito puramente defensivo."

**Israel anuncia que sistema antimísseis está pronto**

DA REDAÇÃO

Israel anunciou ontem que seu sistema antimísseis está pronto para agir, caso o país seja atacado por mísseis lançados pelo Iraque. O sistema seria formado pelos mísseis israelenses Arrow, projeto de US\$ 2,2 bilhões desenvolvido com a ajuda dos EUA, e pelos norte-americanos Patriot.

Israel teme uma retaliação do Iraque a um ataque dos Estados Unidos, a exemplo do que ocorreu durante a Guerra do Golfo, em 1991. Naquele ano, o Iraque lançou 39 mísseis Scud contra Israel, principal aliado de Washington no Oriente Médio.

Nos últimos dias, os israelenses foram instruídos a comprar material isolante para vedar cômodos das casas, no caso de ataques com armas químicas ou biológicas. O Ministério da Educação de Israel anunciou que está vedando salas nas escolas contra possíveis ataques com armas químicas.

O primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, convocou seu gabinete para uma reunião hoje com objetivo de discutir as medidas de defesa. A expectativa é que os israelenses recebam recomendações para que testem suas máscaras de gás ou para que estejam sempre com elas à mão assim que uma ofensiva militar liderada pelos EUA tenha início no Iraque.

Apesar das recomendações, autoridades israelenses afirmaram que não há motivo para pânico pois um ataque seria pouco provável, já que o Iraque não teria mísseis com alcance suficiente para atingir o país.

-----  
Com agências internacionais

**Discurso de Bush gera tensão e desesperança**

DO ENVIADO ESPECIAL A AMÃ

Tensão, semblantes lívidos e desesperança. Nem bem o presidente dos EUA, George W. Bush, terminava seu pronunciamento anteontem à noite, e a guerra iminente virou o assunto principal de Londres e Tel Aviv, cidades percorridas pela reportagem da Folha no caminho para Amã. Na capital britânica, em pubs, pontos de táxi, bancas e aeroportos, pessoas paravam em grupos em qualquer lugar que houvesse uma TV ou um rádio ligados.

A pergunta: quando e como iria começar a invasão ao Iraque.

"É incrível como, dez anos depois, estamos às portas da mesma guerra estúpida", disse Michael Marks, especialista em segurança. Segundo pesquisas de opinião recentes, a maioria dos britânicos é contra a guerra sem aval da ONU. Nas filas de embarque do aeroporto internacional de Heathrow, passageiros preocupados recebiam um comunicado oficial em que as viagens para o Oriente Médio eram desencorajadas. "Há um risco de ataque do Iraque a Israel nos próximos momentos. Esse ataque pode envolver armas químicas e biológicas", dizia o texto.

Foi o suficiente para que o clima nos aviões que iam para um dos países daquela área fosse mais solene e sério do que o habitual.

No aeroporto Ben Gurion, em Israel, os alto-falantes instavam a população a fazer estoque de alimento e remédios. Nas duas horas em que esperavam pelo próximo trecho da viagem, os repórteres da Folha foram abordados e revistados pelo menos oito vezes pelos policiais à paisana. (SD)

**CONTRA A GUERRA**

Grupos organizam manifestações para o início do conflito nos EUA, no Reino Unido, na Itália e no Brasil

**Pacifistas marcam atos para o 1º dia**

MARIA BRANT  
DA REDAÇÃO

Grupos pacifistas em diversos países estão organizando protestos para o dia em que os EUA e seus aliados iniciarem uma guerra contra o Iraque -provavelmente ainda nesta semana.

A aliança de organizações pacifistas britânicas Stop the War Coalition está pedindo aos londrinos que, quando a guerra começar, eles parem o que estejam fazendo em casa, no trabalho ou na escola e se dirijam à praça do Parlamento, na capital britânica, onde uma manifestação deve começar às 18h (horário local).

O grupo, que organizou a marcha que levou 750 mil pessoas às ruas de Londres em 15 de fevereiro, também marcou um protesto para o próximo sábado na cidade.

Nos EUA, a United for Peace and Justice, que reúne e divulga iniciativas de grupos pacifistas em todo o país, registra três convocações só em Nova York: grupos estão organizando protestos simultâneos às 17h na Times Square e no Ponto Zero, além de uma vigília diante da sede da ONU às 18h.

O site da organização também registra planos de manifestações em dezenas de outras cidades americanas. Uma grande marcha está marcada para o próximo sábado em Nova York.

O grupo Veterans for Peace, de veteranos de guerra americanos, planeja três dias de atos contra a guerra, a partir do sábado, em Washington. A organização também está convocando protestos em San Francisco para o dia em que a guerra começar.

Na Itália, os três maiores sindicatos e a maior organização estudantil do país anunciaram ontem que estão se preparando para uma greve geral no dia em que o Iraque for atacado.

O Comitato Fermiamo la Guerra, que reúne grupos pacifistas italianos, também convocou uma vigília diante da Embaixada dos EUA em Roma. Na região italiana do Piemonte, o sindicato dos metalúrgicos pede que todos pendurem bandeiras brancas em suas janelas no dia em que for realizado um ataque a Bagdá.

Protestos também foram convocados para o primeiro sábado após o início da guerra nas bases militares italianas de Aviano e Sigonella, que estão sendo utilizadas pelos EUA.

O governo da Indonésia, país com a maior população muçulmana do mundo, afirmou ontem que tomaria medidas adicionais de segurança nesta semana, especialmente após as preces de sexta-feira, por temer que os protestos maciços contra a guerra que prevê se tornem violentos.

Em São Paulo, o Comitê contra a Guerra ao Iraque, que organizou as manifestações de 15 de fevereiro e 15 de março na capital paulista, promoverá atos contra a guerra a partir de hoje. Na sexta-feira, uma marcha deve partir às 11h do Masp (av. Paulista, 1.578) em direção ao Consulado dos EUA (r. Padre João Manoel, 933).

-----  
Com agências internacionais

## ORIENTE MÉDIO

**Parlamento palestino cria cargo de premiê**

DA REDAÇÃO

O Parlamento palestino ratificou ontem a criação do cargo de primeiro-ministro, reduzindo os poderes do presidente da ANP (Autoridade Nacional Palestina), Yasser Arafat. A aprovação foi conseguida por quase unanimidade dos parlamentares: 69 votos a favor e 1 contra.

A criação do cargo faz parte de uma reforma na ANP, exigida pelos EUA e por Israel para a retomada das negociações de paz. Arafat não é considerado confiável pelos americanos e israelenses por ter fracassado no combate ao terrorismo.

Porém os EUA afirmaram que a aprovação é positiva, mas estavam reticentes com a decisão de Arafat continuar com o controle sobre a segurança e sobre as negociações de paz, o que não alteraria muito cenário atual.

O secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, disse que os americanos prefeririam que essas atribuições ficassem nas mãos do futuro primeiro-ministro.

"Nossa principal frustração em relação a Arafat se dá na área de segurança, que continuará sob o controle dele", disse Powell.

Israel não se manifestou sobre a aprovação do cargo de premiê no Parlamento palestino.

O nome mais forte para se tornar primeiro-ministro é o de Mahmoud Abbas, mais conhecido como Abu Mazen, uma das lideranças históricas dos palestinos. Moderado, ele é bem-visto pelos EUA e por Israel.

Analistas afirmam que a posição dos EUA de condicionar a retomada das negociações a uma reforma na ANP é um modo de reduzir as críticas no mundo árabe ao provável ataque ao Iraque.

---

Com agências internacionais



## ARTIGO

**O 18 de Brumário de Bush**

MICHAEL HARDT

ESPECIAL PARA A FOLHA

*Hegel comenta em algum lugar que todos os fatos e personagens de grande importância na história mundial ocorrem duas vezes, por assim dizer. Ele esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda, como farsa." Karl Marx*

Parecemos condenados à repetição histórica. Há um excesso de fantasmas do passado vagando por nosso atual cenário. É preciso afastar os falsos espectros e ver quais grandes eventos e figuras históricas estão se repetindo hoje.

Sob alguns aspectos, a guerra contra o Iraque e a atual missão global do governo americano parecem repetir os antigos projetos imperialistas europeus. Os atuais esforços não apenas para impor novos regimes no Afeganistão e no Iraque, mas também, de modo mais geral, para refazer a paisagem política no Oriente Médio e até "remodelar o ambiente global" são concebidos e apresentados usando-se os antigos termos da missão civilizadora das potências européias. O presidente Bush poderia se imaginar vestindo o manto dos grandes e nobres imperialistas que educaram os selvagens e levaram a civilização ao mundo. Devemos ter a coragem de ajudá-los, ele diz, e eles nos agradecerão mais tarde. Ou, em um aspecto mais venal, as iniciativas para controlar os vastos campos de petróleo no Iraque e no Oriente Médio certamente lembram diversas guerras imperialistas para acumular riqueza, como as tentativas britânicas um século atrás, na Guerra dos Bôeres, de assumir o controle das grandes minas de ouro da África do Sul.

Apesar dessas semelhanças, porém, os antigos imperialismos não nos ajudam a compreender o que é fundamental em nossa situação contemporânea. Essas comparações realmente não passam de roupas mal ajustadas que disfarçam o que está acontecendo por baixo. A verdadeira repetição histórica está muito mais perto de casa. Poderíamos dizer que os EUA estão repetindo hoje a Guerra do Golfo, de 1991, mas isso é na verdade apenas um elemento de uma repetição histórica muito mais importante: o golpe de Estado no sistema global - um novo 18 de Brumário, desta vez uma repetição de pai e filho, em vez de tio e sobrinho [como Napoleão]. Por golpe de Estado quero dizer aqui a usurpação de poder dentro da ordem governante pelo elemento monárquico unilateral e a correspondente subordinação das forças aristocráticas multilaterais.

O golpe de Estado de Bush pai foi concebido na época como a criação de uma nova ordem mundial. Pouco depois da queda do Muro de Berlim e do colapso da ordem bipolar da Guerra Fria, a primeira Guerra do Golfo ajudou a definir os termos da nova estrutura de poder global. Os EUA, como única superpotência restante, teriam precedência sobre todas as outras, mas não governariam o mundo sozinhos. O papel dos EUA no Primeiro Império trilhou um caminho que combinava superioridade e colaboração. Exerceriam poderes monárquicos, especialmente em questões militares, mas ao mesmo tempo colaborariam em um amplo sistema de poder global constituído por uma rede de potências de diversas capacidades e formas, incluindo os outros países dominantes, juntamente com grandes corporações capitalistas, organizações transnacionais como a ONU e o FMI e muitas outras. A característica essencial do Primeiro Império é que a superioridade dos EUA não contradiz ou impede a participação das outras forças.

O golpe de Estado de Bush filho, que muitas vezes recebe o nome de unilateralidade, vai um passo além na concentração do poder global. O que está claro na nova doutrina americana de ataques preventivos e reestruturação política global é que o país está tentando subordinar todas as potências aristocráticas. Os EUA acreditam que podem governar o mundo sozinhos ou com a mera ajuda de vassallos passivos. Outras potências são aconselhadas a seguir sua liderança, não tanto porque sejam necessárias, mas para não se tornarem irrelevantes.

Enquanto Bush filho interpreta o jovem Bonaparte, a ONU e os países-estados europeus, especialmente França e Alemanha, encontram-se na posição dos partidos parlamentares burgueses da França no século 19, insistindo na multilateralidade contra a unilateralidade do imperador. Essa é a repetição histórica. A luta entre os EUA e a ONU, os esforços americanos para dividir e enfraquecer a Europa e os conflitos na Otan estão muito mais perto da essência dos atuais desenvolvimentos que a própria guerra contra o Iraque. É aí que a hierarquia do Segundo Império - nova ordem mundial 2 - está sendo definida hoje.

Mas toda repetição histórica tem uma diferença. O golpe de Bush filho lembra o do pai na medida em que ambos buscam concentrar mais poder nas mãos dos EUA. No Primeiro Império, porém, o papel monárquico dos EUA na nova ordem mundial foi equilibrado por uma ampla participação aristocrática em uma rede de numerosas potências.

Hoje essa natureza dupla do Império - superioridade americana mais ampla colaboração - parece ter sumido. A Europa, a ONU e outras potências multilaterais ameaçam representar uma alternativa eficaz aos EUA. O Segundo Império de Bush filho tenta separar os EUA de todas as outras potências e tornar desnecessária sua colaboração. Podemos ver que a concórdia das potências dominantes do Primeiro Império ruiu.

Em reação ao golpe de Estado bonapartista e à formação do Segundo Império na França do século 19, quando as forças da revolução tinham minguado, Marx procurou motivos de otimismo. Ele não defendeu que se assumisse o lado dos partidos burgueses multilaterais contra o imperador unilateral. Ele viu os conflitos entre as potências dominantes como uma passagem pelo purgatório, em que as forças revolucionárias aparentemente inexistentes estavam apenas cavando túneis no subsolo, esperando o momento para se manifestar. Nós também não temos a intenção de assumir o lado de qualquer das forças que lutam pelo poder no topo da hierarquia global. Hoje, porém, as forças da revolução estão trabalhando em plena vista. Os diversos movimentos que há vários anos vêm protestando contra a atual forma de globalização são centrais nos atos contra a guerra e hoje são cada vez mais reconhecidos como uma "opinião pública global". Essa voz alternativa existente talvez seja a diferença mais importante hoje, que pode nos libertar do trágico ciclo da repetição histórica.

-----  
Michael Hardt é professor de literatura da Universidade Duke (EUA) e co-autor, com Antonio Negri, de "Império".

## ANÁLISE

**A doutrina de guerra de Bush**

DAVID SANGER

DO "THE NEW YORK TIMES"

Ao anunciar anteontem à noite que optara pela guerra, o presidente dos EUA, George W. Bush, pôs fim ao debate sobre quem tem o direito de impor a aplicação de resoluções das Nações Unidas ou o de derrubar regimes brutais.

O argumento se resume a um preceito: numa era de inimigos invisíveis que não fazem declarações formais de guerra, esperar para agir depois que os inimigos dos EUA "façam o primeiro ataque não é autodefesa, é suicídio".

Bush introduziu assim a primeira nova estratégia de segurança nacional dos EUA em 50 anos - a doutrina de ação militar preventiva contra inimigos- na forma de uma justificativa para a mais recente guerra americana.

Trata-se de uma visão do papel dos EUA que Bush jamais discutiu enquanto disputava a Presidência, época em que preferia falar sobre a necessidade de uma abordagem "humilde" com relação ao mundo. Mas ele começou a adotar essa posição poucos meses depois de ocupar o cargo, e ela se tornou uma ardente paixão depois do 11 de setembro de 2001.

Discursando na Casa Branca anteontem, Bush parecia estar completando essa evolução, descrevendo os EUA como virtuais portadores do dever de policiar o mundo, caso a ONU não o cumpra, e dando a Saddam Hussein 48 horas para sair do Iraque.

O discurso marca o ponto culminante da ruptura que já vinha se desenvolvendo há meses com a ONU e com dois dos mais próximos aliados americanos no pós-guerra, a França e a Alemanha. As palavras de Bush quase que certamente confirmaram alguns dos piores temores do mundo sobre os EUA que ele preside: quando a ONU não se dobra à sua vontade, quando os aliados não querem acompanhá-lo, Bush simplesmente age só e puxa o gatilho.

"Para eles, isso demonstrará que todo esse esforço envolvendo a ONU era um exercício de futilidade e que é isso o que o presidente planejava fazer o tempo todo", disse Stanley Hoffmann, professor da Universidade Harvard que passou a vida estudando a guerra e a aliança transatlântica. "Não existe espaço na carta das Nações Unidas para a doutrina de ação preventiva, de autodefesa antecipada, proposta por Bush".

Mas Bush não estava falando à Europa anteontem. Estava falando primeiro à população dos EUA, explicando uma guerra que parece inevitável dentro de alguns dias e retratando-a como questão de sobrevivência nacional. E falava também ao povo do Iraque em transmissões de rádio traduzidas e transmitidas para o país, prometendo comida e liberdade:

"Em um Iraque livre não haverá mais guerras de agressão contra os vizinhos, fábricas de veneno, execuções de dissidentes, câmaras de tortura ou salas de estupro. O tirano em breve terá partido. O dia da libertação se aproxima". As palavras de Bush remontam, de muitas maneiras, à era da Segunda Guerra Mundial, um período de desafios muito mais claros e de ameaças mais óbvias. Ele retratou a ameaça iraquiana como tão grande e iminente que representa um desafio à sobrevivência dos EUA, argumentos que seus críticos já vinham alegando ser um exagero para justificar uma guerra preventiva.

Bush descreveu Saddam como um Hitler moderno, que os EUA e seus aliados devem enfrentar. Comparou abertamente a ONU e os países que rechaçam a guerra às nações que fecharam os olhos ao rearmamento da Alemanha nazista. Mas é improvável que o resto do mundo veja o confronto assim, e esse pode ser apenas o primeiro dos muitos desafios a superar à medida que Bush transforma a doutrina da prevenção em uma guerra preventiva.

Na Europa, a mensagem com certeza se enquadrará bem à imagem favorita de Bush como um caubói sempre com o dedo no gatilho. No passado, a Casa Branca sempre descreveu essa visão como uma caricatura grotesca, que tinha por objetivo exagerar as posições de Bush de maneira a desacreditá-las. Mas agora aliados e assessores de Bush decidiram que essa imagem pode ter suas vantagens. "Como homem do oeste, não acho que isso seja necessariamente uma má idéia", disse o vice-presidente Dick Cheney. "É o que a circunstância requer".

O que surpreendeu o mundo é a audácia com que Bush levou adiante a sua visão a ponto de hoje estar preparando planos detalhados para fazer do Iraque um protetorado pelo tempo que for necessário para "pacificar" o país.

Muitos, incluindo líderes republicanos e membros do governo, temem que o processo se torne uma armadilha para a nova doutrina de Bush. Na visão otimista do governo, Saddam será derrubado em dias, esperam, quando suas forças se curvarem à advertência de Bush de que deveriam se render e que seria tolice "lutar por um regime moribundo". O que virá a seguir, esperam, é o júbilo iraquiano e uma transição sob administração dos EUA aceita pelo país. Mas, em momentos de franqueza, até mesmo alguns dos mais importantes assessores de Bush dizem não ter idéia do que irão encontrar ao remover a tampa da ditadura de Saddam.

"Se não for como o Japão do pós-guerra, se for mais como a Iugoslávia do pós-guerra, teremos um imenso e dispendioso problema", reconheceu um desses assessores. "E não posso honestamente dizer que estamos preparados para isso, porque não há maneira de nos prepararmos".

"Nós vamos querer que alguém pague por isso", disse Joseph Nye, diretor da Escola Kennedy de Administração Pública, na Universidade Harvard. "É essa a hora em que se descobre o custo de confiar demais na eficiência e não o bastante no estabelecimento da legitimidade de suas ações militares".

A outra questão é definir se Bush conduzirá sua doutrina ao que seria seu próximo patamar lógico: o de deter outros países que representam ameaça ainda maior de proliferação.

Coreia do Norte? A escolha parece óbvia, mas o país pode contra-atacar de maneiras com que Saddam apenas sonha, atingindo soldados e aliados dos EUA. Irã? Talvez, mas há um movimento pela democracia no país que sofreria imensamente em caso de interferência americana.

Mas ambos os países representam ameaças potenciais aos EUA pelo menos tão iminentes quanto as do Iraque. E não são apenas pontos no "eixo do mal" do presidente, mas também alvos dos membros mais belicosos do governo Bush, que acabam de vencer o debate quanto ao Iraque.

## ATAQUE DO IMPÉRIO

14º DIA

Em pronunciamento, Iraque nega perda de território e derrota de seus homens em combate

**EUA dizem que já têm tropas a 30 km de Bagdá**

Kyodo/Reuters

Forças da 3ª Divisão de Infantaria lançam mísseis contra tropas da Guarda Republicana na região de Karbala

## DA REDAÇÃO

Cerca de 30 km separavam ontem uma divisão das forças americanas da capital iraquiana, Bagdá, segundo o Pentágono. Os EUA teriam avançado após derrotarem duas divisões da Guarda Republicana, a elite militar do Exército de Saddam Hussein, em Karbala (na região centro-sul do Iraque). O Iraque negou o avanço e a derrota em combate.

A investida estaria sendo liderada por membros de esquadrão do 7º Regimento de Cavalaria, unidade que encabeça a 3ª Divisão de Infantaria do Exército americano.

"Nossos rapazes já vêem Bagdá no horizonte. É o mais perto que já chegamos", disse reservadamente um oficial dos EUA.

Segundo os americanos, ao final de dois dias de combates com a Guarda Republicana, a 3ª Divisão teria dominado Karbala, o que permitiu às tropas cruzarem o rio Eufrates, o principal obstáculo natural na rota para Bagdá.

Ao mesmo tempo, os marines teriam aberto uma segunda rota para a tomada da capital iraquiana ao assumirem em Kut (160 km a leste de Karbala) o controle de uma ponte sobre um canal que estaria ligado ao rio Tigre. Partindo de Kut, os marines estariam a não mais que 50 km de Bagdá.

O governo dos EUA sustentou que a 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais (marines) ""destruiu" a Divisão Bagdá -uma das seis divisões da Guarda Republicana- nos enfrentamentos em Kut. A Divisão Medina, encarregada de proteger Karbala, teria sido drasticamente reduzida. "Poderia dizer que as divisões Medina e Bagdá já não são forças críveis", afirmou o general Stanley McChrystal, vice-diretor de operações do Estado-Maior.

Mas McChrystal fez ressalvas quanto à duração do conflito por Bagdá: "Planejamos uma batalha muito difícil pela frente".

Em Bagdá, o governo iraquiano negou que os norte-americanos tivessem cruzado o rio Tigre ou eliminado a divisão Bagdá.

Pela estratégia delineada, os americanos avançariam à capital por duas direções: sudeste (via Kut) e sudoeste (por Karbala).

"A adaga está claramente apontada contra o coração do regime de Bagdá. E permanecerá apontada até que o regime iraquiano seja removido", afirmou, no Qatar, o porta-voz do comando militar dos EUA, general Vincent Brooks, ao comentar o avanço das tropas.

Mantendo sua retórica de guerra, Brooks afirmou que a "adaga permanece firmemente em suas mãos [da coalizão] e bem controlada. Quando chegar o tempo de ser usada, ela será usada".

As autoridades americanas declararam temer que os iraquianos utilizem armas químicas, uma vez que forças da coalizão já operam dentro da chamada "linha vermelha" (o círculo de defesa de Bagdá). Desde o início da guerra, a coalizão tenta provar a existência dessas armas no Iraque, razão alegada para invadir o país.

O comando militar anunciou ter encontrado dois mísseis Al Samoud em uma área agrícola nas cercanias de Hilla (sul de Bagdá). Antes do início do confronto, inspetores da ONU haviam encontrado e obrigado o Iraque a destruir alguns desses mísseis.

Mísseis supostamente dos EUA atingiram ontem uma maternidade em Bagdá. Segundo testemunhas, ao menos 25 pessoas ficaram feridas -o número de mortos é incerto. Em Najaf, uma das cidades sagradas dos xiitas, forças americanas travaram combates contra soldados de Saddam. Os EUA disseram que os iraquianos tomaram postos na mesquita de Ali (templo sagrado dos xiitas) para disparar e que não revidariam para evitar danos ao local. Aviões B-52 bombardearam posições iraquianas em uma linha entre Mossul (norte) e a região autônoma controlada pelos curdos. Guerrilheiros curdos mantiveram incursões no território iraquiano. Em Basra (sul), forças iraquianas sofreram intenso bombardeio.

Colin Powell, secretário de Estado dos EUA, anunciou na Turquia ter chegado a um acordo para usar o território turco para enviar suprimentos a tropas americanas no norte do Iraque.

**Helicóptero dos EUA é abatido; sete morrem**

DA REDAÇÃO

Um helicóptero dos EUA com 11 soldados a bordo foi derrubado na noite de ontem pelas forças iraquianas, informou um oficial americano na região, sob a condição de anonimato. Sete militares morreram e os outros quatro foram resgatados com ferimentos.

Segundo esse oficial, o helicóptero Black Hawk foi derrubado por armas de baixo em Karbala, no centro-sul do país. Até a conclusão desta edição, não havia confirmação oficial do incidente pelo comando americano.

A região de Karbala é palco de combates entre a 3ª Divisão de Infantaria do Exército americano e as tropas iraquianas, reforçada por membros da Guarda Republicana, a tropa de elite.

**Divisão destruída**

A 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais tomou ontem uma ponte perto do rio Tigre na região de Kut, avançou rumo a Bagdá pelo sudeste e está a 50 km da capital, segundo os EUA e relatos da agência Reuters.

Nos combates para assegurar a rota para a capital, os marines, afirma o comando central americano, destruiu a Divisão Bagdá, força da Guarda Republicana do Iraque responsável pela proteção da área. O governo iraquiano negou o avanço inimigo e a perda da divisão.

"A Divisão Bagdá não existe mais, e os fuzileiros navais seguem em frente", declarou o capitão Frank Thorp.

Em nota lida na TV iraquiana, o governo de Saddam classificou como mentiroso o anúncio da destruição da divisão, que continuaria apta para o combate, "com moral alta para atacar o inimigo e destruí-lo".

A Divisão Bagdá teria ao menos 5.000 homens -estima-se que até 80 mil formem a Guarda Republicana.

Segundo os americanos, marines com metralhadores dispararam contra soldados iraquianos pelo controle de uma ponte no canal Saddam perto do rio Tigre. Os integrantes da Divisão Medina responderam com lança-granadas. Cerca de cem iraquianos teriam sido mortos apenas nesse confronto.

Segundo a agência Reuters, após controlar o canal, os fuzileiros navais avançaram até as imediações de Numaniya, ao norte de Kut, e montaram uma ponte com plataformas flutuantes para garantir uma passagem segura sobre o rio Tigre.

---

Com agências internacionais

## TERRITÓRIO OCUPADO

Tropas dos EUA entram na cidade, mas população quer saber se elas vão ficar

**Civis de Najaf saúdam americanos**

JIM DWYER

DO THE NEW YORK TIMES, EM NAJAF

Centenas de soldados norte-americanos entraram na cidade de Najaf ao meio-dia de hoje [ontem], e foram recebidos com cumprimentos dos moradores.

A infantaria contava com o apoio de helicópteros de ataque e bombardeiros, e imediatamente destruiu diversos depósitos de armas e assumiu o controle de uma instalação de treinamento militar para servir de quartel-general à sua unidade.

As forças de ocupação, da 1ª e da 2ª Brigada da 101ª Divisão Aerotransportada, entraram na cidade pelo sul e pelo norte. Os soldados haviam tomado o perímetro urbano anteontem.

As pessoas correram para cumprimentar os soldados norte-americanos, gritando repetidamente: "Obrigado, isso é lindo!"

**Experiência prévia**

Duas questões dominavam a multidão que se formou do lado de fora de um antigo depósito de munições do partido Baath: "Vocês ficarão?", queria saber Kase, um engenheiro civil que preferiu não informar seu sobrenome. Outro homem, Heider, pediu que "alguém me diga a hora em que Saddam Hussein estará terminado, por favor".

Um líder xiita (ramo muçulmano majoritário no Iraque), o aiatolá Ali Alsestani, que ao que se sabe esteve em prisão domiciliar por mais de uma década, foi libertado depois que seus guardas fugiram, com a entrada dos norte-americanos em Najaf.

O tenente-coronel Chris Hughes disse que estava conversando com um enviado do religioso sobre os arranjos de governo da cidade, agora que o partido Baath foi erradicado. O líder religioso anunciou que responderia na quinta-feira.

Tropas do Exército dos Estados Unidos cercaram a cidade na quinta-feira passada, depois de tomarem o controle de três pontes sobre o rio Eufrates em furiosos combates com as forças leais a Saddam Hussein.

Mas os norte-americanos ainda não controlavam toda a cidade hoje. Houve informações, no rádio, de que forças paramilitares tinham cerca de 20 reféns civis em outra parte de Najaf.

Entre os soldados que entraram na cidade está Kadhim al-Waeli, 30, que diz ter fugido da cidade em 23 de março de 1991, depois da primeira guerra do golfo Pérsico, quando um levante xiita foi brutalmente suprimido pelo regime de Hussein. O encorajamento norte-americano à revolta não passou das palavras, então. Ele é membro do que descreveu como forças iraquianas livres sob o comando de uma unidade de assuntos civis do exército norte-americano.

**Pão**

"Fiquei feliz por voltar, e ver um sujeito com um pão sírio na rua", disse Al-Waeli. "Ele me deu um pedaço; deu pão de graça a mim e a outros soldados. Disse que vocês são como eles".

Al-Waeli disse que o aiatolá Alsestani estava sendo cauteloso quanto a apoiar os norte-americanos, devido à incerteza quanto à posição dos xiitas locais sobre esse apoio.

Mas disse também que os xiitas locais estavam preocupados quanto à possibilidade de que os norte-americanos não garantissem a paz, e que queriam saber "se vocês vão ficar aqui ou vão nos deixar".

As tropas norte-americanas descobriram que as minas para militares e do partido Baath, antes de fugir, haviam plantado minas em estradas e pontes nas saídas da cidade. Tarde na noite de hoje, uma equipe de engenharia norte-americana estava limpando o terceiro desses campos, que continha 30 minas, detonando-as com explosivo plástico.

O tenente-coronel Duke DeLuca, apontando que as minas haviam sido fabricadas na Itália, disse que "os europeus são antiguerria, mas pró-comércio".

## Mesquita importante é palco de confronto

DA REDAÇÃO

Soldados americanos e guerrilheiros fedayeen, leais ao ditador Saddam Hussein, se confrontaram ontem em Najaf, no centro do Iraque, em batalha que terminou na mesquita de Ali, um dos locais mais sagrados para os muçulmanos xiitas. Não há informações de vítimas.

No confronto, os iraquianos, acuados, se refugiaram dentro da mesquita. Do lado de dentro, os fedayeen continuaram atirando contra os soldados dos EUA.

Segundo o Iraque, os americanos revidaram, disparando contra a mesquita. Caso isso tenha ocorrido, teria sido o primeiro ataque contra um símbolo religioso desde o início da ofensiva.

Ataques contra locais religiosos são evitados para evitar que o sentimento contra a ofensiva da coalizão anglo-americana cresça ainda mais no mundo muçulmano.

Dentro da mesquita de Ali está a tumba de Ali bin Abi Talib, primo e genro do profeta Mohammad. É um local de peregrinação dos muçulmanos xiitas.

Os xiitas são maioria dentro do Iraque (cerca de 60% da população) e também no Irã. Porém o país é controlado pelos sunitas, que é o ramo seguido por Saddam Hussein. Os xiitas são em grande parte opositores do regime.

O general Vincent Brooks afirmou no centro de comando dos EUA no Qatar que foi tomada a decisão de não disparar contra a mesquita devido à importância histórica e religiosa do local.

O premiê britânico, Tony Blair, disse que o regime de Saddam estaria disposto a danificar locais sagrados para os muçulmanos para colocar a culpa na coalizão anglo-americana.

"Eu gostaria de dizer ao mundo árabe e muçulmano que nós estamos fazendo o possível para proteger os locais sagrados", disse o primeiro-ministro.

Em Teerã (Irã), xiitas dissidentes do regime iraquiano afirmaram que os disparos feitos pelos soldados de Saddam de dentro da mesquita devem ser condenados. "O regime de Saddam quer se aproveitar dos locais sagrados para atingir seus objetivos", disse um porta-voz do Conselho da Revolução Islâmica no Iraque.

-----  
Com agências internacionais



**Unesco adverte sobre destruição do patrimônio**

DA FRANCE PRESSE

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) disse ter recebido informações alarmantes de que os bombardeios americanos no Iraque já danificaram o valioso patrimônio histórico do país, apesar das recomendações da entidade antes do início do conflito.

A declaração foi dada pelo vice-diretor de Cultura da Unesco, Monir Buchenaki.

"Lamentavelmente, temos informações alarmantes sobre certos lugares que já teriam sido atingidos nos bombardeios", disse. Uma carta da entidade foi enviada às autoridades dos EUA.

Entre os locais destruídos está o museu de Tikrit (cidade natal de Saddam), um museu em Mossul, um palácio em Bagdá que contém objetos da monarquia e algumas áreas da parte antiga de Basra, segundo Buchenaki, autoridade máxima em cultura da Unesco.

**AÇÃO MILITAR**

Tropas de Saddam recuam depois de sofrerem pesadas baixas em ataques dos EUA e dos curdos

**Frente norte iraquiana começa a cair**

PATRICK COCKBURN  
DO "THE INDEPENDENT",  
AO NORTE DE MOSSUL

A frente norte do Exército iraquiano começou a entrar em colapso ontem, enquanto tropas recuavam de maneira confusa para a cidade de Mossul, depois de sofrerem pesadas baixas em ataques aéreos americanos e em combate contra a milícia curda.

Sarbast Babiri, o comandante curdo, sorrindo triunfantemente para seus homens, muitos dos quais usavam capacetes iraquianos capturados e estavam reunidos em torno dele, disse que "o Exército iraquiano recuou para posições nove quilômetros ao norte de Mossul. Eles deixaram para trás metralhadoras pesadas, lançadores de foguetes, comida e muitos cadáveres".

O desmantelamento da frente norte, que não registrou muita atividade nas duas primeiras semanas da guerra, é um sério revés para o ditador Saddam Hussein, porque agora ele terá de enfrentar ataques do norte, além do sul. Mas a situação pode aumentar a possibilidade de uma invasão turca à região norte do Iraque, uma perspectiva que o secretário de Estado americano, Colin Powell, estava tentando evitar ontem.

Powell, que esteve em Ancara para uma visita de um dia, disse que estava tratando das preocupações turcas quanto "à extensão rumo ao sul das áreas sob controle curdo". Mas, enquanto ele discursava, já surgiam sinais de que os peshmergas (guerrilheiros) curdos estavam fazendo exatamente isso, ainda que, conscientes do perigo que a Turquia representa, tenham apresentado seu avanço não como algo previamente planejado, mas sim como fruto de um erro iraquiano.

A linha de frente iraquiana aqui ao norte de Mossul ficava, até ontem, 60 km ao norte da cidade.

O relato do comandante Babiri sobre o que aconteceu é que o Exército iraquiano estava cuidando da rotação de uma de suas unidades postadas na linha de frente, substituindo-a por outra, uma técnica padronizada aparentemente adotada para impedir deserções e limitar o tempo de exposição das tropas a ataques aéreos, dada sua posição vulnerável no topo das colinas.

"Eles queriam substituir o 108º pelo 105º Regimento, mas os soldados da unidade recém-chegada não sabiam onde estava a linha de frente de nossos peshmergas", explicou o comandante Babiri, responsável pelas forças da milícia curda em Bardarash. "Eles começaram a disparar contra os nossos soldados, e respondemos ao fogo." Foi nessa altura do combate que um destacamento das forças especiais dos EUA que acompanhava os peshmergas solicitou ataques aéreos contra as tropas iraquianas.

"Os americanos estavam conosco e coordenaram os ataques de seus aviões", confirmou o comandante Babiri. Ao longo do último mês, unidades das forças especiais americanas vêm combatendo ao lado dos peshmergas.

Os aldeões na vila curda de Kanilan, que estava sob controle do Exército iraquiano, confirmaram que o regimento iraquiano estacionado na ponte de Mandan, uma estrutura de concreto sobre um pequeno riacho vizinho, havia sofrido pesadas baixas. Hoshyar Ahmed, um dos aldeões, disse: "Vimos os aviões americanos bombardeá-los. Os veículos iraquianos removeram muitos mortos e feridos. Recuaram tão rápido que nem tiveram tempo de explodir a tempo, se bem tenham instalado minas nela".

As retiradas do Exército iraquiano para a cidade de Kirkuk, na semana passada, foram bem organizadas e tinham objetivos puramente táticos, sem que uma única arma fosse deixada nos quartéis que abandonaram. Mas, enquanto caminhávamos em frente à pequena loja da aldeia, que oferece uma variedade de biscoitos baratos, em Kanilan, vimos dois peshmergas chegando em um caminhão capturado do Exército iraquiano, na traseira do qual exibiram, com orgulho, um canhão sem recuo de 106 mm que também haviam capturado.

O comandante Babiri demonstrava cautela e tentava evitar qualquer declaração que fomentasse suspeitas turcas de que os curdos estejam avançando deliberadamente na província de Mossul.

"Não deixamos nossas posições durante o combate", disse, ainda que fosse difícil conceber, caso isso seja verdade, de que maneira ele e os soldados haviam conseguido avançar dez quilômetros na estrada para Mossul. "Só avançaremos até o limite das terras curdas", disse Babiri, referindo-se aos territórios curdos dos quais seus conterrâneos foram expulsos ao longo dos últimos 30 anos pelas sistemáticas campanhas de limpeza étnica de Saddam.

Os peshmergas tiveram apenas cinco mortos no combate, enquanto os aldeões dizem que até 200 iraquianos morreram ou foram feridos nos ataques aéreos. Isso sublinha o fato de que o Exército iraquiano não consegue

resistir sequer a forças leves de infantaria, como as dos curdos, quando estas contam com o apoio do poderio aéreo norte-americano em campo aberto.

Na verdade, os peshmergas curdos não precisam avançar até Kirkuk ou Mossul. Assim que o Exército iraquiano se retirar ou dissolver, cerca de 300 mil refugiados curdos das duas Províncias, muitos dos quais armados, expressam toda intenção de ir para casa, tão logo o possam.

**Bush pai diz a tropas que o filho "tem o controle"**

DA REDAÇÃO

O ex-presidente dos EUA George Bush (1989-1993), que comandou a campanha contra o Iraque em 1991 após Bagdá invadir o Kuwait, afirmou ontem estar confiante de que seu filho George W. Bush, presidente dos EUA, conduzirá as tropas americanas à vitória no Iraque.

"Posso lhes dizer que [o presidente] tem o controle e não abandonará suas responsabilidades", disse Bush em uma visita à base dos fuzileiros navais em Cherry Point (Carolina do Norte).

"Ele está orgulhoso dos fuzileiros navais. Falo com ele regularmente, e ele sempre menciona o quão orgulhoso está desse corpo e das Forças Armadas", afirmou.

---

Com agências internacionais

## ANÁLISE

Aproximação de Bagdá é mais lenta que teria sido possível se os americanos tivessem mais tropas

**Avanço "metódico" expõe erro dos EUA**

RICARDO BONALUME NETO  
DA REPORTAGEM LOCAL

O erro americano de não atacar com forças bem mais poderosas está ficando claro agora que suas tropas estão próximas de Bagdá.

Em vez da continuação de um avanço rápido, decisivo e esmagador, estão sendo feitos metódicos ataques às unidades da defesa iraquiana, uma de cada vez. A maioria dos analistas prevê a tomada de Bagdá em semanas, não em dias, a não ser que haja um colapso repentino -e imprevisível- da defesa.

A agência de notícias Reuters, por exemplo, ouviu 25 especialista em defesa e em Oriente Médio, 19 dos quais deram estimativas entre duas semanas a seis meses para a tomada da capital do Iraque. Os outros seis preferiram não se comprometer com prazos. A maioria prevê ainda de quatro a oito semanas de combate.

Uma "doutrina" militar é um conjunto de idéias aceitas pelos militares sobre como combater em uma guerra. A doutrina do ataque pode até ser o "Choque e Pavor" defendido pelo secretário da Defesa Donald Rumsfeld.

Mas, neste momento, está havendo uma adaptação, na prática, à doutrina rival da "Força Decisiva" -mas sem o poderio esmagador que esta preconiza.

A única esperança de a guerra acabar rápido, em questão de dias, seria um colapso repentino das forças iraquianas, em função do bombardeio de 24 horas a que estão sujeitas. Mas mesmo tropas de qualidade inferior podem resistir por muito tempo, se estiverem bem abrigadas -ou se a opção for entre combater ou o fuzilamento por deserção.

Não teria havido uma pausa das forças terrestres dos EUA se houvesse mais divisões para se revezarem no combate e poderem manter pressão constante sobre o inimigo.

Hoje o processo de "degradação" do poder de combate iraquiano em curso envolveria ataques terrestres simultâneos a todas as divisões da Guarda Republicana de Saddam Hussein, e não apenas duas às que estão em contato direto com a 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada e os fuzileiros navais (marines).

Chega um ponto em que uma unidade militar simplesmente diz "chega" e se rende ou foge. Foi o que aconteceu com o Taleban em 2001, era o que acontecia com as vítimas da Blitzkrieg, a "guerra relâmpago" alemã que conquistou boa parte da Europa na Segunda Guerra.

"Choque e Pavor" soa como uma Blitzkrieg requeitada. O alvo principal não é a tropa no terreno, mas sim a liderança e o sistema de comando inimigos.

O resultado seria a paralisia de toda a defesa; soldados inimigos cercados se renderiam em grande quantidade. Na prática, também é preciso destruir parte desses soldados no terreno.

Mesmo a Blitzkrieg alemã só funcionou a contento nos primeiros anos da guerra. Depois seus inimigos aprenderam como contê-la, criando uma situação em que ganha o lado que mata mais gente, mais rápido -uma situação de "atrito", no jargão militar.

Para evitar que os iraquianos "atritados" escapem entrando em Bagdá, é possível que os EUA usem suas forças mais móveis (como a 101ª Divisão Aerotransportada) para bloquear sua retirada.

## Para analistas, Bagdá pode cair em até oito semanas

RUTH PITCHFORD  
PRATIMA DESAI  
DA REUTERS

É provável que as tropas norte-americanas demorem até dois meses para tomar o controle de Bagdá, mas se tornou muito mais difícil prever quando acabará a guerra no Iraque, mostra enquete da Reuters com 25 especialistas em defesa e Oriente Médio.

Os especialistas, pesquisados entre a segunda e a quarta-feira, ofereceram estimativas variando de duas semanas a seis meses para que as tropas invasoras conquistem a capital iraquiana, com a maioria das estimativas na faixa das quatro a oito semanas.

"Eles terão uma presença importante em Bagdá dentro de um mês, mas continuará a haver combates esporádicos por algum tempo", disse Garth Whitty, ex-inspetor de desarmamento da ONU, do Real Instituto dos Serviços Unidos, de Londres, uma organização de pesquisa ligada às Forças Armadas.

Os especialistas, muitos dos quais trabalham como consultores para governos, empresas e organizações internacionais, relutaram mais do que em levantamentos anteriores em prever quanto duraria a guerra.

Eles disseram que as táticas adotadas pelas forças invasoras norte-americanas e britânicas, que têm por objetivo derrubar o ditador Saddam Hussein e evitar as vítimas civis, tornam o curso da guerra menos previsível.

"É evidente que o fato de que as forças da coalizão estão lutando por substituir o regime em lugar de lutarem por conquistar o país torna a situação mais problemática", disse Judith Kipper, especialista em Oriente Médio do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais de Washington.

Dezenove dos especialistas ofereceram estimativas quanto à provável duração da guerra. Em levantamentos no final de 2002, cerca de um terço deles previu que a guerra duraria um mês ou menos, a maioria que ela duraria até três meses e apenas dois dos consultados estimaram que talvez demorasse mais tempo.

### Recuo improvável

Mas a maior parte dos especialistas continua a acreditar que os Estados Unidos atingirão seus objetivos declarados de derrubar Saddam e desarmar o Iraque.

Dezoito deles disseram que era bastante improvável que as forças norte-americanas se retirassem sem depor Saddam, e cinco consideravam que isso fosse improvável. Um deles estimou as chances de que Washington fracasse quanto aos seus objetivos em de 50%, e apenas um deles considera que um recuo norte-americano seja altamente provável.

A maior parte dos consultados acredita que deva haver reconciliação, em alguma medida, entre os Estados Unidos e o Reino Unido, de um lado, e os demais países importantes das Nações Unidas que se opuseram à guerra.

Dezessete dos especialistas disseram que era provável que os Estados Unidos trabalhassem em cooperação com as Nações Unidas para reconstruir o Iraque no pós-guerra.

Muitos disseram que seria essencial que Washington fosse visto entregando o controle sobre o Iraque o mais cedo possível, a fim de evitar um provável conflito de guerrilha de longa duração contra os iraquianos ressentidos.

Mas eles previram que as tropas norte-americanas teriam de permanecer no país por meses, senão por anos, depois do final dos combates.

"O controle de Bagdá não quer dizer o final da resistência", disse Abdel-Bari Atwan, editor do jornal árabe "Al Quds", de Londres.

"A tomada da capital deflagraria uma espécie diferente de resistência, porque não seria uma resistência em apoio a Saddam Hussein e ao regime laico, mas uma resistência pela libertação do Iraque... Os fundamentalistas islâmicos considerariam que essa é sua batalha, e que seu dever é expulsar as tropas estrangeiras", disse ele.

A guerra já debilitou a economia mundial ao tornar as empresas relutantes ao decidirem quanto a investimentos e ao provocar a elevação nos preços do petróleo, o que deixa menos dinheiro para o consumo.

No entanto a maior arte dos especialistas vê risco pequeno de perturbações sérias no suprimento de petróleo do golfo Pérsico neste ano. A região detém dois terços das reservas mundiais conhecidas de petróleo. Sete dos especialistas disseram que o risco de perturbação era moderado, e dois deles que era significativo.

Um segundo levantamento da Reuters, entre administradores de fundos de investimentos, realizado na terça-feira, concluiu que a maioria deles previa conclusão da guerra em cerca de seis a sete semanas.

Eles previam que o final do conflito apoiaria as Bolsas de Valores, onde os preços das ações estão em queda desde o estouro da bolha da tecnologia, três anos atrás.

## RESGATE DA RECRUTA

Bush ficou "radiante" com libertação; família achou que fosse trote

**Ex-prisioneira chega à Alemanha**  
DA REDAÇÃO

A recruta americana Jessica Lynch, 19, chegou ontem a um hospital na cidade alemã de Landstuhl que tem sido usado pela coalizão anglo-americana, onde será tratada de ferimentos nas pernas e uma possível fratura no braço. Na véspera, ela fora resgatada de um hospital em Nassiriah (sul do Iraque) onde era mantida prisioneira pelas forças iraquianas.

O presidente americano, George W. Bush, recebeu como "ótima" a notícia do resgate. Mas a família da recruta achou que fosse mentira de 1º de abril.

"Por volta das seis da tarde [de terça-feira], um oficial nos ligou. Achamos que fosse trote do Dia da Mentira", disse o pai da recruta, Greg Lynch, à rede de TV americana NBC.

Ele ainda não havia se comunicado com a filha. "Vamos esperar ela chegar para fazermos a maior festa que esta cidade já viu", afirmou Lynch, que vive em Palestine, em Virgínia Ocidental (leste dos EUA).

O presidente Bush também recebeu a notícia do resgate na tarde de terça-feira, pelo secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, que omitiu inicialmente ao presidente a descoberta de 11 cadáveres -supostamente de soldados americanos - no hospital. Dois deles foram recuperados pela coalizão, mas não haviam sido ainda identificados.

"O presidente está radiante por Jessica Lynch e sua família", disse ontem o porta-voz da Casa Branca, Ari Fleisher. "Ele está orgulhoso que as Forças Armadas tenham executado uma operação de resgate tão ousada. Mas está preocupado com outros desaparecidos, prisioneiros e com os mortos em combate."

Redes americanas exibiram ontem um vídeo do Departamento de Defesa que mostra a recruta sendo levada em uma maca para um helicóptero do Exército. No vídeo, ela sorri timidamente para as câmaras.

Jessica, que pertence a uma unidade logística, entrou na lista de 15 desaparecidos do Exército americano no dia 23 de março, quando a caravana em que estava sofreu uma emboscada no sul do Iraque. Segundo o Departamento de Defesa, ela só passou a ser considerada "prisioneira de guerra" horas antes de seu resgate, quando seu paradeiro foi descoberto pela CIA (serviço secreto americano).

-----  
Com agências internacionais

**Brasileiro teria sido detido por iraquianos**

DO "AGORA"

O brasileiro Giovanni Pietro Ferri Favero, 39 anos, voluntário da Cruz Vermelha italiana, teria sido capturado e agredido pelo Exército iraquiano no norte de Bagdá, afirmou Nelinton Ferri Favero, irmão de Giovanni, ao jornal "Agora".

"Temos parentes em Florença, onde meu irmão vive desde 1987. Eles me ligaram contando", disse Nelinton. A informação teria sido divulgada por uma rede de TV italiana.

Ele disse ainda que seu irmão, outros voluntários e dois jornalistas teriam sido confundidos com espões pelos iraquianos e capturados no sábado. Dois dias depois, teriam sido libertados.

Segundo Nelinton, Giovanni não dá notícias desde a última sexta-feira. "No último e-mail, ele disse que tentaria sair do Iraque", afirmou. A rede de TV italiana informou que o grupo estaria tentando ir para a Síria.



## ANÁLISE

**Não há motivo para pânico**

MAX BOOT

ESPECIAL PARA O "FINANCIAL TIMES"

Saddam Hussein merece crédito. Ele aprendeu com a primeira guerra no golfo Pérsico que não faz sentido enfrentar de frente as forças norte-americanas em combate convencional. Na segunda guerra no golfo Pérsico, ele adotou uma estratégia mais inteligente, de retirada para áreas urbanas e perturbação das linhas de suprimento norte-americanas com tropas irregulares.

O maior sucesso de Saddam vem sendo simplesmente manter o controle de seu regime. As deserções em massa e os levantes previstos por muitos não se materializaram. Mas isso não se deve, como alegam alguns, ao sentimento "nacionalista".

A verdade é que a infra-estrutura de terror do partido Baath continua seguramente implantada, e os iraquianos comuns não confiam o bastante na vitória dos Estados Unidos, ainda, para trocar de lado. Não querem repetir 1991, quando os Estados Unidos os encorajaram a um levante e depois se recusaram a interferir enquanto os rebeldes eram massacrados.

As forças norte-americanas foram apanhadas de surpresa pela ferocidade da resistência dos fiéis ao regime. A administração dos Estados Unidos, do presidente para baixo, insensatamente estimulou expectativas de uma vitória fácil ao dar destaque indevido à campanha de bombardeio de "choque e pavor" e especular publicamente sobre um colapso da resistência.

Isso poderia ter acontecido caso Saddam tivesse morrido no primeiro dia dos ataques aéreos, mas aparentemente não foi o que aconteceu e assim agora temos uma guerra de verdade em nossas mãos.

No entanto não há razão para pânico, como o demonstrado por muitos membros da imprensa que utilizam analogias desgastadas com o Vietnã. As forças norte-americanas continuam a caminho da vitória, a despeito de alguns pequenos reveses. Embora tenha obtido um sucesso político preliminar simplesmente por manter o controle das cidades, Saddam não realizou muita coisa, militarmente.

Os fedayin podem perturbar as linhas de comunicação, forçando a coalizão a empregar mais soldados na proteção aos comboios de suprimentos, mas isso não passa de um incômodo. Os fanáticos estão morrendo. Não poderão manter esses ataques pouco efetivos indefinidamente.

Por mais irritante que seja essa resistência, outros perigos não se materializaram. Não houve destruição maciça dos campos de petróleo, represas ou pontes do Iraque. Nenhum ataque aos Estados Unidos ou a Israel. Armas químicas e biológicas ainda não foram usadas.

Alguns desses cenários talvez ainda ocorram, mas outros já foram impossibilitados pela ação militar. O avanço norte-americano de 400 quilômetros em quatro dias foi impressionante, e ainda não acabou. Boa parte do oeste do Iraque caiu. Os curdos, tendo na vanguarda forças especiais norte-americanas, estão em marcha no norte. Os ataques aéreos vêm causando baixas cada vez maiores à Guarda Republicana entrincheirada em torno de Bagdá.

A mídia apresenta um quadro distorcido porque os jornalistas "embutidos" nas unidades cobrem cada arranhão sofrido pelos soldados norte-americanos e britânicos. Mas não há repórteres ao lado das forças iraquianas para mostrar suas perdas devastadoras diante dos ataques aéreos e de artilharia altamente precisos.

**Poucas baixas**

Qualquer perda de vida é trágica, mas, em termos históricos, os Estados Unidos não sofreram em excesso. Menos de 50 soldados norte-americanos foram mortos até agora -uma fração dos 382 perdidos na guerra do Golfo Pérsico em 1991 (147 para fogo hostil).

Dois dos ataques blindados mais bem sucedidos da história, a blitzkrieg alemã na Holanda e na França em 1940 e a ofensiva israelense contra os vizinhos árabes do país em 1967, resultaram em perdas bem maiores para os atacantes. Os alemães perderam mais de 27 mil homens, e os israelenses mais de 700. Serão precisas muitas emboscadas ao estilo da de Nassiriah antes que as forças norte-americanas se aproximem desse total.

E, depois de meros 14 dias, a ofensiva dificilmente poderia ser vista como estagnada. A blitzkrieg alemã de 1940 levou 44 dias para causar a rendição da França. E os recentes conflitos norte-americanos também não se resolveram do dia para a noite -a primeira Guerra do Golfo demorou 43 dias, a de Kosovo 79 dias, a do Afeganistão 63 dias. Não existe motivo, que não a arrogância, para pensar que a presente campanha avançará mais rápido.

O fim do jogo -a libertação de Bagdá- não será fácil ou barato em termos de vidas, mas é factível. Saddam talvez acredite que possa repetir o cenário do "Falcão Negro em Perigo" em escala muito maior, mas é quase certo que esteja enganado.

As forças dos Estados Unidos não tiveram problemas para garantir Mogadíscio em 1992. Os problemas surgiram em 1993, depois que o grosso das tropas norte-americanas havia partido, quando um pequeno contingente de soldados das forças especiais foi enviado para capturar um líder guerreiro.

As forças dos Estados Unidos atingiram seu objetivo, mas a um custo de 18 baixas fatais, porque lhes faltavam blindados e apoio aéreo. Na batalha por Bagdá, isso não faltará.

A coalizão terá sucesso no Iraque. A cada dia que passa as forças de Saddam enfraquecem, e as da coalizão se reforçam. Que o inimigo esteja combatendo com vigor agora não implica que não seja derrotado em breve. Os franceses lutaram arduamente em maio de 1940, inicialmente. Mas o veloz e feroz avanço alemão terminou conduzindo a um completo colapso. A mesma coisa acontecerá no Iraque.

---

Max Boot é pesquisador no Council on Foreign Relations

**"DANO COLATERAL"**

Mísseis americanos matam vários civis e ferem ao menos 25, dizem iraquianos

**Ataque atinge maternidade em Bagdá**

DA REDAÇÃO

Mísseis dos EUA atingiram ontem uma maternidade mantida pelo Crescente Vermelho (equivalente, em países muçulmanos, à Cruz Vermelha) e outros prédios civis em Bagdá, matando várias pessoas e ferindo ao menos outras 25, segundo funcionários de hospitais e testemunhas.

Os ataques, que ocorreram na manhã de ontem (horário local), pegaram desprevenidos os motoristas que estavam na vizinhança da maternidade. Samia Nakhoul, repórter da agência Reuters, disse ter visto ao menos cinco carros queimados no meio de uma rua perto do hospital. Disse ainda que conversara com testemunhas que lhe disseram que os motoristas e passageiros desses carros tinham morrido queimados.

Moradores e médicos disseram que aeronaves americanas bombardearam a região de Mansour. A maternidade do Crescente Vermelho, um complexo de prédios de escritórios e as sedes de dois sindicatos teriam sido atingidos.

"Houve ataques aéreos. Ao menos 25 pessoas que trabalham ou vivem na região ficaram feridas. Três funcionários do Crescente Vermelho também ficaram feridos. Levamos todos os feridos a dois hospitais de Bagdá. Ainda não tenho informações sobre mortos", afirmou Abdel Hamid Salim, funcionário do Crescente Vermelho em Bagdá.

A fachada do prédio da maternidade, sua farmácia e sua sala de espera foram danificadas. O forro do imóvel desabou, e o chão ficou coberto de cacos de vidro, detritos e sangue dos feridos, segundo a repórter da Reuters.

"O forro caiu sobre nós. Cacos de vidro e detritos causaram cortes em muitos pacientes e funcionários da maternidade. As pacientes eram, em sua maioria, mulheres grávidas. Elas foram levadas a outros hospitais", disse o médico Mohammad Ibrahim.

Em Doha, no Qatar, o general Vincent Brooks não quis comentar o caso. Um comunicado oficial das Forças Armadas dos EUA afirmou que os aviões americanos tinham atacado a região de Khark, em Bagdá, na qual há um palácio governamental.

Se for confirmado, esse incidente será mais um fato negativo da campanha militar da coalizão anglo-americana no Iraque. Anteontem, ao menos 31 civis morreram e 310 ficaram feridos em ataques à cidade de Hilla (80 km ao sul de Bagdá), segundo o diretor do hospital local.

**Bombas imprevisíveis**

Os EUA disseram que estavam investigando se as mortes em Hilla se deveram a bombas de fragmentação, armas imprevisíveis que espalham centenas de "minibombas" por áreas grandes.

Pela primeira vez, ontem, oficiais do Comando Central dos EUA admitiram estar usando esse tipo de bomba -que pode matar muitos civis e cujo uso é criticado por entidades de direitos humanos- na invasão do Iraque. "É uma arma muito eficiente", disse o porta-voz Frank Thorp.

Anteriormente, incidentes em postos de controle geridos pelos americanos haviam causado a morte de ao menos oito civis iraquianos, entre eles mulheres e crianças. Esse tipo de incidente mina a campanha de relações públicas das forças americanas e britânicas, que visa atrair a opinião pública iraquiana ao esforço para depor o ditador Saddam Hussein.

-----  
Com agências internacionais

**Punida em Bagdá, Al Jazeera pára trabalho no Iraque**

DA REUTERS

A TV Al Jazeera, do Qatar, disse ontem que o Iraque havia impedido dois de seus correspondentes de fazer reportagens em Bagdá e que, em protesto, estava suspendendo o trabalho de seus jornalistas no Iraque.

O governo iraquiano não deu motivos para a ação contra a TV qatariana, que transmite em árabe e tem sido criticada pelos EUA e pelo Reino Unido por mostrar imagens da guerra que seriam favoráveis a Saddam Hussein.

"O Ministério da Informação do Iraque informou ao escritório da Al Jazeera em Bagdá que seu correspondente Diyar al-Omari foi proibido de fazer seu trabalho jornalístico e que seu correspondente Taysir Alouni deveria deixar o Iraque o mais cedo possível, sem explicar o motivo da decisão", afirmou a TV.

"A Al Jazeera lamenta essa posição repentina, que não foi justificada, e decidiu, até segunda ordem, suspender o trabalho de todos os correspondentes no Iraque, continuando a transmitir imagens ao vivo e gravadas de Bagdá, Basra e Mossul."

A TV é vista por 35 milhões de pessoas no mundo árabe e tem grande influência sobre a opinião dos árabes a respeito da guerra.

**"Vitória está ao alcance das mãos", diz Saddam**

DA REDAÇÃO

O ditador iraquiano, Saddam Hussein, afirmou ontem que a vitória do Iraque na guerra "está ao alcance das mãos". A declaração foi feita por meio de comunicado lido por um apresentador da rede de TV iraquiana.

"Nós utilizamos apenas um terço ou menos de nosso Exército até agora, enquanto os criminosos [americanos e britânicos, segundo o ditador] utilizaram quase todas as forças trazidas para agredir o Iraque", disse Saddam.

O ditador acrescentou: "Lutem contra eles, assim o Iraque ficará seguro e nossa nação sairá desta crise gloriosamente. Eles fracassaram e a vitória se aproxima".

O ditador ofereceu ainda, segundo o comunicado, 10 milhões de dinares (cerca de US\$ 3.210) para quem pegar um agente inimigo ou fornecer informações que levem à captura.

Uma imagem de Saddam também foi exibida ontem. O ditador estava dando risadas junto com outros membros de seu gabinete. Ele não dá declarações durante a exibição das cenas.

Não há como saber se o comunicado realmente foi escrito por Saddam. Tampouco é possível afirmar que as imagens exibidas pelo ditador são recentes ou anteriores à eclosão da guerra.

O paradeiro do ditador é incerto desde o início dos bombardeios. Houve rumores até de que ele estaria morto. O ditador, desde a eclosão da guerra, apareceu duas vezes fazendo discurso na TV.

Uday al-Taei, uma importante autoridade do Ministério da Informação, disse em entrevista para uma rede de TV francesa que Saddam continua vivo.

Segundo analistas, Saddam não mudou seus hábitos em relação a aparições na TV após o início da guerra. "Ele não dar uma declaração ao vivo não é importante. Nos últimos dez anos, são raras as vezes que Saddam apareceu ao vivo na TV", disse Toby Dodge, especialista em Iraque da Universidade Warwick, no Reino Unido.

Em outro comunicado, desta vez lido pelo ministro da Informação Mohammad Saeed al-Sahaf em rede de TV, o ditador advertiu a facção curda que controla o norte do país a não apoiar os EUA na luta contra o Iraque.

Segundo o ditador, o líder da União Patriótica do Curdistão, Jalal Talabani, deve permanecer ao lado do regime iraquiano.

"Eu sou obrigado por princípios morais e constitucionais a adverti-lo do perigo desse jogo [de apoiar os EUA]", afirmou Sahaf em nome de Saddam.

"Eu aviso a você para não partir para o outro lado enquanto houver certeza de que o regime que combate os agressores estrangeiros permanece no poder. Você e suas forças podem evitar um choque com as pessoas [iraquianas] e o Exército", disse.

Talabani foi aliado de Saddam no passado para combater uma facção curda rival no norte do país. Mas agora apóia os EUA na expectativa de que um Estado curdo independente seja criado.

Ao afirmar que ataques aéreos americanos haviam deixado 24 civis mortos e 186 feridos nas últimas 24 horas, Sahaf disse: "Não importa quantos civis iraquianos eles matem. Nós ficaremos cada vez mais fortes e mais determinados para repelir a invasão."

---

Com agências internacionais

## NOTAS DA GUERRA

**EXPULSÃO****Jornalistas relatam prisão em Bagdá**

Quatro jornalistas expulsos ontem do Iraque -três americanos e um dinamarquês - relataram ter permanecido durante uma semana na prisão de Abu Ghraib, a mais temida do Iraque, pois costuma receber opositores do regime. Os jornalistas -que entraram no país pouco antes do início da guerra com vistos de turistas- foram presos sob suspeita de espionagem e interrogados repetidas vezes. Embora digam ter recebido "tratamento humano", relatam ter ouvido gritos de outros prisioneiros à noite quando, aparentemente, eram retirados de suas celas. Nos últimos dias, as autoridades iraquianas têm aumentado a pressão sob jornalistas estrangeiros. Na terça, expulsaram um australiano e um sul-africano. Dois australianos permanecem detidos.

**PACIFISMO****Vargas Llosa critica Saddam e guerra**

O escritor peruano Mario Vargas Llosa disse ontem que protestar contra a guerra não significa apoiar a manutenção do ditador iraquiano, Saddam Hussein, no poder. "Ele segue sendo um ditador sangrento, um dos piores que viveram no mundo moderno", disse o escritor ao apresentar, em Madri, o seu último livro: "O Paraíso em Outra Esquina".

**MORTOS****Marines imigrantes têm cidadania póstuma**

Dois marines dos EUA, um originário da Guatemala e outro do México, receberam a cidadania americana após terem morrido em combate no Iraque. José Angel Garibay, 21, e José Gutierrez, 22, ainda não haviam completado o processo para se tornarem cidadãos norte-americanos, embora vivessem no país havia vários anos.

**CORÉIA DO SUL****Parlamento aprova envio de tropas**

O Parlamento da Coreia do Sul aprovou ontem o envio de forças para a região do golfo Pérsico. Essas tropas, no entanto, servirão apenas para apoio e não entraram em combate. Do lado de fora, centenas de manifestantes contra a guerra protestaram contra a decisão do Parlamento. Eles atiraram garrafas contra a tropa de choque da polícia. Duas pessoas ficaram feridas.

**PERIGO****Cinegrafista da BBC morre ao pisar em mina**

O cinegrafista iraniano Kaveh Golestan, 52, que trabalhava como free-lance para a rede britânica BBC, morreu ontem no Iraque ao pisar em uma mina terrestre. O produtor Stuart Hughes ficou ferido. Ele é o quarto jornalista morto desde o início da guerra, pelo que se sabe até o momento. Até agora, já morreram um australiano e dois britânicos. Um quinto jornalista está desaparecido.

## DIPLOMACIA

Chanceler defende cadeira permanente do Brasil no Conselho após encontro com Amorim

**França defende Brasil no CS da ONU**

FERNANDO EICHENBERG

FREE-LANCE PARA A FOLHA, EM PARIS

A França apoiou oficialmente ontem a inclusão do Brasil como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU (CS).

A manifestação pública foi feita pelo chanceler francês, Dominique de Villepin, logo após o encontro de cerca de trinta minutos mantido com o chanceler brasileiro, Celso Amorim, na sede do ministério, em Paris. "Tratamos dessa questão na nossa conversa, e a França apóia a candidatura brasileira a uma cadeira permanente no quadro de reformas que permitiriam o aumento do número de países integrantes" do CS, disse Villepin. O chanceler francês defendeu a ampliação do Conselho como uma forma de tornar a comunidade internacional mais unida e eficaz e impor uma maior legitimidade às decisões da ONU.

A aspiração brasileira de integrar de forma permanente o CS não é de hoje. Durante seu mandato, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso reclamou reiteradas vezes por uma melhor representatividade do Conselho e um assento cativo para o Brasil.

Mais recentemente, a reivindicação brasileira havia sido incluída no cardápio do almoço que reuniu os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Jacques Chirac, em janeiro último, no Palácio do Eliseu, em Paris. Na ocasião, o presidente francês prometera para breve um apoio público por parte de seu chanceler. Horas depois, num coquetel realizado na embaixada brasileira com líderes socialistas, ao ser questionado sobre seu encontro com Chirac, Lula disse: "Eu não vou aqui falar mal do Chirac, pois ele prometeu apoiar nossa candidatura ao CS".

Depois da confirmação ocorrida ontem, Amorim agradeceu o apoio francês e defendeu igualmente uma ampla reforma da ONU nos desdobramentos da crise iraquiana. Mas fez questão de acrescentar: "Queria frisar muito, com grande ênfase, que não temos nenhuma visão oportunista em relação a esse assunto. Nossas posições em defesa da paz e do papel do Conselho, mesmo com a composição atual, têm sido muito claras, porque achamos que é a fonte de legitimidade para a ação internacional".

EUA, Rússia, França, Reino Unido e China são os atuais membros permanentes do CS, com direito a veto.

Países como Alemanha, Egito e Índia também reivindicam assentos permanentes.

Ao todo, o CS tem 15 membros e é o órgão decisório da ONU.

## Iraque

Os dois chanceleres aproveitaram para enfatizar suas posições convergentes em relação à situação iraquiana. "Neste período difícil pelo qual passa o mundo, é muito reconfortante ver que o Brasil e a França têm uma visão comum sobre muitos problemas, não somente sobre o Iraque e o papel central a ser desempenhado pela ONU, mas também sobre o futuro da reconstrução mundial. Só com a ONU poderemos assegurar a autodeterminação do Iraque e a estabilidade da região", disse Amorim.

**Turquia permite passagem de suprimentos**

DA REUTERS

O secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, disse ontem ter chegado a um acordo com a Turquia sobre o envio de suprimentos a americanos no norte iraquiano por território turco.

A visita de Powell tinha o objetivo de restaurar as relações entre os dois países, prejudicadas pela recusa da Turquia em deixar que militares americanos atacassem o Iraque a partir de território turco. A Turquia faz parte da Otan (aliança militar ocidental liderada pelos EUA).

Os dois lados também chegaram a um acordo ontem sobre um "sistema de advertência" para evitar que a Turquia envie forças ao norte do Iraque. Ancara já disse que enviaria tropas à área para evitar a criação de um Estado curdo ou uma fuga maciça de refugiados.

Sob o novo sistema, autoridades turcas e americanas farão consultas mútuas imediatas se houver tensões na área. Mas, segundo Powell, americanos levados por ar até a região já estabilizaram a situação na área. Ele disse não ver razão para a Turquia enviar militares à região.

Os EUA temem que uma mobilização turca leve a um conflito com curdos iraquianos e mine o esforço de guerra americano.

Powell reiterou que seu país estava desapontado com a recusa da Turquia em permitir que cerca de 62 mil soldados americanos invadissem o Iraque a partir de seu território. Mas ele disse que Washington estava agora procurando ajuda para abastecer seus soldados no norte, que, segundo estimativas, seriam cerca de 1.200.

"Resolvemos todas as questões em aberto no que diz respeito ao fornecimento de suprimentos através da Turquia às unidades que estão fazendo um trabalho tão maravilhoso no norte do Iraque para manter a situação estável" na área, disse Powell em uma entrevista conjunta com o chanceler turco, Abdullah Gul.

Os dois também concordaram em que militares feridos no norte iraquiano poderiam ser transportados por território turco.

"Alimentos, combustível e outros produtos para auxílio humanitário serão transportados pela Turquia. Há um acordo mútuo", disse Gul.

O Exército turco afirmou que os EUA haviam sido permitidos a enviar 204 veículos Humvee sem armas pela fronteira sul da Turquia com o Iraque, mas que a medida não tinha relação com as negociações de Powell.



## **Britânicos reclamam de ação dos EUA**

MARIA LUIZA ABBOTT

FREE-LANCE PARA A FOLHA, DE LONDRES

Começam a ficar visíveis diferenças entre os EUA e o Reino Unido. Comandantes britânicos vêm manifestando sua consternação com a dureza com que as tropas dos EUA estão tratando os civis iraquianos, segundo o jornal londrino "The Times".

Fontes graduadas do governo britânico citadas pelo jornal dizem que as mortes de civis por soldados americanos em barreiras militares evidenciaram uma série de diferenças militares e políticas que estão criando pequenas rachaduras entre os dois.

As relações já tinham sido afetadas pelas mortes de soldados britânicos em incidentes do chamado "fogo amigo". Depois do "ataque" de um piloto dos EUA a um comboio britânico, um dos sobreviventes acusou os americanos de não terem qualquer preocupação com a vida humana. Um comandante da Marinha Real reclamou da atitude das tropas americanas em relação à população no Iraque e disse que isso estava pondo seus homens em perigo.

Os militares britânicos têm buscado se distanciar do comportamento dos americanos, citando sua experiência em administrar barreiras militares e civis nos anos de conflito na Irlanda do Norte. Desde terça-feira, em quatro cidades do sul do Iraque, soldados do Reino Unido vêm substituindo os capacetes por boinas militares.

"Nunca se vê fuzileiros americanos andando com suas boinas. Eles ainda usam capacetes na Bósnia. É preciso ter muito cuidado para não ganhar a batalha e perder a guerra. Temos que ser sensíveis e não queremos criar ressentimentos no país", disse uma fonte militar ao "Times".

Na área política, há indicações de que os EUA já preparam um governo comandado por americanos para administrar o Iraque. Londres insiste em uma administração com o respaldo da ONU e assegura que não há divergências com os EUA em relação a isso.

Ontem, o premiê britânico, Tony Blair, defendeu o apoio da ONU para um governo interino e disse que o poder deveria ser entregue aos iraquianos assim que possível. "É importante que trabalhemos como forças de coalizão, como países de coalizão, em consultas próximas e em parceria com a ONU, para tentar desenvolver o tipo correto de autoridade interina no Iraque", disse ele no Parlamento.

Ele reconheceu que há divisões dentro da ONU sobre um futuro governo interino no Iraque, mas disse que eram diferenças conciliáveis e que os iraquianos devem governar o país o mais rapidamente possível. "O Iraque não deve ser governado nem pela coalizão nem pela ONU. Deve ser governado pelos iraquianos o quanto antes possível", disse.

## **Congresso apóia Powell no pós-guerra**

FERNANDO CANZIAN  
DE WASHINGTON

O Congresso dos EUA impôs uma derrota ao presidente George W. Bush e ao secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, nos planos de deixar a maior parte da responsabilidade na reconstrução do Iraque para os militares. Dezenas de membros graduados das Forças Armadas já estão no Kuwait, sob o comando do general reformado Jay Garner, elaborando planos nesse sentido.

Esperavam entrar no Iraque depois de 30 dias de guerra e realizar a transição para um novo governo em outros 90 dias.

Além de a guerra poder durar mais do que o previsto, os planos do Pentágono agora esbarram nos parlamentares, tanto republicanos quanto democratas.

Do pedido de mais de US\$ 75 bilhões para a guerra que Bush enviou ao Congresso na semana passada, a Casa Branca contava com US\$ 2,5 bilhões para o Pentágono iniciar a ajuda humanitária e a reconstrução iraquiana.

Os Congressistas decidiram, no entanto, que vão votar o pedido condicionando que o dinheiro tenha uma destinação clara: o Departamento de Estado, comandado por Colin Powell.

O revés é mais um sintoma do descontentamento entre os políticos com a condução da guerra, que teve suas dimensões e planejamento decididas em boa medida por um grupo extremamente restrito controlado por Rumsfeld.

Esta semana, Rumsfeld adiou por tempo indeterminado a ida de uma equipe de oito pessoas escolhidas por Powell para trabalharem com Garner no Kuwait. Garner vem se reunindo diariamente com a sua equipe para acertar detalhes da transição.

As discussões tratam de assuntos variados, desde a substituição do dinheiro iraquiano pelo dólar no período de transição -já que a figura de Saddam Hussein aparece nas cédulas atuais- até a implementação de uma imprensa livre no país após a guerra.

O Departamento de Estado vinha exigindo uma participação mais ativa nessas discussões. Agora, Bush e os militares comandados por Rumsfeld devem ceder, já que o Congresso tende a autorizar a liberação do dinheiro para o pessoal de Powell.

"O secretário de Estado é a pessoa apropriada para cuidar da assistência externa", afirma o republicano James Kolbe, do Arizona. "Ponto pacífico: reconstrução é um assunto civil", disse.

Mesmo entre os republicanos, crescem as críticas sobre a condução da guerra por Rumsfeld.

Já entre os democratas, a estratégia tem sido o silêncio. Sem candidato definido para a eleição de 2004, o partido evita críticas em um momento em que a opinião pública é amplamente favorável a Bush e à guerra.

## ARTIGO

**Que venha a revolução**

THOMAS L. FRIEDMAN  
DO "NEW YORK TIMES", NO CAIRO

Quem lê a imprensa árabe imagina que o mundo árabe inteiro esteja enfurecido com a invasão americana do Iraque, e, até certo ponto, isso é verdade. Mas há algo que não se lê na imprensa: por baixo da raiva também existe uma curiosidade cética e hesitante -a curiosidade em saber se os americanos realmente farão o que prometem, ou seja, construir um Iraque novo e mais livre.

Embora talvez não consigam descrevê-lo, muitos árabes intuem que esta invasão norte-americana do Iraque é algo que nunca antes viram -o lado revolucionário do poder dos EUA.

Permita que eu explique: para os árabes, a cultura americana -desde o blue jeans até "Baywatch"- sempre foi revolucionária, mas o poderio americano, desde a Guerra Fria, é usado apenas para conservar o status quo nos países árabes, mantendo no poder reis e autocratas árabes que sejam amigáveis aos EUA.

Mesmo depois de terminada a Guerra Fria e depois de os EUA terem apoiado e comemorado o florescer da democracia que aconteceu desde o Leste Europeu até a América Latina, o mundo árabe ficou de fora. Nesta região, em razão do desejo dos Estados Unidos de uma oferta constante de petróleo e de segurança para Israel, os EUA continuaram a apoiar o status quo e qualquer governo árabe que o preservasse.

De fato, a primeira Guerra do Golfo buscou apenas expulsar Saddam Hussein do Kuwait para restaurar a monarquia kuaitiana e o fluxo de petróleo desse país. Isso feito, os Estados Unidos deixaram Saddam Hussein em paz.

**Choque**

É por esse motivo que a segunda Guerra do Golfo está sendo um choque tão grande para o pensamento árabe -algo comparável à invasão do Egito por Napoleão ou à Guerra dos Seis Dias. Mas pessoas diferentes se chocam de maneiras diferentes.

Para começar, há o choque sentido pelos liberais árabes, ainda uma minoria muito pequena, que não conseguem acreditar que os EUA tenham finalmente aplicado seu poder revolucionário no mundo árabe. Eles querem desesperadamente que a invasão americana dê certo, porque acham que o Iraque é grande demais para ser ignorado e que, portanto, uma eleição para valer no Iraque seria capaz de sacudir a região árabe inteira.

Em segundo lugar, há o choque dos árabes que formam a maioria silenciosa. Eles reconhecem que estão vendo o lado revolucionário do poderio norte-americano, mas o enxergam através de sua própria narrativa, que diz que os EUA está tumultuando o status quo não para erguer o mundo árabe, mas para arrastá-lo para baixo, de modo que se submetam a qualquer coisa que os EUA e Israel possam querer exigir.

É este o tema dominante na imprensa árabe: a idéia de que esta guerra não passa, na verdade, de uma versão nova do colonialismo e do imperialismo.

A rede de televisão Al Jazeera, quando descreve as ações americanas no Iraque, utiliza os mesmos termos com os quais narra as ações israelenses na Cisjordânia: diz que o Iraque se encontra sob "ocupação" norte-americana e que os iraquianos mortos são "mártires".

Como observou Raymond Stock, que vive no Cairo há muitos anos e é biógrafo do romancista egípcio Naguib Mahfouz, "as pessoas aqui, especialmente a população que assiste aos canais árabes via satélite, são muito mais bem desinformadas do que você imagina".

"De modo geral, a imprensa árabe lhes diz o que querem ouvir e lhes mostra o que querem ver. Existe uma narrativa que é profundamente "implantada", e jornalismo nenhum feito por repórteres "implantados" do outro lado vai mudá-la. Apenas um Iraque diferente poderá mudar isso", afirma Stock.

Mas existe uma terceira linha de pensamento: a das autoridades egípcias, que são instintivamente pró-americanas, mas estão chocadas pelo fato de a equipe Bush se dispor a utilizar seu poderio revolucionário para tentar remodelar o Iraque.

As autoridades egípcias vêem essa tentativa como inútil, porque, para elas, o Iraque é um país tribal, congenitamente dividido, que só pode ser governado com mão de ferro.

**Sorriso**

Qual visão vai acabar revelando ser a mais acertada depende de como a situação se desenrolar no Iraque -e, acredite, todo o mundo está atento para isso.

Passei a tarde numa aula de estudos americanos na Universidade do Cairo. O professor, Mohammed Kamel, resumiu o clima dominante: "Em 1975, Richard Nixon veio para o Egito, e o governo levou enormes multidões para

as ruas. Alguns americanos zombaram de Nixon por isso, e Nixon se defendeu, dizendo: "Você pode obrigar as pessoas a sair às ruas e dar as boas-vindas a um líder estrangeiro, mas não pode obrigá-las a sorrir".

"É possível que, com o tempo, os iraquianos parem de opor resistência aos EUA. Mas isso não fará esta guerra ser legítima. O que os Estados Unidos precisam é levar os iraquianos a sorrir. Se vocês conseguirem isso, as pessoas vão considerar esta invasão um sucesso", continuou o professor.

Há muita coisa em jogo nesse sorriso, disse Kamel, porque esta é a primeira "guerra árabe-americana". Não se trata de árabes e israelenses, desta vez. Trata-se de os EUA entrarem no mundo árabe -entrarem não apenas com seu poderio ou cultura, mas com seus ideais. É uma guerra em torno daquilo que os EUA representam.

"Se ela der errado", concluiu Kamel, "se vocês não cumprirem o que prometeram, isso terá um impacto realmente grande. As pessoas não apenas dirão que a política dos EUA é errada, mas que suas idéias são falsas, que os americanos não acreditam de fato nelas ou não sabem como colocá-las em prática".

Em outras palavras, precisamos concluir a paz melhor do que iniciamos a guerra.

---

Tradução Clara Allain

## Só democracia garantiria unidade do Iraque, diz professor

JOÃO BATISTA NATALI  
DA REPORTAGEM LOCAL

O nacionalismo árabe relegou ao segundo plano a idéia de democracia. O Iraque, após a atual guerra, terá a chance singular de provar que só o regime democrático manteria sua unidade territorial, por meio de uma federação em que os direitos comunitários de sunitas, xiitas e curdos estariam assegurados.

É o que diz Adeed Dawisha, 58, iraquiano e professor numa universidade de Ohio (EUA). Ele é o autor de "Arab Nationalism in the 20th Century" (Nacionalismo Árabe no Século 20), lançado nos Estados Unidos pela Princeton, no qual argumenta que o projeto de unidade política entre árabes do Oriente Médio capotou por razões internas, e não por força de interesses ocidentais.

Folha - A seu ver, a identidade religiosa no mundo muçulmano é mais importante que o nacionalismo. Isso explicaria o fato de no Irã - que não é árabe, mas persa- serem tão imensas as manifestações de rua em favor do Iraque?

Adeed Dawisha - Todos os países da região estão preocupados com o poder político e militar dos EUA. Não há mais o contrapeso soviético. Com a atual guerra, o temor aos americanos passa a eclipsar outras dimensões em jogo, como a tirania de Saddam e os perigos que ele representaria caso permanecesse governando. Essa cegueira prevalece também no Irã, onde Saddam é detestado pela guerra de oito anos contra aquele país, que fez 1 milhão de mortos.

Folha - A unidade contra o "inimigo comum" foi testada na Guerra de 1948, da qual nasceu Israel. O mesmo estaria ocorrendo agora?

Dawisha - Neste momento não há dúvidas de que a percepção de uma "agressão estrangeira" alimente o sentimento antiamericano. Enquanto a guerra durar, não há como argumentar em sentido contrário. Mas tudo depende do que ocorrer depois. Caso os EUA consigam estabilizar o Iraque e isso se traduza em democracia e bem-estar econômico, haveria uma reviravolta na percepção.

Folha - Mas o sr. mesmo escreveu que a idéia de democracia nunca fez parte da agenda política do nacionalismo árabe.

Dawisha - Argumento em meu livro que a ética nacionalista árabe nunca considerou a democracia. Mencionam-se mais independência, soberania e antiimperialismo. As lideranças árabes dos anos 40 aos 60 procuraram construir sociedades menos dependentes de modelos ocidentais. Surgiram figuras autoritárias, que acreditavam poder agarrar seus povos pelo pescoço e transportá-los aos progressos do século 20.

Folha - Há 85 anos os britânicos provocaram rebelião ao impor a democracia ao Iraque. Bush não correrá agora o mesmo risco?

Dawisha - A idéia de democracia e as lideranças que dela nasciam eram associadas ao colonialismo britânico. Mas o Iraque não havia experimentado a tirania. Agora muitos se lembram que a monarquia era mais humana. Saddam trouxe uma visão de contraste com uma ordem política que respeitava a sociedade civil. Se os americanos forem "espertos", ouvirão a sociedade iraquiana.

Folha - Haveria ainda interlocutores locais para tanto?

Dawisha - Há no Iraque uma classe média altamente instruída. O Iraque não é o Afeganistão, onde a política depende da conveniência dos senhores feudais permanentemente em guerra.

Folha - Os governantes dos países vizinhos temeriam a possibilidade de sucesso da democracia?

Dawisha - Não há nisso nada de errado, é o cenário ideal. Se encorajarmos o Iraque a construir a democracia, e se ela prosperar, passará a ser um modelo.

Folha - A democracia não ameaçaria a unidade do Iraque.

Dawisha - Estou publicando no próximo "Foreign Affairs" artigo sobre a questão. Creio que apenas um sistema federal e democrático manteria a unidade iraquiana, com a descentralização do poder hoje exercido por Bagdá e com os grupos internos obtendo uma participação política que lhes é negada desde 1921.

## ATAQUE DO IMPÉRIO

**EUA DERRUBAM O REGIME DE SADDAM**

SÉRGIO DÁVILA

ENVIADO ESPECIAL A DOHA (QATAR)

Caiu o regime de Saddam Hussein. No 21º dia do ataque anglo-americano ao Iraque, e após 24 anos de uma das ditaduras mais sangrentas da história contemporânea, a maior parte de Bagdá estava ontem sob controle da coalizão, após uma coluna de tanques conduzidos por marines terem chegado ao centro de Bagdá sem sofrer ataques significativos. A tomada culminou com a queda de uma estátua do ditador numa praça da capital cercada por populares, que comemoravam.

Para consolidar sua vitória, porém, faltam aos EUA dois elementos fundamentais: deter ou matar Saddam, 65, cujo paradeiro segue desconhecido, e exibir ao mundo o suposto arsenal de armas de destruição em massa usado por Washington e Londres como justificativa para a guerra.

"Saddam Hussein está agora tomando seu lugar de direito ao lado de Hitler, Stálin, Lênin e Ceaucescu no panteão dos ditadores brutais fracassados", disse o secretário da Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld. No Qatar, o comando militar da coalizão foi reticente e evitou declarar vitória ou mesmo confirmar a queda de Bagdá. "A capital é uma das áreas sobre a qual o regime não tem mais controle", limitou-se a dizer o general Vincent Brooks.

Igualmente parcimonioso foi o tom de Washington e de Londres. "O presidente está sensibilizado pela exibição do poder da liberdade", afirmou o porta-voz de George W. Bush, Ari Fleischer. Para o premiê britânico, Tony Blair, o conflito não acabou e "ainda há resistência, não amplamente difundida entre os iraquianos, mas entre partes do regime de Saddam que querem se manter no poder".

No final da tarde, o embaixador do Iraque na ONU, Mohammed Al-Douri, disse: "O jogo acabou, esperamos que a paz prevaleça", quando questionado sobre a situação em Bagdá. Foi a única autoridade do antigo regime a se manifestar publicamente.

Rumsfeld retrucou em Washington: "Isso não é um jogo". Mais tarde, o embaixador respondeu: "Eu quis dizer a guerra".

Ao mesmo tempo que celebrou a queda de Saddam, parte significativa do mundo árabe ficou perplexa com a rapidez com que o regime iraquiano desmoronou e teme o aumento da hegemonia dos EUA na região. "As imagens dos soldados norte-americanos fazendo piquenique no coração de Bagdá atormentarão a mentalidade árabe por muitas gerações", escreveu John Bradley, editor-chefe do diário "Arab News".

Apesar de enfrentar uma resistência inicial mais forte do que a antecipada por muitos, EUA e Reino Unido surpreenderam pela velocidade com que conseguiram desmontar a estrutura do regime iraquiano. O último sinal de que o que restava do núcleo de Saddam Hussein não funcionava mais foi dado na manhã de ontem, quando o ministro da Informação, Mohammed Said al Sahaf, não apareceu para suas entrevistas diárias. Nos últimos dez dias, ele era o único que ainda falava em nome do regime. E negava, de forma quase surrealista, os avanços dos invasores.

Em certo sentido, essa tem sido a guerra do não. Não está sendo tão cirúrgica e precisa quanto prometeu a coalizão -as vítimas civis iraquianas de bombardeios podem estar na casa dos 10 mil, segundo dados preliminares de organizações humanitárias.

Além disso, não houve ataques com armas químicas e biológicas por parte das forças leais a Saddam, que também não mandou mísseis em direção a Israel, Irã ou Jordânia, como se temia antes -apenas o vizinho Kuwait foi alvo de mísseis.

Mesmo assim, até a conclusão desta edição ainda havia combates em pontos isolados de Bagdá e em regiões ao norte da capital, como Tikrit, cidade-natal de Saddam Hussein.

Não se sabe se Saddam sobreviveu aos bombardeios direcionados a ele e a seus filhos Uday e Qusay, e ele pode virar o próximo Osama bin Laden, o terrorista saudita que planejou os ataques de 11 de setembro contra os EUA e nunca foi encontrado.

Aproveitando o vácuo de poder, iraquianos em Bagdá e nas cidades tomadas do sul saquearam durante todo o dia de ontem prédios identificados com o regime deposto, como sedes do partido Baath, governista, delegacias de polícia, instalações militares e palácios presidenciais. Mesmo o quartel-general da ONU foi invadido. As mercadorias roubadas -ou retomadas, como diziam muitos- iam de aparelhos de ar-condicionado a cadeiras, passando por quadros, pneus e até mesmo maços de flores.

Outro momento significativo de ontem foi a entrada dos marines em Saddam City. A favela, localizada a leste de Bagdá, reúne cerca de 2 milhões de xiitas, maioria da população, mas marginalizados pela minoria sunita, que comandava o país.

"Bem-vindos, senhores", gritavam eles aos soldados dos EUA.

## CAPITAL INVADIDA

Militares dizem ser cedo para proclamar vitória, apesar de a maior parte de Bagdá estar tomada

**Para EUA, guerra ainda não acabou**

DA REDAÇÃO

Em aparente sinal de cautela, o governo dos EUA sustentou ontem que é "muito cedo" para dar por concluída a batalha por Bagdá, a capital iraquiana, e "que restam dias duros de combates".

"O regime recebeu um duro golpe, mas as forças da coalizão não vão parar sua investida militar até que tenham terminado o trabalho", disse o secretário da Defesa, Donald Rumsfeld.

Rumsfeld se referia ao avanço das tropas americanas pelo centro da capital, no início da tarde de ontem (hora local), e a derrubada, transmitida pelas TVs, de uma estátua de Saddam Hussein, na praça Al Firdus (do paraíso, em árabe) que simbolizaram a queda do regime de 24 anos do ditador.

O colapso do regime de Saddam ocorreu no 21º dia da campanha militar deflagrada pelos EUA, com apoio do Reino Unido. A despeito de não contarem com aval da ONU, os norte-americanos foram à guerra, acusando o Iraque de manter armas de destruição em massa (químicas e biológicas), de ter um programa de desenvolvimento de armas nucleares e mísseis balísticos e, por fim, de manter vínculos com a rede terrorista Al Qaeda. Sob a ótica da chamada Doutrina Bush (de guerra total ao terror), o Iraque representava um perigo para os EUA e seus aliados.

Mohammed al Douri, embaixador iraquiano na ONU, foi primeiro representante do regime de Saddam a admitir a derrota. Usou um trocadilho, "fim de jogo", para descrever o resultado militar.

O controle de Bagdá ainda não era completo, segundo admitiam porta-vozes da coalizão, a despeito de os principais prédios governamentais e toda a região central da capital já estarem ocupados pelas forças americanas. De acordo com a agência de notícias Reuters, disparos de artilharia eram ouvidos na margem oeste do rio Tigre após o anoitecer em Bagdá.

Ao longo do dia, marines enfrentaram combatentes iraquianos que ocupavam um prédio ao lado do Ministério do Interior.

Os enfrentamentos mais duros aconteceram na Universidade de Bagdá, que ocupa uma área ao sul do centro. Agências de notícias informaram que os marines foram alvos de disparos de lançadores de granadas quando se aproximaram dos muros que circundam o campus. Enquanto os norte-americanos tentavam instalar postos de controle, em diferentes pontos da cidade ressonavam disparos de artilharia.

Em um distrito, franco-atiradores dispararam contra centenas de iraquianos que supostamente celebravam a entrada americana. Pelo menos seis pessoas morreram, segundo a Associated Press.

Marines tomaram uma das sedes da polícia secreta de Saddam. Quando os americanos chegaram, o prédio, na parte leste da cidade, estava sendo saqueado, prática rotineira desde anteontem.

No norte de Bagdá, também ocorreram combates com milicianos fiéis ao regime. Ao tentar assumir o controle de uma importante intersecção, um comboio militar dos EUA recebeu disparos com lançadores de granada. Um soldado americano ficou ferido.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha suspendeu seus trabalhos em Bagdá, sob o argumento de que a situação na capital "é caótica e imprevisível". Três de seus membros foram mortos: o primeiro, um canadense, teria sido atingido quando seu veículo trafegava em uma área de combate. Os outros teriam sido mortos por americanos, que abriram fogo contra uma ambulância, supostamente por acreditarem que esta carregava explosivos. Dois membros do grupo Médicos Sem Fronteiras estão desaparecidos.

No sul do país, tropas da coalizão invadiram a cidade de Amarah, próxima a Basra. Parte dos combatentes iraquianos, segundo os EUA, já havia abandonado suas armas. No norte, houve ataques contra posições iraquianas em Tikrit, cidade-natal de Saddam, Mossul e Kirkuk.

---

Com agências internacionais



**Saddam perde por incompetência**RICARDO BONALUME NETO  
DA REPORTAGEM LOCAL

Quem se lembra da espetacular incompetência militar iraquiana, demonstrada em 1973, de 1980 a 1988 e em 1991, não deve achar nada surpreendente que o mesmo tenha acontecido agora.

O combate dentro das cidades, único trunfo à disposição de Saddam Hussein e que poderia ter prolongado o conflito, foi desperdiçado e mal empregado.

Não houve uma fortificação intensa das cidades. Se Bagdá tivesse sido recheada de bunkers, trincheiras e obstáculos à movimentação de veículos, tomá-la seria bem mais difícil. Mas estabelecer esse tipo de obra defensiva iria contra a lógica do regime. Seria o mesmo que assumir a impotência contra a invasão americana, um suicídio político.

As forças mecanizadas, como as divisões da Guarda Republicana, foram instaladas portanto fora das cidades -as mais fortes, em torno de Bagdá. Seu equipamento foi destruído pela aviação e a capital perdeu esse reforço.

No papel, o Exército iraquiano parecia imponente, com 350 mil a 400 mil homens e cerca de 2.000 tanques. Mesmo com o completo domínio anglo-americano do ar, forças desse tamanho poderiam ter se envolvido em contra-ataques perigosos.

Não o fizeram. Nem a mais óbvia das táticas para atrasar o avanço do inimigo, explodir as pontes sobre os rios Tigre e Eufrates, foi tentada a sério.

Em 1973, uma unidade blindada iraquiana foi enviada para a Síria durante a Guerra do Yom Kippur contra Israel. Foi dizimada pelos israelenses. Os tanques iraquianos não demonstraram nenhuma habilidade em manobrar. Dotados de iniciativa zero, seguiram em fila indiana e foram massacrados um após outro.

Em 1980, Saddam atacou o Irã, cujo exército desmoralizado pela Revolução Islâmica deveria ter sido presa fácil. Não foi, e o mundo correu para fornecer armamento de que o Iraque precisava desesperadamente (EUA, URSS, França e Brasil venderam armas).

Depois da ainda mais desastrosa derrota em 1991, Saddam reformou o Exército. Mas não o fez de modo moderno, seja melhorando o equipamento, seja o treinamento. A "reforma" foi política.

Não havia recursos para novas armas, nem condições políticas para modernizar as táticas de modo a estimular mais flexibilidade e iniciativa. Lealdade absoluta ao regime contava mais para a promoção de um oficial do que qualquer eficiência em combate.

Rigidamente comandados e controlados, os soldados iraquianos ficaram como baratas tontas depois que os anglo-americanos cortaram os elos entre eles e seus comandantes. O Exército regular perdeu importância para a Guarda Republicana, que recebeu as melhores armas.

Mas a guarda também não treinava para combater contra um inimigo externo de primeira classe. Sua função era a de escorar o regime. Opositores internos eram o inimigo principal. A Guarda Republicana era como a alga que sustenta o arroz em um sushi; ao ser retirada, o bolinho se desfaz.

Ironicamente, as tropas mais aguerridas acabaram sendo as que menos treinamento tinham, as milícias do partido Baath. Mas vontade de lutar não se traduz em competência. Má pontaria e emboscadas mal planejadas, como relatado por soldados americanos, não ganham guerras.

## MISTÉRIO

Ditador pode ter morrido em ataque, se refugiado em embaixada ou partido a cidade natal

**Paradeiro de Saddam é desconhecido**

DA REDAÇÃO

Os americanos praticamente assumiram o controle de Bagdá e iraquianos dançavam e comemoravam nas ruas o provável fim do regime de Saddam Hussein. No entanto, uma questão persiste: Onde está o ditador?

Há vários rumores sobre o paradeiro de Saddam. Ele pode ter sido morto no ataque aéreo contra um restaurante em Bagdá anteontem; pode estar refugiado na Embaixada da Rússia ou ter partido em direção ao norte do Iraque. Além dessas três possibilidades, existem muitas outras.

O destino dos filhos de Saddam e de seus principais aliados também é desconhecido. Até mesmo o ministro da Informação, Mohammed Said al Sahaf, que até anteontem concedia entrevistas todos os dias para defender Saddam e servia como porta-voz do regime, não apareceu ontem.

Os EUA afirmam que membros da família de Saddam e autoridades do regime podem ter ido para a Síria. Importantes aliados de Saddam, como o vice-premiê, Tariq Aziz, o vice-presidente, Taha Yassin Ramadhan, e o chanceler, Naji Sabri, não aparecem desde o início da guerra.

O primo de Saddam Ali Hassan al Majid, o "Ali Químico", teria sido morto em ataques britânicos em Basra, no sul do Iraque.

O prédio onde funcionava o restaurante contra o qual foi disparado um míssil tornou-se hoje um buraco. Várias análises de inteligência indicam que Saddam estava no prédio pouco antes dos bombardeios americanos, segundo autoridades dos EUA.

Membros dos serviços de inteligência americanos afirmam haver sólidas informações de que Saddam entrou no local. A base é uma fonte de alta credibilidade dentro do círculo de Saddam, segundo autoridades americanas.

Essas autoridades, que não se identificaram, disseram que ainda não é possível dizer que Saddam morreu, mas é provável.

A possibilidade de que Saddam esteja refugiado na Embaixada da Rússia em Bagdá surgiu de declarações do presidente do Parlamento libanês, Nabih Berri.

Eles fez suposições com base no retorno do embaixador russo no Iraque, Vladimir Totorenko, para Bagdá após o comboio de carros ter sido atingido por disparos dos EUA quando seguia em direção à Síria. Um instituto de análise estratégica da Turquia, denominado Sesar, também afirma ter fortes indícios de que Saddam realmente estaria abrigado na Embaixada da Rússia em Bagdá.

Nesse momento, afirma o Sesar, russos e americanos estariam negociando a entrega de Saddam ou a permissão para que o ditador deixe o Iraque. Por esse motivo, Condoleezza Rice, assessora de segurança nacional do governo Bush, estaria em Moscou para se reunir com autoridades russas.

A Rússia nega que tenha dado abrigo a Saddam. "Essas afirmações são absolutamente falsas e não correspondem à realidade", disse um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia.

Em Washington, autoridades americanas também negaram que haja evidências de que o ditador esteja na Embaixada russa na capital iraquiana.

Segundo Ahmed Chalabi, líder do Congresso Nacional Iraquiano (CNI), principal movimento opositor do Iraque, Saddam Hussein está vivo e pode ter se dirigido para o norte do Iraque.

O ditador e seus filhos estariam em Tikrit, cidade natal de Saddam. A cidade, que ainda não está sob controle das forças de coalizão, é sede de um dos maiores e mais protegidos complexos presidenciais de Saddam. No local existem túneis e labirintos que podem ser utilizados para fuga.

A última vez que o ditador (ou um sócia dele) apareceu publicamente foi na sexta-feira passada, quando ele teria caminhado pelas ruas de Bagdá em meio a centenas de simpatizantes. No mesmo dia, o líder iraquiano fez a sua última declaração na TV.

-----  
Com agências internacionais

SAIBA MAIS

**Regime de Saddam matou mais de 1 milhão**

DA REDAÇÃO

Tropas norte-americanas entraram na capital iraquiana e derrubaram os símbolos de 24 anos de poder perpetrados por Saddam Hussein. Sua imagem jaz em estilhaços, mas o ditador do país permanece astuto como sempre -não se sabe se ainda vive ou se teria sido morto pela coalizão.

Saddam Hussein, 65, desenvolveu um aguçado instinto de sobrevivência, habituando-se a utilizar sócias e a raramente dormir na mesma cama mais de uma vez. Sobreviveu a guerras, levantes, conspirações e tentativas de assassinato.

Ainda um herói para alguns no mundo árabe -pela resistência aos EUA e Israel-, Saddam é combatido hoje por potências ocidentais que o armaram e apoiaram nos anos 80, quando era visto como um escudo contra a Revolução Islâmica no Irã.

Para os vizinhos muçulmanos do Iraque, as forças militares das quais o regime de Saddam se gabava -após terem sido esmagadas pela Guerra do Golfo, em 91, e enfraquecidas depois de mais de 12 anos de sanções da ONU- haviam se tornado apenas uma falácia. Mas não o culto à personalidade do ditador, sólido e presente em todo o Iraque.

**Stálin**

Saddam Hussein figurava em inúmeros retratos de caráter heróico e em estátuas, muitas agora derrubadas pelas forças americanas e britânicas. Saddam -cujo nome significa algo como "confrontador"- era o rosto do Iraque.

Admirador do ditador soviético Josef Stálin, não era um ideólogo, mas rapidamente recorreu ao nacionalismo árabe, ao islã e ao patriotismo iraquiano para consolidar seu poder pessoal.

Levou o país a duas guerras desastrosas -contra o Irã, entre 80 e 88, e contra coalizão liderada pelos EUA, em 91, em conflito que expulsou soldados iraquianos do Kuwait, após sete meses de ocupação do país.

A pobreza no Iraque aumentou com o embargo imposto ao país pela ONU desde 90.

Mais de 1 milhão de pessoas foram mortas em perseguições políticas e étnico-religiosas e em guerras promovidas pelo regime de Saddam desde 79, quando o ditador assumiu o poder. Numa população de 24 milhões de habitantes, o Iraque possui 4 milhões de exilados.

Mas a rede de poder de seu governante -sustentada pelo terror e por obscuras relações mantidas com clãs, tribos e clientes do regime- permanecia forte até este mês.

Nascido em 28 de abril de 1937, no vilarejo de al-Awja, próximo à pobre e violenta cidade de Tikrit (175 km ao norte de Bagdá), Saddam conseguiu sobreviver a inimigos tão díspares quanto o aiatolá iraniano Ruhollah Khomeini ou o pai de George W. Bush.

Seus filhos Uday e Qusay demonstram tanta crueldade quanto o pai. Uday quase foi morto após uma tentativa de assassinato em 96. Qusay liderava a Organização Especial de Segurança que protegia o ditador iraquiano e estava no comando dos 15 mil homens da Guarda Republicana especial -as tropas mais leais a Saddam Hussein.

-----  
Com agências internacionais

**Embaixador na ONU admite derrota**

DA REDAÇÃO

O embaixador do Iraque na ONU, Mohammed Aldouri, admitiu a derrota do regime de Saddam Hussein em Bagdá ontem. "O jogo acabou", disse o diplomata iraquiano. O importante agora, segundo ele, é que o povo iraquiano viva em paz.

"É preciso trabalhar pela paz agora. Esperamos que a paz prevaleça", afirmou. As entrevistas de Aldouri foram concedidas na sua residência e também na sede da ONU. O diplomata acrescentou que não mantém contatos com Bagdá há alguns dias.

O ministro da Informação do Iraque, Mohammed Said al Sahaf, não concedeu sua tradicional entrevista diária.

---

Com agências internacionais

**EUA estudam tribunal de guerra, mas Nurembergue iraquiano é improvável**

CLAIRE TRÉAN  
DO "LE MONDE"

O governo dos EUA organizou em Washington, dias atrás, um seminário sobre a Justiça pós-Saddam, envolvendo 30 juristas iraquianos exilados. E examinou diferentes opções possíveis.

Encarregado da pasta de crimes de guerra, Pierre Richard Prosper indicou que "para a situação atual" uma instância internacional não é necessária. Deu a entender que, para os crimes cometidos anteriormente pelo regime, a administração da Justiça ficaria com os iraquianos. O debate, porém, não tem decisão definitiva.

Como fez Prosper, é preciso distinguir entre os supostos crimes das forças iraquianas contra a coalizão e as violações aos direitos humanos cometidas anteriormente pelo governo de Saddam.

O Pentágono se sentirá tentado a fazer justiça pela primeira categoria de crimes. Prosper indicou que eles catalogaram as diversas violações às leis de guerra: uso de escudos humanos, combater em trajes civis, ambulâncias transportando combatentes, maus tratos ou execuções de prisioneiros.

David Scheffer, predecessor de Prosper no governo Clinton, estimou que, se os EUA estabelecerem tribunais militares, "seria interessante que fizessem participar, como juízes e procuradores, britânicos, australianos e árabes", a fim de dar aos tribunais um pouco mais de credibilidade.

Quanto às atrocidades durante o regime, Bush prometeu que os responsáveis seriam julgados. O Tribunal Penal Internacional, em Haia, não envolveria, porque só é competente para crimes cometidos depois de julho de 2002.

Alguns membros do governo Bush mencionaram a possibilidade de uma espécie de "Nurembergue" aplicado ao Iraque, um tribunal dos vencedores. Mas sua criação não parece provável por sua total falta de legitimidade.

**Candidatos a "mártir" deixam o Iraque**

MARIAM KAROUNY  
DA REUTERS

O libanês Salaam, 24, foi para o Iraque lutar contra americanos e morrer como um mártir, mas voltou para casa ferido por estilhaços e contando histórias de como combateu o poderio militar americano apenas com um fuzil.

"Dormia atrás de dunas e atirava com fuzil em helicópteros. Era uma loucura. Ficamos no front cinco dias sem comer", contou.

Segundo o governo iraquiano, 4.000 voluntários vindos de todo o mundo árabe estariam no Iraque para combater a coalizão anglo-americana. Ontem, o regime de Saddam Hussein ruiu com a entrada da coalizão em Bagdá.

Salaam disse que estava despreparado para a hostilidade entre os voluntários. "Tive medo dos iraquianos, principalmente dos que se autodenominam oposição."

No Líbano, centenas de pessoas pediram vistos para entrar no Iraque pela Síria. Outros, como Salaam, foram por conta própria.

"As pessoas devem entender que fomos lá pelo jihad. O Iraque é uma terra sagrada, e temos de protegê-la", disse Salaam, que voltou para Beirute na semana passada. O mais perto que chegou de combater os norte-americanos foi arremessar uma granada contra um tanque.

## NOTAS DA GUERRA

**TERRORISMO****EUA mantêm estado de alerta laranja**

Os EUA mantiveram o estado de alerta laranja para o risco de atentados terroristas no país. Esse é o segundo nível mais elevado. Antes da guerra, o alerta era amarelo -menor risco. A decisão foi anunciada pelo secretário de Segurança Interna, Tom Ridge.

**AMBIENTE****ONU quer investigação sobre urânio empobrecido**

A ONU quer que seja investigado se urânio empobrecido foi utilizado em armas na atual guerra no Iraque. De acordo com as Nações Unidas, o uso do material, que tem efeitos a longo prazo e causa poluição onde for usado, deve começar assim que a guerra acabar.

**EXILADOS****Iraquianos comemoram ao redor do mundo**

O controle quase total dos EUA sobre Bagdá e a ruína do regime de Saddam Hussein levou exilados iraquianos às ruas para celebrar no Irã e nos EUA. No Reino Unido, eles invadiram a Embaixada iraquiana em Londres. O local havia sido esvaziado.

**AVANÇO**

Guerrilheiros do Curdistão tomam montanha estratégica em Mossul; EUA atacam Kirkuk

**Norte está "caindo", dizem curdos**

DA REDAÇÃO

Guerrilheiros curdos tomaram ontem uma montanha estratégica ao redor da cidade de Mossul, a maior do norte do Iraque, enquanto aviões americanos bombardeavam Kirkuk, principal produtora de petróleo da região.

O ataque à montanha Maqloub, a cerca de 15 km de Mossul, aconteceu pela manhã e teve pouca resistência das tropas iraquianas. "Isso mostra o quão desmoralizado está o Exército do Iraque", disse Hoshyar Zebari, líder do Partido Democrático do Curdistão. "Agora, a estrada para Mossul está aberta", afirmou.

Comandantes curdos em Chamchamal, a 35 km de Kirkuk, disseram que os guerrilheiros peshmergas marcharam rumo à cidade -embora não tivessem intenção de atacá-la, segundo esses comandantes.

O controle de Mossul e Kirkuk (e dos campos de petróleo existentes entre as duas cidades) é a principal meta da frente norte da guerra contra Saddam Hussein. Os curdos consideram ambas parte de seu território histórico.

Enquanto os americanos comemoravam em Bagdá, as celebrações explodiram também em cidades do território curdo no norte do Iraque. Em Sulamaniyah, centenas de pessoas comemoraram do lado de fora do hotel onde estavam os jornalistas, gritando: "George Bush! George Bush!". Outros agitavam bandeiras americanas, curdas e iraquianas.

Aviões britânicos e americanos atacaram a base iraquiana no alto da montanha (que fica mil metros acima do nível do mar) antes de as forças curdas avançarem e tomarem o sistema de defesa antiaérea montado ali.

O topo da montanha havia sido defendido pelos iraquianos e funcionava como ponto central para a proteção contra ataques aéreos anglo-americanos, além de ser um depósito de munição.

"Da nossa perspectiva, foi o ganho mais importante até agora", disse Zebari. "Isso mostra a queda da frente norte", afirmou.

Outro comandante curdo, Sarbest Barbiri, disse que alguns remanescentes da Guarda Republicana e combatentes fedayin ainda defendiam Mossul, mas o Exército regular havia sido derrotado ou desistira dos combates.

"Aqui era o local de onde as forças de Saddam vigiavam Mossul. Agora, nós estamos vigiando o que sobrou do Exército de Saddam", disse Barbiri.

Forças americanas e guerrilheiros curdos também tomaram uma pequena cidade ao norte de Mossul e capturaram 200 combatentes iraquianos, disse o general americano Vincent Brooks. Ele não disse o nome da cidade.

O controle curdo do norte do Iraque também poderá permitir a passagem de pessoas que tentem fugir de Mossul -e poderia ser um prelúdio para a entrada da infantaria americana na cidade.

Os aviões da coalizão anglo-americana têm bombardeado alvos no norte do Iraque, mas o avanço da infantaria têm sido dificultado pela política local.

O Pentágono havia planejado originalmente mandar 60 mil soldados para o Curdistão a partir da Turquia, mas o Parlamento turco, contrário à guerra, vetou a proposta de Washington.

Os turcos, inimigos dos curdos, temem que a queda de Saddam fomente o separatismo do Curdistão. Comandantes curdos insistem em negar que vão invadir Kirkuk, mas não descartam fazê-lo sob comando dos EUA.

-----  
Com agências internacionais



**EUA esperam pouca resistência em Tikrit, terra natal de Saddam**

DA REDAÇÃO

Militares americanos disseram ontem que não esperam encontrar em Tikrit (145 km ao norte de Bagdá), cidade natal de Saddam Hussein, uma resistência maior do que a que enfrentaram nos primeiros 21 dias de guerra.

O comando americano afirmou, no entanto, que era cedo demais para dizer que a guerra para depor Saddam estava acabada.

A cidade de Tikrit, de onde os EUA temem que Saddam possa organizar um último foco de resistência contra a invasão, é o próximo alvo das forças anglo-americanas. Ontem, elas lançaram ataques aéreos contra uma guarnição da divisão Adnã da Guarda Republicana no local.

Oficiais americanos e analistas militares dizem que Saddam, se ainda estiver vivo, pode tentar fugir para Tikrit na esperança de que os membros de sua tribo lutem até a morte pelo seu líder.

O general Vincent Brooks afirmou ontem na sede do Comando Central americano, no Qatar, que os EUA haviam notado um acúmulo de tropas ao redor da cidade natal do ditador iraquiano.

"Muitas dessas forças se deslocaram à medida que nós tínhamos mais sucesso no sudeste e sudoeste de Bagdá", afirmou.

Ele disse que o tamanho das forças iraquianas que permaneciam em Tikrit ainda estava sendo avaliado, mas ressaltou: "Adiantamos que qualquer combate que ocorra lá, se nós formos a Tikrit, seria similar ao que vimos em outras partes do país".

Brooks disse que a resistência poderia vir de uma combinação de forças convencionais e irregulares, leais ao partido Baath. "Não sei quando avançaremos naquela direção, mas certamente estamos focados em Tikrit para impedir o regime de usá-lo como local de comando e controle, para restaurar comando e controle."

Tropas americanas tentam bloquear as estradas de Bagdá a Tikrit para impedir a fuga de líderes iraquianos para o norte.

Frank Thorpe, porta-voz do Comando Central, não confirmou nem negou que a 4ª Divisão de Infantaria seria mandada para Tikrit. "Não acho que seria pouco razoável, mas não acho que nós iremos dizer que ela será usada."

---

Com agências internacionais

## **Coalizão ergue campo de detenção para 24 mil presos no sul do Iraque**

DA REDAÇÃO

A coalizão anglo-americana, que atualmente mantém 7.300 prisioneiros iraquianos, começou a construção de um presídio na cidade portuária de Umm Qasr (sul do Iraque) com capacidade para cerca de 24 mil presos, o equivalente a três complexos do Carandiru, fechado no ano passado. O anúncio foi feito ontem por oficiais norte-americanos.

O presídio será uma grande cidade de tendas, cada uma abrigando de 15 a 20 homens, informou o capitão do Exército americano John Della Jacono.

Segundo o oficial, não há planos para enviar presos para a base militar americana de Guantánamo, em Cuba, onde centenas de suspeitos estão detidos após serem capturados no Afeganistão ou em outros países onde houve ações contra o terrorismo.

"Os prisioneiros permanecerão em Umm Qasr até o fim das hostilidades, depois será decidido se eles serão repatriados para uma administração provisória ou para um governo legítimo iraquiano", disse Jacono.

Um prédio para interrogatório também está sendo planejado. Até agora, não foram identificados todos os prisioneiros.

Apesar de notícias de que oficiais de alta patente estão entre os presos, militares americanos afirmam que alguns se identificaram como generais na esperança de receber melhor tratamento.

### Caos prossegue

Em Basra, apesar de ter sido o dia com o menor número de confrontos desde a invasão das tropas britânicas, houve novos momentos de caos. Todos os prédios públicos da cidade estão em ruínas, destruídos pelas bombas da coalizão e por saqueadores locais. Os hospitais continuam sem eletricidade, e exala fumaça do principal distrito de polícia. As escolas e as lojas permanecem fechadas.

Em razão da desordem, soldados britânicos estão assumindo cada vez mais o papel de polícia na cidade.

Ontem, eles foram chamados para uma agência bancária onde foram ouvidos disparos de metralhadora. Não encontraram soldados, mas ladrões brigando entre si por causa do dinheiro roubado. Eles prenderam um homem que carregava um saco de dinheiro e encontraram outro morto.

Em outro episódio, soldados britânicos impediram que um homem fosse apedrejado até a morte após tentar saquear uma loja.

Preocupados em não parecer uma força de ocupação e em devolver alguma normalidade a Basra, os britânicos escolheram anteontem um xeque local (nome não divulgado) para ajudar na formação de um comitê administrativo provisório.

Moradores da cidade, no entanto, afirmaram que a medida poderá ser um desastre.

"Todos os xeques em Basra eram amigos de Saddam Hussein", disse Riva Kasim, médico do principal hospital de Basra.

"Durante todo o tempo, Saddam deu dinheiro a eles, que não faziam nada quando ele cortava a orelha de alguém que não havia se alistado ao Exército ou cortava a língua de quem falava mal dos militares", afirmou o médico.

-----  
Com agências internacionais

**AÇÃO PREVENTIVA**

Dick Cheney diz que "jogar na defensiva não basta" contra nações que desafiam EUA

**Vice de Bush ameaça novos ataques**

FERNANDO CANZIAN  
DE WASHINGTON

Com tropas e tanques circulando livremente por Bagdá em menos de três semanas desde o início da guerra contra o Iraque, autoridades americanas exaltaram ontem o seu poderio militar e lançaram ameaças contra outros países acusados de desafiar os EUA.

"Ao remover o regime do Iraque, enviamos uma mensagem clara a todos os que usam a violência e espalham o terror contra pessoas inocentes. Os EUA e a nossa coalizão mostraram que temos a capacidade e a vontade de vencer a guerra contra o terror", afirmou o vice-presidente norte-americano, Dick Cheney.

O vice-presidente foi mais longe. Disse que, "para proteger os Estados Unidos e defender a civilização", os norte-americanos não podem contar apenas com políticas de "contenção".

"Para combater perigos sem precedentes representados por Estados irresponsáveis que detêm armas de destruição em massa, os EUA vêm adotando ações urgentes e sem precedentes", disse Cheney. "Jogar na defensiva não é o suficiente. Temos de ir atrás deles. Terroristas gostam de se esconder por trás de Estados fora-da-lei."

O vice-presidente qualificou a guerra contra o Iraque como "a campanha mais extraordinária" que os EUA já conduziram.

Na Casa Branca, questionado se outros países podem receber tratamento semelhante ao Iraque, o porta-voz do presidente George W. Bush, Ari Fleischer, afirmou: "Se sanções das Nações Unidas, como no caso do Iraque, não são cumpridas, os [países] que têm um comportamento errado devem ser contidos". Até o fechamento desta edição, Bush não havia se pronunciado pessoalmente sobre a tomada de Bagdá.

Pouco antes, Fleischer anunciou, sem ser questionado, que os EUA e a Coreia do Sul devem realizar um encontro de cúpula no próximo dia 14 de maio para discutir, entre outras coisas, "o problema da Coreia do Norte".

A Coreia do Norte, como o Irã e o Iraque, foi incluída no chamado "Eixo do Mal" por Bush.

Questionado se, além do Iraque, haveria outros países como potenciais alvos da força militar americana, o secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, disse que não tinha "nada para anunciar. Ainda estamos lidando com o Iraque".

Cheney e Rumsfeld, assim como o secretário-adjunto da Defesa dos EUA, Paul Wolfowitz, são conhecidos como os principais "falcões" da administração Bush. Além de defensores de uma "política de ataques preventivos", como a que foi usada contra o Iraque, sustentam que os EUA têm um papel "civilizador" e a "responsabilidade de disseminar" a democracia pelo mundo.

A euforia americana repercutiu também no Congresso. O senador republicano John McCain afirmou que os EUA devem estar "orgulhosos de sua liderança, sua tecnologia e seus militares".

Ontem, um dia depois de Bush ter afirmado que as Nações Unidas terão um "papel vital" no Iraque pós-guerra, Cheney afirmou que o papel-chave na reconstrução e na criação de um novo governo no país deve "estar concentrado" nos Estados Unidos.

"Não acreditamos que a ONU esteja preparada para assumir um papel central", disse. Fleischer afirmou que Bush ainda não considera a guerra terminada.

**Iraque deve servir de exemplo, dizem EUA**

DA REDAÇÃO

Os Estados Unidos anunciaram ontem que sua prioridade é a "eliminação pacífica" de programas de armas de destruição em massa e que usaram a derrubada do regime de Saddam Hussein como alerta para outros países que o governo americano acusa de manter tais programas - Síria, Irã e Coréia do Norte.

O subsecretário de Estado dos EUA para Controle de Armas e Segurança Internacional, John R. Bolton, disse que espera que "determinados países tirem a lição apropriada do Iraque". Ontem, em entrevista coletiva em Roma, o subsecretário fez menções específicas aos três países, destacando suspeitas sobre Damasco.

**Síria como alvo**

"Acho que a Síria é um bom caso. Espero que eles concluam que devem desistir dos programas de armas químicas e biológicas que mantêm", declarou Bolton. Já a Coréia do Norte e o Irã foram incluídos pelo presidente americano, George W. Bush, durante um discurso em 2002, no "Eixo do Mal" por retomarem seus programas nucleares.

O secretário da Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, voltou ontem a acusar a Síria de ajudar o regime de Saddam.

"Temos informações de que a Síria tem cooperado ao facilitar a entrada [de aliados de Saddam] no país", afirmou.

Os EUA também acusam o país de servir como acesso a equipamentos militares para o Iraque.

"Em alguns casos, [os aliados de Saddam] ficam lá, em outros, usam a Síria para ir a outros países." Segundo o secretário, entre esses aliados estariam, possivelmente, "familiares do ditador".

Segundo a agência Reuters, pesquisa divulgada ontem cuja fonte não foi citada mostraria que 42% dos americanos entrevistados apóiam uma ação militar contra a Síria, caso se prove que o país auxiliou o Iraque - hipótese negada pelo governo sírio. No mesmo estudo, 50% seriam favoráveis a um ataque ao Irã, se o país mantiver o programa nuclear, que o governo iraniano diz ter fins pacíficos.

Entretanto, o subsecretário ressaltou que o caso iraquiano é "distinto" para os EUA, já que 12 anos foram gastos em tentativas de acabar com o suposto programa de armas de destruição em massa do país antes da ação militar.

Bolton reuniu-se com autoridades do Vaticano para discutir a reconstrução do Iraque e a ajuda humanitária ao país. Foi a primeira visita oficial de uma autoridade americana à Santa Sé, que se opôs frontalmente ao confronto, após o início da guerra, há 22 dias.

---

Com agências internacionais

**Para analista, Bush não fará mais guerra**ROBERTO DIAS  
DE NOVA YORK

Difícilmente o presidente George W. Bush se aventurará em uma nova guerra até as eleições americanas, no ano que vem. É a opinião de Alton Frye, 65, diretor do Council on Foreign Relations e consultor de órgãos do governo e do legislativo dos EUA.

"A situação será muito parecida com a de seu pai", afirmou Frye em uma referência a George Bush, que derrotou o regime iraquiano em 1991 e perdeu a reeleição no ano seguinte.

Folha - Quando o governo dos EUA poderá declarar vitória?

Alton Frye - Quando os principais centros populacionais estiverem razoavelmente seguros. Isso será verdade mesmo que continue havendo alguma atividade do governo fora das cidades.

O segundo estágio será quando as operações aleatórias estiverem terminado. Como na Iugoslávia, o regime iraquiano distribuiu dinheiro e armas em várias partes do país. Então deve haver estoques disponíveis para infligir baixas consideráveis.

Folha - Os EUA podem ter problemas caso não prendam Saddam Hussein, repetindo-se o que aconteceu com Bin Laden?

Frye - Não me preocupo muito. A partir do momento em que perdeu o controle do território, Saddam tem muito menos apelo que Bin Laden em termos ideológicos.

Folha - Como a opinião pública americana reagiria ao fato de não capturar Saddam Hussein?

Frye - Há duas possibilidades. Uma é que se saiba que ele está vivo e tentando criar problema. Então haverá uma demanda para que ele seja perseguido. Outra é que ele não seja descoberto nem encontrado morto, o que é provável. A melhor comparação é com Adolf Hitler. Houve um período de anos em que não tínhamos certeza se ele havia morrido e havia a preocupação de que ele poderia reagrupar simpatizantes nazistas. Isso é quase impossível no caso de Saddam. Penso que até a Síria relutaria em lhe abrigar.

Folha - Quais serão os próximos passos dos EUA por lá?

Frye - Tem de haver um foco em manter a segurança no Afeganistão e instalar um autogoverno no Iraque. Na minha opinião, tem de haver um papel crescente da ONU, encorajado pelos EUA. Teremos de assumir que deveremos ter presença militar por lá durante muito tempo.

Folha - Há uma corrente que diz que Bush tem agora de cuidar da economia doméstica, para não repetir o que houve com seu pai. O sr. vê espaço para os EUA abrirem uma nova guerra ainda durante este mandato dele?

Frye - Duvido, seria preciso uma circunstância extraordinária, crises imprevisíveis. Bush não quer fazer isso de novo, ele tem de se concentrar em colocar a economia no caminho certo. O sucesso no Iraque daria um maravilhoso sentimento de alívio na população, mas não acrescentaria nada à reeleição. A situação será muito parecida com a do seu pai. Sua popularidade está alta, mas não garante sua reeleição.

**EUA oferecem prêmio por pistas de armas**

DE WASHINGTON

Sem provas até aqui para sustentar a razão da guerra contra o Iraque, o secretário da Defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld, sublinhou ontem as características da "ditadura brutal" de Saddam Hussein.

Rumsfeld ofereceu também "recompensas" a quem levar aos militares americanos informações que os ajudem a descobrir vestígios de armas químicas no Iraque.

A exemplo do que aconteceu ao líder da Al Qaeda, Bin Laden, na guerra contra o Afeganistão, Rumsfeld afirmou "desconhecer" o paradeiro de Saddam.

Não soube dizer mesmo se ele continua vivo ou morto após dois bombardeios que procuraram atingi-lo em Bagdá.

"Mas Saddam Hussein está tomando agora o seu lugar certo, ao lado de pessoas como Hitler, Stálin, Lênin e Ceausescu no panteão dos ditadores brutais que falharam. E os iraquianos estão no caminho de sua liberdade", disse Rumsfeld no Pentágono.

**"Garganta"**

A estratégia de reforçar as características de "ditador brutal" de Saddam para tentar justificar a guerra também vem sendo adotada pelo presidente George W. Bush há alguns dias.

Anteontem, Bush chegou a dizer que as forças de coalizão estavam "retirando, dedo após dedo", as mãos de Saddam da "garganta" dos iraquianos.

Aparentando um bom humor que contrastava fortemente com as suas últimas aparições, quando a campanha apresentava dificuldades, Rumsfeld descreveu como "de tirar o fôlego" as imagens de civis iraquianos recebendo as tropas norte-americanas com "sorrisos e aplausos" em Bagdá.

"Não posso deixar de comparar as imagens às da queda do muro de Berlim e do colapso da "cortina de ferro", disse. O secretário da Defesa citou cientistas e oficiais militares como pessoas que poderiam receber "recompensas" se auxiliarem os Estados Unidos a encontrar vestígios de armas químicas no país.

"Recompensas serão dadas aos que ajudarem a prevenir o desaparecimento de documentos e materiais", disse Rumsfeld, sustentando ainda a posição de que Saddam possui armas químicas.

"Uma boa vida e um futuro melhor serão possíveis para aqueles que ajudarem as forças de coalizão", disse.

Toda a campanha militar americana no Iraque foi apoiada na suposição de que Saddam Hussein possuía armas químicas e de destruição em massa.

O fato de nada equivalente a isso ter sido usado pelos iraquianos contra as tropas norte-americanas na guerra já levanta a suspeita entre analistas nos EUA de que Saddam poderia de fato não ter os armamentos.

Na TV americana, latões de produtos químicos encontrados no Iraque e ainda não identificados pelos americanos são mostrados a todo momento como "indícios" de que Saddam pode ter mesmo armas de destruição em massa. (FCz)

## EUFORIA E CAOS

Bagdali dança e canta, mas também esvazia lojas e prédios públicos no dia em que o regime de Saddam caiu na capital

### **Bagdá**

### **Festejos e saques marcam queda da capital iraquiana**

DA REDAÇÃO

Iraquianos em festa encheram as ruas de Bagdá ontem, dançando e cantando, mas também saqueando prédios, enquanto comandantes americanos declaravam que o governo de Saddam Hussein na capital chegara ao fim.

Entre cenas caóticas de festejos, saques e alguns tiros, bagdalis derrubaram uma estátua de Saddam de 6 m de altura com a ajuda de um veículo blindado americano e jogaram sapatos e chinelos no torso de bronze. Um grupo dançou sobre a estátua caída, arrancando sua cabeça e arrastando-a pelas ruas da capital iraquiana (leia texto na próxima página).

"Tenho 49 anos, mas nunca vivi um único dia. Só agora vou começar a viver", disse o xeque Yussuf Abed Kazim enquanto martelava o pedestal da estátua. "Esse Saddam Hussein é um assassino e um criminoso."

Marines que entravam em Bagdá passando pela vasta favela de Saddam City, lar de dois milhões de muçulmanos xiitas pobres na região leste da cidade, eram saudados com flores e boas-vindas em inglês.

"No more Saddam Hussein", gritou um grupo. "We love you, we love you, we love you."

À tarde, 12 tanques e veículos anfíbios americanos chegaram à frente do hotel Palestine, onde a maioria dos jornalistas estrangeiros está hospedada.

## Visitar hospital é como descer ao inferno

ROBERT FISK  
DO "INDEPENDENT", EM BAGDÁ

Parecia uma cena da Guerra da Criméia. Um hospital de feridos gritando e com sangue escorrendo pelo chão, impregnando meus sapatos, as roupas dos médicos na lotada sala de emergências, alagando os corredores e sujando cobertores e lençóis.

Os civis e soldados iraquianos trazidos para o hospital Mártir Adnan Khairallah são o lado obscuro da vitória e da derrota. A prova final, assim como os mortos que são enterrados em poucas horas, de que essa guerra é a falência do espírito humano.

Enquanto me via caminhando em meio a camas e homens gemendo em uma visita que parecia ser ao inferno, uma questão tomou conta da minha cabeça: Essa guerra é por causa dos atentados de 11 de setembro? Pelos direitos humanos? Pelas armas de destruição em massa?

Em um corredor lotado, eu me deparei com um homem de meia-idade em uma maca encharcada de sangue. Ele tinha um ferimento na cabeça que era quase indescritível. Do buraco de seu olho, coberto com um lenço, jorrava sangue no chão. Uma menina estava em uma pequena cama, com uma perna quebrada e outra com um grave ferimento causado por estilhaços de bombas.

O nome dela é Rawa Sabri e enquanto eu caminhava por esse lugar de terror, os bombardeios americanos voltaram a atingir o rio Tigre, do lado de fora, trazendo de volta o horror dos bombardeios que os feridos haviam sofrido apenas horas antes. A ponte que eu havia acabado de atravessar para chegar ao hospital era alvejada mais uma vez. O prédio do hospital foi chacoalhado.

A enfermeira símbolo da Guerra da Criméia, Florence Nightingale, nunca chegou a essa parte do antigo Império Otomano. Mas o equivalente dela aqui no hospital é o cirurgião-chefe Khaldoun al Baeri, um gentil e falante homem que está dormindo uma hora por dia nos últimos seis dias.

Ele tenta salvar vidas com apenas um gerador elétrico e utilizando apenas metade da capacidade do hospital, já que, sem elevadores, não é possível levar pacientes banhados de sangue para os andares mais altos.

Baeri fala como um sonâmbulo, tentando descrever como é difícil pensar após quatro cirurgias nas quais ele extraiu metais de cérebros dos pacientes.

O médico acrescenta que não sabe onde estão os seus familiares. "Nossa casa foi atingida e os meus vizinhos me enviaram uma mensagem afirmando que eles partiram para algum lugar. Eu não sei para onde. Tenho duas filhas pequenas, gêmeas, e eu disse a elas que era preciso ter coragem porque o pai delas tem que trabalhar dia e noite no hospital por questão de humanidade. E agora não sei onde elas estão", afirmou. Ele começou a chorar e não teve condições de se despedir de mim.

Havia um homem no segundo piso com um ferimento no pescoço. Para os médicos, não seria possível estancar o sangramento. Ele ficou jogado no chão, esperando a morte. O homem também tinha curativos no estômago que não conseguiam parar o sangramento. O irmão dele, postado ao lado, colocou as mãos sobre mim e berrava: "Por quê? Por quê?"

Uma pequena criança, com curativo no nariz e outros espalhados pelo corpo, estava jogada em um cobertor. Ela precisou esperar por quatro dias até ser operada. Seus olhos pareciam mortos. Não tive coragem de perguntar à mãe dela se era um menino ou uma menina, tal o número de ferimentos no seu corpo.

Deixei o hospital e lembrei que o nome do local era uma homenagem a um ministro da Defesa de Saddam Hussein, morto em acidente de helicóptero. Pensei: mesmo nas últimas horas da batalha por Bagdá, as vítimas têm que morrer em um hospital cujo nome é de um assassino.



## Queda de estátua é o símbolo da invasão dos EUA

SÉRGIO DÁVILA

ENVIADO ESPECIAL A DOHA (QATAR)

Incompleta, com gafes e mais demorada do que o esperado. A queda de uma estátua de Saddam Hussein ontem em Bagdá não poderia simbolizar melhor essa invasão da coalizão anglo-americana no Iraque, que chega ao seu 22º dia às portas da vitória final.

Primeiro, pelo local do ocorrido. Trata-se da praça Al Firdus (do paraíso, em árabe), que fica a 20 m do hotel Palestine, onde até ontem estavam concentrados os jornalistas estrangeiros em Bagdá e onde dois cinegrafistas foram mortos anteontem pela coalizão.

A movimentação que culminou na queda da estátua começou pela manhã, quando os primeiros repórteres desceram para tomar café e não encontraram os guias apontados pelo governo.

O motivo era simples: não havia mais governo. Assim, livres pela primeira vez, os jornalistas saíram à rua a tempo de ver os primeiros marines se aproximando.

Já era hora do almoço, e os primeiros bagdalis começaram a chegar ao local. Em duas horas, pelo menos cem pessoas cercavam a estátua de 6 m de altura, plantada num pedestal de concreto de outros 6 m. A auto-homenagem do ditador iraquiano fora inaugurada havia menos de 12 meses, para festejar seus 65 anos.

De terno e com a mão direita levantada, ele saudava de um lado o hotel Palestine e seu vizinho, o Sheraton, e, do outro, uma mesquita. Logo, arrumou-se uma escada e o primeiro iraquiano alcançou o pedestal. Então, outros dois se juntaram a ele e alguém colocou ao alcance uma corda. Esta iria ganhar diferentes posições ao longo do corpo de Saddam. Tudo em vão. Os marines, que observavam de longe e se comprometeram a dar o puxão final, disseram que o fio não suportaria o arranque.

Foi quando apareceu a primeira marreta, manejada por um iraquiano, que passou a desferir golpes furiosos contra o pedestal. Outros se sucederam, sempre posando para os fotógrafos.

Ventava muito, e um tiro disparado talvez por um franco-atirador iraquiano lembrou a todos que aquela batalha poderia ter sido ganha, mas a guerra não. Muitos se esconderam e os marines tomaram posição de defesa.

O povo, agora já perto dos 200, gritava "abaixo Saddam!" (que não haja ilusão, porém: a comemoração principal, que só sairia das bocas dos presentes no final, seria o "Só Allah é Deus!").

Após as 17h30 locais (9h30 de Brasília), entra em cena o M-88, conhecido como "auxiliador de tanques", um veículo usado pelo Exército dos EUA para tirar seus armamentos pesados de atoleiros e desastres. Em vinte minutos de suspense, os militares decidem que o carro sozinho não fará o serviço. É preciso um guincho.

Este é trazido, e dois marines acorrentam a estátua a ele. É o momento da gafe, que ecoaria entre protestos pelas emissoras árabes a noite inteira: com uma bandeira norte-americana, um soldado cobre a face do ditador.

É retirada sob vaias. O âncora da TV Abu Dhabi brada no ar: "Esta bandeira deveria ser a iraquiana!". De repente, se materializa nas mãos de alguém o estandarte do país, com uma diferença importante. A bandeira trazida é a original do Iraque, antes da modificação ordenada por Saddam Hussein em 1991, na Guerra do Golfo, quando o dístico religioso "Allahu Akbar" ("Deus é grande") foi acrescentado.

Já estamos perto das 18h. Puxada pelo M-88, a estátua demora a ceder, cheia de metáforas. Sob chuva de pedradas, Saddam vai caindo em Bagdá aos poucos, devagarinho, e ainda agarrado ao suporte. Tão logo atinge o chão, dezenas de populares correm para pisar seus restos. Mais tarde, a cabeça seria arrastada pelas ruas em festa. Fincados no pedestal, porém, os sapatos do ditador continuaram firmes. Resta saber agora quem vai ocupá-los.

## REAÇÃO

Chefes de Estado no Oriente Médio dizem querer fim de ocupação dos EUA "o quanto antes"

**Árabes pedem governo de iraquianos**

DA REDAÇÃO

Enquanto as tropas americanas tomavam o controle de Bagdá, os países árabes pediam ontem que os próprios iraquianos elejam seu governo, opondo-se à vontade de Washington de instalar uma administração provisória.

O primeiro chefe de Estado árabe a reagir à derrubada do regime de Saddam Hussein, o presidente egípcio, Hosni Mubarak, pediu que a população iraquiana "se encarregue do governo e da administração o mais rápido possível".

"[Garantir] que o Iraque seja governado por seus filhos o quanto antes é o meio mais rápido de garantir a estabilidade para o povo iraquiano", disse Mubarak

Washington pretende confiar, ao menos em uma primeira etapa, a administração do "novo" Iraque a um general americano aposentado, Jay Garner.

Em Riad, o ministro das Relações Exteriores saudita, Saud al Faisal, também afirmou que a população iraquiana deveria formar seu próprio governo e pediu um fim rápido para a ocupação anglo-americana do Iraque.

"O governo de Bagdá com o qual manteremos relações será o que o povo iraquiano eleger. Não nos anteciparemos aos acontecimentos, aceitaremos tudo o que o povo iraquiano decidir", disse Faisal. "Deve-se abrir caminho ao povo iraquiano para que escolha os meios pelos quais quer administrar seus assuntos, e a ocupação deve acabar o quanto antes."

Saud afirmou ainda que o novo governo iraquiano teria de ser reconhecido pela ONU, que, segundo ele, deveria se envolver na reconstrução do Iraque.

Em Amã, o ministro jordaniano de Relações Exteriores, Marwan Moasher, também afirmou que a população iraquiana teria de decidir seu futuro e escolher seus dirigentes. "O povo iraquiano deve decidir o futuro do Iraque e quem serão seus dirigentes no atual estado" das coisas, disse Moasher. Não cabe a "ninguém" fazê-lo em seu lugar, afirmou, enfatizando a importância de "preservar a segurança doméstica do Iraque e não permitir que se deteriore, pois isso teria graves repercussões".

A posição dos países árabes é compartilhada pelo Irã. "O futuro governo iraquiano terá de refletir a vontade da população e a ONU deve desempenhar um papel", disse o chanceler iraniano Kamal Kharazi.

## Mídia

Redes de TV por satélite faladas em árabe levaram as imagens da simbólica derrubada de uma estátua gigante do ditador iraquiano em uma praça no centro de Bagdá a casas e cafés do Marrocos aos Emirados Árabes Unidos.

Um âncora kuaitiano repetiu diversas vezes a frase "Allahu Akbar" (Deus é maior, em árabe) enquanto um veículo blindado americano derrubava a estátua de Saddam em Bagdá. "Este é o destino de todos os ditadores que são duros com seu povo", disse.

Em uma atitude pouco comum, as TVs estatais de Marrocos, Arábia Saudita, Egito, Sudão, Jordânia, Omã, Kuwait, Iêmen, Bahrein e Emirados Árabes Unidos mostraram as imagens ao vivo. A maior parte desses governos condenaram oficialmente a invasão do Iraque liderada pelos EUA, apesar de alguns deles terem discretamente apoiado os americanos.

A TV estatal da Síria, que é governada por uma facção rival do partido Baath, mostrou programas de poesia e arte enquanto a estátua de Saddam, que, simbolicamente, aponta para Jerusalém, caía por terra.

Um canal de notícias sírio privado mostrou tanques americanos e saques na capital iraquiana, mas não exibiu comemorações, e sim a falta de remédios e água em hospitais superlotados.

As reações do público foram variadas. Enquanto alguns árabes paravam defronte a vitrines para observar as imagens na TV, outros desligaram seus televisores, enojados, diante das cenas de multidões em Bagdá celebrando a chegada das tropas americanas.

-----  
Com agências internacionais

## ARTIGO

**A maldição do mundo árabe**TAHAR BEN JELLOUN  
DO "LE MONDE"

Uma lenda árabe diz que uma vez a cada cem anos um homem que não é nem herói nem mártir, um homem providencial, uma espécie de profeta leigo, um sábio dotado de lucidez e justiça, se ergue e salva uma nação. O mundo árabe espera por esse homem há muito tempo. Se esse homem existe, estou certo de que ele não sente vontade nenhuma de erguer-se para vir socorrer um Saddam responsável por tantas infelicidades.

Entretanto, nesse mundo as organizações políticas progressistas foram reprimidas. A sociedade civil tem dificuldade em emergir. O Estado de direito está em falta em muitos países árabes. Em contrapartida, o discurso irracional, religioso e nacionalista, avança de vento em popa. E a população manifesta sua ira quando pode.

O drama é que os líderes que reinam pelo poder e a brutalidade conseguem fixar-se no imaginário de grande parte das populações árabes. Aparecem para elas como heróis, herdeiros de Saladino. Esses ditadores se fazem passar por salvadores, quando na realidade não passam dos "novos-ricos" da política, sem moral nem princípios, opressores de seus povos que, a longo prazo, levam ao retrocesso do mundo árabe, a sua derrota e a sua grande miséria intelectual e política.

É difícil, hoje, exigir de uma multidão árabe que se manifesta contra a guerra no Iraque que trace uma distinção entre o povo e seu chefe. É difícil lhe dizer: "Defendo a causa do povo iraquiano e condeno Saddam". Essa confusão é intolerável.

Graças a Bush, o fundamentalista, à arrogância de seus conselheiros e, sobretudo, à ignorância deles no que diz respeito à cultura e à psicologia de uma sociedade de clãs, como é a iraquiana, Saddam está ganhando o status de "herói". As populações árabes se esquecem de todos os crimes que ele cometeu e das guerras atrozes que provocou. Manifestantes no Egito, na Jordânia e no Marrocos gritam palavras de ordem inspiradas diretamente nos movimentos islâmicos. Estamos preparando novas derrotas no front da democracia e da liberdade individual.

Se hoje estamos atolados nessa nova tragédia, na qual a perdedora, de uma maneira ou de outra, será a democracia no mundo árabe, é porque esse mundo árabe está a tal ponto ferido, dilacerado e dividido que está se desfazendo como entidade. Então ele se refugia na fé religiosa, confia em charlatães que sabem lhe falar, reforçando suas certezas e seus preconceitos. Encontra no discurso religioso, mesmo que seja mal compreendido, um conforto, um apaziguamento que os políticos não souberam lhe proporcionar.

A tudo isso se misturam o irracionalismo e uma atitude perversa de esperar para ver. As pessoas que fazem manifestações de rua não hesitam mais em constatar aquilo que realmente dói: que o mundo árabe não existe. E a responsabilidade da equipe de Bush é esmagadora, de uma gravidade sem precedentes. Ela participa desse trabalho de subdesenvolvimento econômico e regressão intelectual, maldição que tomou conta do mundo árabe.

---

Tahar Ben Jelloun é escritor marroquino.

## ANÁLISE

**Árabes aguardam temerosos próximos passos de Bush**PAULO DANIEL FARAH  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Analistas políticos e xeques árabes receberam a notícia do aparente colapso do regime iraquiano com uma mistura de alívio, apreensão e cautela. Qual desses sentimentos vai prevalecer na região deve ser definido nos próximos meses à medida em que o presidente George W. Bush anunciar os próximos passos de sua Operação Liberdade Iraquiana.

A maioria dos árabes não admira Saddam Hussein. Mas a ofensiva anglo-americana é vista sobretudo como uma invasão de tropas estrangeiras que poderiam permanecer no Iraque mais tempo que o desejado.

"Saddam Hussein não era admirado pelos árabes enquanto líder político, era visto como um ditador, mas parte dos muçulmanos o considera uma espécie de herói da resistência contra a crescente hegemonia norte-americana na região", diz o cientista político omani Ayman al Dhamry.

Al Dhamry argumenta que "a presença militar norte-americana no Oriente Médio e na Ásia Central vem se ampliando ante os olhos de populações apreensivas. O ideal seria manter o menor contingente militar possível no período mais breve possível".

O xeque Muhsin al Awajy, da Arábia Saudita, afirma que "ninguém queria combater em nome do governo iraquiano, mas a resistência à ocupação não tem nada a ver com Saddam". Para ele, a guerra ainda não acabou, pois "a solução que Bush encontrou não leva em conta a soberania árabe".

As imagens de soldados norte-americanos em uma capital árabe (Bagdá) provocaram uma sensação de desconforto em parte do Oriente Médio, que não guarda muitas lembranças positivas de forças estrangeiras. E as cenas de militares em palácios do ditador iraquiano ou colocando a bandeira dos EUA na cabeça de uma estátua de Saddam reforçaram a apreensão de alguns analistas.

O analista político libanês Khalid Abu Marwan diz que "não faltam governos árabes preocupados com os próximos passos de Bush. As ditaduras aliadas de Washington provavelmente continuam tranquilas, mas as que se opõem a um papel central dos EUA no Oriente Médio temem por sua sobrevivência nos próximos meses".

Já as populações da região, em geral desconfiadas das ações norte-americanas por causa do apoio de Bush a Israel e do temor de que os recursos petrolíferos da região estejam em perigo, podem vir a mudar sua relação com Washington caso haja eleições democráticas em Bagdá em breve.

"Os árabes têm uma esperança tênue de que o Iraque se transforme em uma democracia e que outros regimes sigam seu modelo. São as próximas medidas da Casa Branca no Iraque e no que concerne a questão palestina que vão determinar uma eventual percepção positiva dos EUA entre os árabes", alega o analista político omani Ahmad Salem.

Até lá, de acordo com os especialistas, prevalece a fúria provocada pelas imagens de civis mortos exibidas diariamente nas TVs e nos jornais árabes.

## PÓS-GUERRA

País defende papel central da ONU; Alemanha diz que vitória da coalizão é "bem-vinda"

**França pede volta da ordem no Iraque**

FERNANDO EICHENBERG

FREE-LANCE PARA A FOLHA, EM PARIS

O presidente da França, Jacques Chirac, pediu ontem que as tropas dos EUA e do Reino Unido restabeleçam a ordem no Iraque para que seja possível a entrada de ajuda humanitária no país.

Em conversa por telefone com o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, Chirac afirmou que a ajuda humanitária é "prioridade absoluta na atual situação".

De acordo com a porta-voz de Chirac, Catherine Colonna, o presidente francês afirmou a Blair que deseja ver "as condições de segurança restabelecidas para que o auxílio possa chegar aos hospitais e ao povo iraquiano".

A porta-voz da Presidência ressaltou que a França deseja que as operações militares no Iraque terminem o mais rapidamente possível. A França liderou a oposição entre os países europeus contra a ação militar anglo-americana, enfurecendo autoridades britânicas. O país defende agora um "papel central" das Nações Unidas na reconstrução do Iraque.

O ministro das Relações Exteriores, Dominique de Villepin, e seu colega britânico, Jack Straw, se esforçavam ontem para mostrar à imprensa que as recentes animosidades manifestadas entre os dois países haviam sido superadas. Perguntado sobre as nuances entre o papéis "vital", desejado para a ONU no pós-guerra pelo presidente George W. Bush e por Blair, e "central", reivindicado por Chirac, o chanceler britânico respondeu: "Penso que é mais ou menos a mesma coisa".

Segundo Villepin, "é importante que a legitimidade da comunidade internacional seja obtida e, para isso, as Nações Unidas têm um papel central".

## Lua-de-mel

A lua-de-mel da classe política francesa em torno da resistência de Chirac às ações belicistas da coalizão anglo-americana no Iraque parece estar com os dias contados. Ontem, enquanto as TVs do país mostravam as imagens da imponente estátua de Saddam Hussein ser derrubada por soldados americanos e cidadãos iraquianos, nos corredores da Assembléia Nacional, em Paris, parlamentares criticavam a inflexível posição do governo francês.

"Estou contente pela vitória dos americanos, pois, até nova ordem, o campo da liberdade está no outro lado do Atlântico e não no regime de Saddam Hussein", alfinetou o deputado Hervé Morin (UDF). Já Paul Giacobbi (PRG), chegou ao ponto de definir a atitude da França como um fiasco diplomático: "A recepção aos libertadores pela população libertada é exatamente aquela que se podia esperar. Infelizmente, nossa diplomacia disse o contrário. Infelizmente, nós trocamos nossos aliados, e hoje talvez seja a hora de reconhecer nossos erros".

Governista, Thierry Mariani manteve as críticas à intervenção americana e defendeu seu líder: "O papel do presidente da República não pode ser questionado. Seu discurso teve eco nos países do Oriente Médio, e a posição francesa ganhou credibilidade".

## Alemanha

O chanceler alemão (premiê), Gerhard Schröder, um dos principais opositores da guerra no Iraque, saudou ontem a tomada de Bagdá pela coalizão anglo-americana.

Schröder também voltou a defender a importância da ONU no pós-guerra. "O importante, agora, é aproveitarmos uma vitória provável e bem-vinda, o que só será possível se o povo iraquiano puder decidir por si só suas condições políticas e econômicas [...], o que significa que a ONU deve desempenhar um papel central no processo de estabilização."

Junto com outros países europeus, como Reino Unido, França e Rússia, além do Japão e da China, a Alemanha defende que a ONU gerencie a reconstrução do Iraque. Os EUA, no entanto, preferem que a organização se limite a um papel humanitário.

-----  
Com agências internacionais

**ONU vai fazer o possível para ajudar, diz Annan**

DE NOVA YORK

O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, disse ontem que a entidade tem feito o possível para ajudar a população iraquiana.

"Tenho ouvido relatos sobre a situação dos hospitais e falta de medicamentos. Estamos tentando fazer tudo o que podemos com a Organização Mundial da Saúde, a Cruz Vermelha e nossa própria equipe humanitária para fazer os medicamentos chegarem o mais rapidamente possível", disse.

"Na atual situação de Bagdá, é muito cedo para determinar quem está no comando, quem vai chefiar a cidade e o que aconteceu ao governo", disse Annan.

Um grupo de países árabes pediu uma reunião especial da Assembléia Geral da ONU sobre o Iraque. O grupo quer uma resolução pedindo um cessar-fogo.

**Blair se "encanta" com cenas de Bagdá**

MARIA LUIZA ABBOTT

FREE LANCE PARA FOLHA, DE LONDRES

O premiê britânico, Tony Blair, ficou "encantado" com as imagens de iraquianos saudando as tropas americanas em Bagdá e da derrubada de uma estátua de Saddam Hussein, exibidas ontem pela TV. Mas o governo britânico manteve o tom cauteloso.

"Temos de ter cuidado com declarações prematuras de vitória quando ainda pode haver resistência", disse um porta-voz. Antes, o próprio premiê afirmara que "é difícil saber o que restou de escalões mais altos do regime".

Com as imagens da TV, iraquianos exilados em Londres improvisaram festas nas ruas. Em frente à Embaixada do Iraque, um grupo de 20 iraquianos se reuniu para protestar contra Saddam pouco após a polícia prender 24 pessoas que invadiram o prédio.

Mas a festa não significa que tudo esteja resolvido. Acumulam-se perguntas sobre as armas de destruição em massa, usadas como justificativa para a guerra.

Até agora, os depósitos suspeitos de armas químicas achados no Iraque não foram confirmados. Blair disse que não estava surpreso: "Não tenho dúvida de que essas armas serão achadas. Houve seis meses para escondê-las."

**Tentativa de aproximação**

Blair tenta recuperar espaço na Europa e reaproximar europeus e americanos, mas as promessas feitas por ele e pelo presidente americano, George W. Bush, de que a ONU terá participação "vital" na reconstrução do Iraque podem ser insuficientes para resgatar as relações com os governos da França, da Alemanha e da Rússia, líderes da oposição à guerra.

Os três chefes de Estado se reúnem neste fim de semana em São Petesburgo e, se pressionarem por uma participação da ONU maior do que a imaginada pela coalizão, ressurgirão as divisões da comunidade internacional.

Em conversa por telefone, Blair e o presidente francês, Jacques Chirac, concordaram com a necessidade de o Iraque ser governado pelos iraquianos o mais rapidamente possível e de a comunidade internacional trabalhar junto por esse objetivo.

Para o premiê, a ONU também é importante na política doméstica, já que a oposição popular e parlamentar vista quando o país entrou na guerra sem aval da organização pode ressurgir.

**"Dia histórico", diz Aznar**

O premiê espanhol, José María Aznar, aludiu à queda do Muro de Berlim em 1989 ao declarar que ontem foi um "dia histórico no qual caiu o muro de Bagdá".

"Quero expressar minha satisfação ao povo iraquiano, que conseguiu se livrar da tirania, e meu reconhecimento à coalizão, que viabilizou essa situação", disse Aznar, um dos principais aliados da coalizão anglo-americana.

"Saddam Hussein tentou repetir, até o último momento, o que o [ditador nazista Adolf] Hitler (1933-1945) tentou em Berlim: jogar sua culpa sobre seu povo. No fim, o que tivemos foi Berlim em 1989. Caiu o Muro de Bagdá."

Também o governo israelense, um dos aliados mais próximos dos EUA, manifestou satisfação. Zalman Shorrel, conselheiro do premiê Ariel Sharon, disse que "os acontecimentos em Bagdá podem criar as condições para um Oriente Médio mais pacífico, e devem ter efeito positivo sobre outras forças terroristas".

-----  
Com agências internacionais

**Schröder saúda a coalizão; para Aznar, muro caiu**

DA REDAÇÃO

O chanceler alemão (premiê), Gerhard Schröder, um dos principais opositores da guerra no Iraque, saudou ontem a tomada de Bagdá pela coalizão anglo-americana. Já o premiê espanhol, José María Aznar, aliado dos EUA, aludiu à queda do Muro de Berlim em 1989 ao declarar que ontem foi um "dia histórico no qual caiu o muro de Bagdá".

Schröder também voltou a defender a importância da ONU no pós-guerra. "O importante, agora, é aproveitarmos uma vitória provável e bem-vinda, o que só será possível se o povo iraquiano puder decidir por si só suas condições políticas e econômicas [...], o que significa que a ONU deve desempenhar um papel central no processo de estabilização."

Junto com outros países europeus, como Reino Unido, França e Rússia, além do Japão e da China, a Alemanha defende que a ONU gerencie a reconstrução do Iraque. Os EUA, no entanto, preferem que a organização se limite a um papel humanitário.

Em Madri, Aznar expressou contentamento com a tomada de Bagdá. O premiê espanhol tem sido um dos principais aliados da coalizão anglo-americana.

"Quero expressar minha satisfação ao povo iraquiano, que conseguiu se livrar da tirania, e meu reconhecimento à coalizão, que viabilizou essa situação", disse Aznar. "Saddam Hussein tentou repetir, até o último momento, o que o [ditador nazista Adolf] Hitler (1933-1945) tentou em Berlim: jogar sua culpa sobre seu povo. No fim, o que tivemos foi Berlim em 1989. Caiu o Muro de Bagdá."

Também o governo israelense, um dos aliados mais próximos dos EUA, manifestou ontem satisfação com a ação em Bagdá. Zalman Shorrel, conselheiro do premiê Ariel Sharon, disse que "os acontecimentos em Bagdá podem criar as condições para um Oriente Médio mais pacíficos, e devem ter efeito positivo sobre outras forças terroristas".

"Agora que os iraquianos se livraram de sua brutal ditadura, esperamos que nossos vizinhos palestinos tirem conclusões."

Já o líder do grupo terrorista palestino Hamas, Abdelaziz al Rantisi, lamentou o desfecho da ação no Iraque e disse esperar "uma Intifada dos povos iraquianos e do golfo [Pérsico]".

-----  
Com agências internacionais



**Brasil quer a ONU no pós-guerra**

ELIANE CANTANHÊDE  
DIRETORA DA SUCURSAL DE BRASÍLIA  
ANDRÉ SOLIANI  
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O Planalto e o Itamaraty consideram que a situação do Iraque não está consolidada e há inúmeras dúvidas, mas o ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, já reivindica a participação de empresas brasileiras na reconstrução do país pós-guerra.

A diferença entre as duas posições é determinada pela cautela do discurso diplomático, de um lado, e pelo pragmatismo empresarial, do outro. Tudo depende, porém, de como a situação política do Iraque irá se desenrolar.

Furlan disse ontem, ao chegar à sede da CNI (Confederação Nacional da Indústria), que empresas brasileiras pretendem participar de obras no pós-guerra: "Dentro do guarda-chuva da ONU, o Brasil vai pleitear participar do esforço de reconstrução". Há empreiteiras brasileiras que já atuam na construção de casas populares no Oriente Médio.

As imagens na TV mostram Bagdá abandonada pelo governo iraquiano e ocupada pelos americanos, mas, apesar de poderosas, elas "não significam nada do ponto de vista diplomático e político", disse um diplomata.

As dúvidas tanto do Planalto quanto do Itamaraty são, principalmente, sobre como será a administração do Iraque. Se houver uma mera ocupação, com um general americano assumindo o poder, a reação brasileira será uma. Se houver logo uma convocação a algum tipo de eleição, seja direta ou indireta, será outra.

O chanceler Celso Amorim -que conversou no domingo, por telefone, com o secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, e expressou que o país quer a ação da ONU no pós-guerra -disse à Folha, por sua assessoria, que o momento "é de reflexão, de análise dos acontecimentos".

## SOB NOVA ADMINISTRAÇÃO

Washington convoca líderes iraquianos para discutir governo pós-Saddam

**EUA dividem Iraque em três zonas**

DA REDAÇÃO

Os EUA já escolheram 43 políticos iraquianos -14 no exílio e 29 no interior do país- para participar de uma reunião nos próximos dias onde será discutido o futuro político do Iraque. Paralelamente, decidiram dividir administrativamente o país em três zonas (sul, centro e norte), que ficarão sob a responsabilidade de funcionários americanos comandados pelo general da reserva Jay Garner.

Anteontem, o primeiro grupo de integrantes do Escritório para a Reconstrução e a Assistência Humanitária (Erah) chegou ao porto de Umm Qasr (sul) para coordenar a entrada e a distribuição de ajuda humanitária, uma das prioridades da coalizão anglo-americana. As outras são: recuperar os serviços básicos (saúde, abastecimento de energia e de água e segurança, entre outros) e preparar a formação de um governo interino de iraquianos.

Os responsáveis pelo Erah necessitarão trabalhar com iraquianos. Em Basra, militares britânicos apelaram a um líder religioso local (xiita) para tentar restaurar a ordem. Uma das dificuldades será identificar parceiros locais confiáveis, pois, frequentemente, os quadros mais qualificados têm conexões com o regime de Saddam Hussein.

Com esse objetivo, os EUA e o Reino Unido planejam uma reunião com lideranças de oposição com o objetivo de incluí-las o mais rápido possível na administração do Iraque pós-guerra.

Ontem, o vice-presidente americano, Dick Cheney, disse que a reunião ocorreria no sábado em Nassiryia (sul do país). Segundo o porta-voz do Departamento de Estado, Richard Boucher, a data e o local não haviam sido definidos.

"Juntaremos representantes de todo o Iraque para começarmos a planejar o futuro da autoridade interina iraquiana", disse Cheney.

Ahmed Chalabi, líder do Congresso Nacional Iraquiano (um dos principais grupos de oposição no exílio), também afirmou que a reunião ocorreria no sábado.

Chalabi, que vivia no exílio até há poucos dias, foi levado, com outros 700 membros de sua organização, de volta ao Iraque pelos próprios americanos para ajudá-los a colocar fim ao regime de Saddam e a instalar uma nova administração. Ontem, no entanto, ele já fazia críticas à lista de supostos participantes no encontro.

Segundo o líder opositor, haveria um excesso de líderes tribais e de áreas rurais, sendo que o Iraque é uma sociedade majoritariamente urbana. "A composição [do encontro] parece-se com uma Arca de Noé, mas, nesse estágio, tudo bem", afirmou.

A volta de Chalabi do exílio pelas mãos dos americanos levantou especulações de que estaria sendo ungido a um posto fundamental no Iraque pós-Saddam. Mas, embora ele tenha apoiadores no Pentágono, a CIA acredita que líderes iraquianos que viviam no exílio não terão o apoio da população.

Richard Boucher disse que a reunião não será uma "coroação" de qualquer liderança iraquiana e não servirá para escolher o futuro governo. Antes disso, os EUA planejam realizar uma série de encontros com líderes iraquianos que culminará com uma conferência em Bagdá.

Outra questão delicada é o papel que será destinado à ONU (Organização das Nações Unidas). Países do Conselho de Segurança (CS) que foram contra a guerra, em especial França, Alemanha e Rússia, querem que a ONU assuma o papel central na reconstrução do Iraque.

Mas, embora concordem que a ONU deva ter participação, os EUA já deixaram claro que terão a palavra final. "Sobre a questão se nós iremos entregar tudo à ONU e colocá-la à frente do processo, o presidente [George W. Bush] já deixou claro que nós não faremos isso", disse Cheney ontem.

---

Com agências internacionais

## **Queda do regime iraquiano abrirá espaço para novos conflitos étnicos**

JOÃO BATISTA NATALI  
DA REPORTAGEM LOCAL

A queda de Bagdá resolve um problema ao simbolizar o colapso da ditadura de Saddam Hussein (1979-2003). Mas também cria outros, ao destampar a panela de pressão na qual eram negociadas as tensões étnicas e tribais.

Os xiitas são majoritários, com 60% da população. Mas é a minoria sunita, com 20%, que governa a região desde o século 18. Os curdos, que não são árabes e representam 20% dos iraquianos, podem a partir de agora expor suas profundas dissensões internas.

Essa diversidade não é um obstáculo em países como a Bélgica ou a Suíça, que são Estados plurinacionais. No Iraque as coisas evoluíram de forma diferente, em razão da existência de uma milenar e forte cultura tribal.

Antes de Saddam, governava Hassan Bakr. Ambos pertenciam a tribo Albu Nasir. Mas dentro dela, com a mudança de governo, o poder escorregou do clã Albu Bakr para o clã Al Beijat. Dentro deste, Saddam pertencia ao subclã Albu Ghafur.

O clã é uma realidade social complicada. Supunha preferência nos casamentos, negócios e nomeações para o Exército e para o Baath (partido único do regime). O partido só passou integrar o equilíbrio tribal de poder depois da queda do presidente Abdelsalam Aref (1963-1967).

Em termos institucionais, uma tribo aliada ao presidente levava vantagens. Seus integrantes não faziam serviço militar. Recebiam armas leves, montavam milícias para garantir a ordem em suas cidades e tinham o poder para resolver litígios. Também coletavam os impostos. Eram polícia e faziam a corrupção.

Antes de 1980, Saddam tentou apoiar o Estado numa burocracia basicamente sunita e metropolitana. Recuou com a guerra contra o Irã (1980-1988), que provocou a defecção das tribos xiitas e o fortalecimento da estrutura de poder baseada na troca de favores.

Os xiitas -30 mil a 60 mil mortos no levante de 1991, logo após a Guerra do Golfo- ficaram nos últimos 12 anos de fora desse pacto de interesses. Saddam corrompia pontualmente lideranças comunitárias e não interferia na lógica interna de seus clãs.

Entre os curdos as divisões são mais políticas. Os dois principais grupos têm idéias e milícias próprias. Acusam-se de se aliar com o inimigo (Iraque) para matar dirigentes rivais.

### Diversidade na oposição

As entidades de dirigentes no exílio têm raízes e interesses diferentes. O Congresso Nacional Iraquiano, com subrepresentação sunita e liderado pelo xiita Ahmed Chalabi ("o homem do Pentágono"), agrega sobretudo uma burguesia próxima do poder até a queda da monarquia, em 1958. O Movimento Nacional Iraquiano carrega as viúvas do Baath.

Essa colcha de retalhos é complexa. Diante dela, é pura abstração a idéia segundo a qual cada cidadão tem direito a um voto num sistema pluralista e democrático.

Os ingleses, que mantiveram o Iraque como protetorado (1914-1932), tentaram uma forma de democracia que haviam imposto com sucesso na Índia. Não deu certo. Os clãs se revoltaram pela divisão do poder regional com burocratas ligados ao extinto Império Otomano, ao qual as províncias do atual Iraque pertenciam. As relações dos clãs com o Estado já eram então arcaicas.

Com talvez uma grande exceção: a da classe média sunita, instruída e ocidentalizada, mas sobretudo concentrada em Bagdá.

## **Reconstrução polêmica opõe até departamentos do governo dos EUA**

ÉRICA FRAGA

DA REPORTAGEM LOCAL

A reconstrução do Iraque promete ser a batalha mais difícil a ser travada pela administração de George W. Bush nessa campanha. Bastante complicado até agora, o processo tem envolvido novos embates entre os Estados Unidos e a comunidade internacional e conflitos dentro do próprio governo norte-americano.

Ainda não existe um plano claro para a reconstrução do Iraque. O que há de concreto, por enquanto, são contratos que vinham sendo distribuídos pelo governo dos EUA exclusivamente para empresas norte-americanas.

Mas, mesmo esse processo, que foi lançado com estardalhaço pelo governo dos EUA, está estacionado desde que virou alvo de críticas de países como França, Alemanha e Rússia e da imprensa.

Há menos de três semanas, a Usaid (agência norte-americana para o desenvolvimento internacional) prometia em um prazo de "poucos dias" a divulgação dos nomes de sete empresas ganhadoras de contratos. Naquele momento, um contrato já havia sido concedido à empresa International Group Resources para a prestação de assistência pessoal a funcionários da Usaid no Iraque.

Depois disso, no entanto, apenas mais um nome de empresa foi anunciado: o da Stevedoring Services of America, que administrará os portos iraquianos.

Segundo Alfonso Aguilar, porta-voz da Usaid, o processo de análise das propostas feitas pelas empresas segue normalmente. Ele admite que chegou a acreditar e a transmitir essa informação para a imprensa que a Usaid divulgaria logo os nomes das outras empresas. Mas, segundo Aguilar, o departamento que analisa as propostas para os seis contratos restantes ainda não tomou uma decisão: "Isso não quer dizer que o processo esteja parado. Ao contrário, está correndo em tempo recorde".

No entanto, nenhum nome de empresa é anunciado desde que a intenção dos EUA de administrar a reconstrução do Iraque sem significativa ajuda internacional, nem mesmo de agências ligadas à ONU, virou alvo de críticas.

Para complicar a situação, também começam a se tornar visíveis as divergências entre os departamentos da Defesa e de Estado dos EUA. O primeiro, escolhido por Bush para comandar a reconstrução, defende que os EUA liderem esse processo sozinhos.

Já o departamento de Estado - ao qual a Usaid está subordinada - apóia a postura defendida pelo Reino Unido, principal aliado dos EUA na guerra, de que seja formada uma frente internacional para a reconstrução, na qual a ONU teria papel significativo.

Anteontem, após encontro com Tony Blair, primeiro-ministro britânico, Bush garantiu que a ONU terá um papel "vital" na reconstrução do Iraque. Mas detalhes ainda não foram divulgados e, por enquanto, os principais conselheiros do presidente norte-americano continuam contra essa proposta.

Os rumos dos planos de reconstrução também dependerão de como será montada a nova administração política do Iraque.

O Banco Mundial, por exemplo, já anunciou que ainda não foi convidado a participar do processo. A instituição disse ainda que não poderá tomar parte do projeto de reconstrução se o novo governo não for reconhecido pela ONU. A grande questão agora, segundo especialistas, é se a ONU irá reconhecer um novo governo iraquiano depois de ter se oposto fortemente ao ataque ao país.

## ARTIGOS

**Passado mórbido anda à espreita**

TIMOTHY GARTON ASH

-----  
 "Agora que a estátua gigantesca do ditador foi derrubada, enfrentamos o desafio de como lidar com todo o passado do Iraque, condenado por Saddam."  
 -----

## ESPECIAL PARA A FOLHA

Lidar corretamente com o passado mórbido do Iraque é vital para a saúde da futura democracia no país.

Agora que a estátua gigantesca de Saddam foi derrubada em Bagdá, enfrentamos o desafio de como lidar com todo o passado do Iraque, condenado por Saddam.

Um bom ponto de partida consiste em colocar a seguinte pergunta: "O que eu teria feito com Ali Químico se as tropas britânicas o tivessem capturado vivo em Bagdá?". Esse é o homem que, em 88, liderou campanha que matou estimados 100 mil curdos, em sua maioria civis, 5.000 deles aniquilados com gases tóxicos em Halabja. Ali Hassan Majid foi um assassino em massa da mesma categoria ocupada pelo general Radko Mladic, dos sérvios bósnios.

Sei para onde o teria enviado: diretamente para uma cela em Haia, no mesmo corredor em que Slobodan Milosevic está alojado. É para lá que devem ser mandados os criminosos de guerra iraquianos que conseguirmos capturar e para onde Saddam deve ir, no caso pouco provável de que seja capturado vivo.

Em lugar disso, os EUA estão dizendo que os criminosos de guerra iraquianos serão julgados por tribunais americanos. Entre os derrotados em qualquer guerra, sempre há a suspeita de que qualquer julgamento posterior será realizado pela "justiça dos vencedores". Nada poderia ser mais bem calculado para confirmar essa opinião do que essa proposta crassa dos EUA.

Espero e confio que o governo britânico exija a criação de um tribunal internacional sancionado pela ONU para o Iraque e que entregue apenas a tal tribunal internacional legítimo os suspeitos criminosos de guerra que as forças britânicas possam capturar.

E como -você bem pode indagar- ficariam os possíveis crimes de soldados americanos e britânicos durante essa guerra? Novamente, como internacionalista liberal, minha resposta é clara: devem ser submetidos ao Tribunal Penal Internacional, sob exatamente os mesmos critérios de provas e determinação de sentença que todas as outras pessoas. No momento, é claro, isso já se aplica aos soldados britânicos, mas não aos americanos.

A questão de o que fazer com os criminosos de guerra do Iraque liberado/ocupado é apenas um dos aspectos envolvidos no tratar com o passado mórbido e violento do país. Isso, por sua vez, faz parte de uma questão ainda mais ampla: como converter as ruínas ainda fumegantes de Bagdá e Basra em capitais de um Iraque democrático e autônomo?

Já existe um amplo leque de experiências que podem servir de subsídio, desde Kosovo até o Timor Leste, passando pelo Afeganistão, para tarefas que abarcam desde transformar uma economia e redigir uma nova Constituição até construir uma mídia independente e uma sociedade civil.

Aqui está, por assim dizer, a caixa mundial de ferramentas de transição. O Departamento de Estado dos EUA, o Pentágono e o Ministério do Exterior britânico estão vasculhando essa caixa.

O Departamento de Estado, por exemplo, já tem um projeto "Futuro do Iraque", no qual discute com exilados iraquianos selecionados o que fazer com a economia, a educação, a sociedade civil -e o difícil passado.

Superar um passado ditatorial ou se reconciliar com ele é parte vital do trabalho de transição.

Já temos antecedentes nesse sentido vindos de mais de 30 países tão diversos quanto África do Sul, Ruanda, Chile, Sérvia e Alemanha, esta depois do nazismo e novamente após o comunismo.

O derrotar o passado se dá principalmente sob três formas: julgamentos, expurgos e aulas de história. Tendo passado vários anos estudando o assunto, tenho pontos de vista claros sobre cada um desses métodos.

Os julgamentos, me parece, devem normalmente ser restritos apenas à pior categoria de crimes de guerra e violações dos direitos humanos. Devem ser conduzidos por um tribunal internacional neutro, aplicando o direito humanitário internacional que estava em vigor no momento em que os crimes foram cometidos. De outro modo, viola-se o princípio básico da justiça, ao torná-la retroativa.

Se forem utilizadas as leis nacionais do país vencedor ou criadas leis novas para esse fim, a impressão que se terá é que se trata da chamada "justiça dos vencedores", que, para os derrotados, não é justiça.

Ambas as objeções foram feitas aos julgamentos dos líderes nazistas pelo Tribunal de Nuremberg, após a 2ª Guerra. Se forem usados tribunais locais e o direito do país em pauta, como os EUA estão propondo fazer com os criminosos

menores no Iraque, será preciso tentar esticar as leis criminais existentes para cobrir abusos ditatoriais, como aconteceu no julgamento do líder comunista alemão oriental Erich Honecker.

De qualquer maneira, há tantos crimes e criminosos menores em tais regimes que é impossível julgar todos.

Fazer o julgamento de apenas alguns deles viola outro princípio importante: o da igualdade perante a lei. Isso dará uma impressão má porque o regime de ocupação certamente estará empregando outros criminosos menores no trabalho de reconstrução.

Em Basra, por exemplo, os britânicos estão propondo restaurar a lei e a ordem por meio dos serviços de um xeque amigável, representantes tribais locais e elementos da polícia existente, alguns dos quais sem dúvida devem ter algum sangue nas mãos.

Mas os crimes contra a humanidade nunca devem ser anistiados ou ignorados. É para mim fonte de espanto contínuo e satisfação profunda que alguns dos piores criminosos políticos das guerras da sucessão iugoslava hoje estão atrás das grades. Seria bom ver alguns iraquianos juntar-se a eles.

Os expurgos são um mal necessário. Se você emprega em seu próprio aparelho administrativo membros de alto escalão do regime anterior, que eram profundamente engajados com ele, eles podem continuar a agir de maneira corrupta, não democrática ou indesejável de outra maneira.

Mesmo que não o façam, sua simples presença vai comprometer o novo regime aos olhos de muitos, especialmente dos jovens mais idealistas. Foi isso o que aconteceu quando os estudantes rebeldes de 68 viram os ex-nazistas ocupando altos cargos na Alemanha ocidental do pós-guerra.

É esse o risco que correremos se empregarmos um excesso de ex-partidários de Saddam. Mas não devemos tentar interrogar cada escrivão ou carteiro, nem seria possível excluir todos os 1,5 milhão de ex-membros do Baath.

Exames cuidadosos dos antecedentes dos candidatos devem ser feitos com rapidez e firmeza, mas se limitar a cargos públicos mais altos ou influentes. É uma regra pragmática grosseira, mas os expurgos sempre são arbitrários.

A longo prazo, a forma mais frutífera de derrotar o passado é aquela à qual eu chamo "aula de história", termo que uso para indicar tudo -desde dar ao cidadão individual o direito de ler sua ficha policial secreta até a abertura dos arquivos a estudiosos e jornalistas, incluindo também a criação de uma Comissão de Verdade, pública, abrangente e oficial, como as que foram criadas no Chile e na África do Sul.

Diferentemente dos julgamentos e expurgos, esses métodos incentivam o confronto psicológico de uma sociedade com o passado ditatorial. Você descobre, por exemplo, que aqueles que serviram a um regime também podem ter sido suas vítimas, e que as vítimas em um contexto são vitimadoras em outro.

Tudo depende de quando, como e por quem essas coisas são feitas. Idealmente, elas devem ser feitas rapidamente, meticulosamente e pelos habitantes do próprio país, não por pessoas de fora.

Esses três desideratos são especialmente difíceis de reunir num país ocupado, desmoroado e fraturado como o Iraque. Por exemplo: seria possível conseguir uma filtragem rápida e eficiente dos arquivos da polícia secreta iraquiana se o trabalho fosse confiado a um ex-diretor da CIA, mas esse trabalho seria aceito como legítimo pelos iraquianos?

Outro exemplo: será que a Al Jazeera terá o mesmo acesso aos arquivos que a CNN? E quem presidiria uma possível Comissão da Verdade iraquiana? Onde estão as autoridades morais do próprio país? Poderia um curdo ser aceito para fazer o julgamento moral de sunitas, ou um xiita para fazer o mesmo de curdos, ou um exilado em relação a iraquianos que permaneceram no país e sofreram?

Comparada ao restabelecimento do suprimento de água, a tarefa de derrotar o passado pode parecer um luxo de segunda ordem. Mas existe uma correlação clara entre a lista de países que já encararam seu passado difícil e a das novas democracias consolidadas.

Lidar corretamente com o passado é mais importante do que a água para a saúde de longo prazo da futura democracia iraquiana.

-----  
 Timothy Garton Ash, 57, é historiador britânico e diretor do Centro de Estudos Europeus da Universidade de Oxford  
 -----

Tradução Clara Allain

## A força do nacionalismo

DEMÉTRIO MAGNOLI  
ESPECIAL PARA A FOLHA

Nos próximos dias, o Iraque se tornará um protetorado militar americano. O regime de protetorado estará disfarçado pelo arremedo de um governo títere iraquiano e, talvez, pela partilha de tarefas administrativas e humanitárias com a ONU. O poder de fato, todos sabem, ficará nas mãos de Washington.

Os neoconservadores que controlam a política externa da administração Bush prometem um Iraque democrático, que serviria de exemplo para uma "revolução democrática" no mundo árabe.

Acreditam na gratidão do povo iraquiano para com a hiperpotência que traz a democracia na ponta dos fuzis. Parecem pensar que o Iraque conheceu apenas o tribalismo e a ditadura de Saddam Hussein, nunca o nacionalismo. É um modo linear e simplista de interpretar a história do Iraque.

Na Antiguidade, a Mesopotâmia foi o berço das cidades-Estado sumérias, onde floresceram as civilizações acadiana, babilônia e assíria. Sofreu invasões persas e romanas. Mas sua identidade étnica, linguística e religiosa foi moldada pela invasão árabe do século 7º. Bagdá, fundada pela dinastia abácida para substituir Damasco como sede do califado, tornou-se o centro do mundo árabe-muçulmano que se estendia do Magreb ao Afeganistão.

No século 9º, no Iraque, irrompeu a querela de sucessão que originou a dissidência xiita. Sob o califado abácida, o árabe tornou-se uma língua geral dos fiéis do islã, difundindo-se pela África do Norte e grande parte do Oriente Médio. Uma cultura compartilhada assinalou o apogeu do mundo árabe, que contrastava com o atraso, a selvageria européia.

O Império Otomano estabeleceu o seu poder sobre o mundo árabe nos séculos 16 e 17. Bagdá caiu em mãos otomanas em 1534, foi perdida logo depois e reconquistada em 1638.

A estrutura imperial, a maior que se conhecera desde a queda de Roma, conseguiu estabilidade duradoura respeitando a pluralidade de culturas e os privilégios das elites nas diferentes partes do império. Sua lenta decadência, no século 19, abriu caminho para as potências européias, que colonizaram o norte da África.

A 1ª Guerra assinalou o colapso otomano e a fragmentação geopolítica do Oriente Médio. A França estabeleceu mandatos na Síria e no Líbano. O Reino Unido, que tinha declarado protetorado sobre o Egito, tornou-se potência mandatária na Palestina, na Transjordânia e no Iraque.

A Arábia Saudita unificou-se, mas os britânicos, determinados a controlar as fontes e rotas do petróleo, impediram a unidade da península e retalharam a orla do golfo Pérsico em protetorados. Essa é a origem do Kuwait, do Qatar, de Barein e dos Emirados Árabes Unidos.

O poder britânico no Iraque sofreu a contestação de uma revolta tribal, com tinturas nacionalistas, em 1920. Londres acomodou as tensões concedendo o autogoverno, sob controle britânico, e coroando Faiçal 1º rei do Iraque. O pai de Faiçal, Husayn, liderara a revolta árabe contra o sultão otomano durante a guerra mundial, lutando ao lado do célebre agente britânico T.E. Lawrence.

Husayn confiou nas palavras do "Lawrence da Arábia", que queria "fazer uma nova nação" e, depois da guerra, liderou uma revolta nacionalista na Síria. Os franceses sufocaram a revolta, contando com a indiferença dos britânicos. A coroação de Faiçal foi o prêmio de consolação de Londres, que desenvolvia uma sinuosa política de sedução das elites árabes.

O nacionalismo monárquico gerou uma independência formal, em 32, e se esgotou no pós-guerra, sob o impacto da emergência do Baath (Ressurreição). O partido surgiu na Síria, como expressão de um pensamento modernizante e laico, amparado nas classes urbanas educadas.

Seu principal teórico, o cristão Michel Aflaq, sustentava a existência de uma única nação árabe, herdeira da tradição cultural do islã, com a convivência de diversas confissões religiosas. Essa nação deveria ter o direito de constituir um Estado unificado.

O baathismo original, mesclado com os elementos da reforma social e do socialismo, difundiu-se pelos países vizinhos. No Iraque, o baathismo inspirou a revolução militar de 1958, que derrubou Faiçal 2º e instalou a República.

O nacionalismo baathista distingue-se do nacionalismo monárquico. O último fazia a nação repousar no direito da dinastia; o primeiro, na unidade do povo. Por isso, nos anos 60 e 70, o poder baathista entrou em conflito com o nacionalismo curdo. Ao mesmo tempo, o Estado forte modernizava o país, promovendo a educação pública, a igualdade política das mulheres, a nacionalização da indústria petrolífera, a dragagem dos pântanos e a irrigação.

Saddam Hussein chefiou o núcleo baathista das coalizões militares que governaram o Iraque na década de 70. Em 79, num golpe palaciano, assumiu a Presidência. Durante a Guerra Irã-Iraque (80-88), estruturou uma ditadura feroz, baseada na fusão do Baath com o aparelho de Estado.

A Guarda Republicana, as milícias paramilitares e os órgãos de segurança interna formaram a espinha dorsal de um regime assentado sobre o clã do presidente, que se origina na cidade de Tikrit.

Ele não deve ser confundido com uma ditadura militar de camarilha, "à la boliviana". É um ramo sangrento do tronco baathista, que sustenta a árvore do nacionalismo iraquiano. O ramo caiu, mas a árvore tem raízes mais profundas do que crêem os neoconservadores de Washington.

-----  
Demétrio Magnoli, 44, é editor do jornal 'Mundo Geografia e Política Internacional'



ARTIGO

**Ainda não é hora de aplaudir**

Seria estúpido perguntar aos iraquianos como se sentem quanto a questões políticas. Eles vivem estado primordial. Saddam foi substituído por Hobbes

Os EUA dominaram o Iraque e detêm a responsabilidade por normalizá-lo. Se a água não fluir, se a comida não chegar, se a chuva não vier, agora a culpa é dos EUA

THOMAS L. FRIEDMAN  
DO "NEW YORK TIMES", EM UMM QASR

É difícil sorrir quando não há água. É difícil aplaudir quando você está assustado. É difícil dizer "obrigado por me libertar" quando a libertação quer dizer que saqueadores roubaram tudo, de depósitos de grãos à escola local, de onde levaram até o quadro-negro.

Foi o que eu descobri quando passei o dia em Umm Qasr e em seu hospital, no sul do Iraque. Umm Qasr foi a primeira cidade libertada pelas forças da coalizão. Mas após 20 dias de guerra, ela continua sem água corrente, segurança ou suprimentos adequados de alimentos. Fui à cidade com uma equipe kuaitiana de assistência, a qual, apiedada dos iraquianos, jogou pacotes adicionais de comida pela janela do ônibus enquanto deixávamos a cidade. Os moradores de Umm Qasr correram atrás da comida como pombos lutando por migalhas de pão.

A cena era de humilhação, não de libertação. É preciso que façamos melhor.

Estou certo de que isso acontecerá, quando mais equipes de assistência chegarem. Mas as cenas que vi me explicam por que, mesmo aqui, no coração xiita e inimigo de Saddam do sul do Iraque, ninguém está aplaudindo de pé as tropas norte-americanas. Quando perguntei ao tenente-coronel Richard L. Murphy, parte da operação norte-americana de assistência, como os iraquianos estavam recebendo os seus homens, ele respondeu de maneira direta e honesta: "Não detectei nenhuma hostilidade aberta".

Hostilidade aberta? Nós começamos esperando aplausos, e agora estamos satisfeitos por não haver hostilidade aberta. E só estamos aqui há 20 dias. Como eu disse, certas coisas melhorarão com o tempo. Mas, por enquanto, os Estados Unidos destruíram a velha ordem -o regime de Saddam-, mas ainda não instalaram uma ordem nova, e o vácuo vem sendo ocupado em muitos lugares por saqueadores, malfeitores, caos, sede, fome e insegurança. Um problema especial aqui no sul é que as tropas britânicas ainda não completaram a conquista de Basra, o centro regional. Sem acesso livre a Basra, toda a economia do sul está paralisada.

Seria estúpido até mesmo perguntar aos iraquianos como se sentem quanto a questões políticas. Eles vivem estado primordial, de natureza, anterior à política. No momento, Saddam foi substituído por Hobbes, e não por Bush. Quando perguntei ao Dr. Safaa Khalaf, no hospital de Umm Qasr, por que a recepção às tropas norte-americanas fora tão discreta, ele respondeu que "muita gente aqui tem filhos soldados. Foram forçados a se juntar ao Exército. Estavam zangados com a guerra. Desde que a guerra começou, nada de água, nada de comida, nada de eletricidade... Não temos água para beber ou para higiene há cinco dias... Não há lei, não há policiais para deter as pessoas. Não vemos ainda o reino americano dominando o país".

A cena no hospital de Umm Qasr é trágica. Uma mulher que acabara de ter um bebê uma hora antes caminhava mancando para casa, e sua mãe levava o bebê envolto em seu manto negro. Um velho Dodge alaranjado corria para o hospital, com um adolescente subnutrido gemendo no assento traseiro. No laboratório do hospital, a pia estava repleta de tubos de teste sangrentos, esperando para serem levados quando voltar a água.

O que é mais notável, no entanto, é que depois que as pessoas terminam de se queixar a você de sua situação, elas parecem, todas, ter uma história sobre um familiar, um primo, arbitrariamente detido ou morto pelos asseclas de Saddam. Estão realmente felizes por estar livres dele. Os Estados Unidos agiram bem ao fazê-lo, para que agora possamos construir uma paz da qual tenhamos igual orgulho.

Mas o país está alquebrado. Seu espírito foi destruído por Saddam muito antes que chegássemos, e agora, por causa da guerra, suas grandes cidades e sua ordem férrea estão sendo igualmente destruídas. Matar Saddam não bastará para trazer aos Estados Unidos os agradecimentos que o país espera, porque os iraquianos ainda não se sentem livres. Só substituir a ordem de Saddam por uma ordem melhor o fará. "Não existe liberdade porque não existe segurança", disse o Dr. Mohammed al-Mansuri, diretor do hospital.

Nós nos deixamos envolver tanto com a nossa história da "libertação norte-americana do Iraque", e as redes árabes de televisão estão tão envolvidas com sua história da "ocupação norte-americana do Iraque", que todos parecem ter perdido de vista as vidas reais dos iraquianos.

"Estamos perdidos", diz Zakiya Jassim, funcionário de manutenção de um hospital. "A situação está se agravando. Não ligo para Saddam. Ele está longe. Quero que meu país seja normal".

Os Estados Unidos dominaram o Iraque, e por isso agora os Estados Unidos possuem o Iraque, e detêm a responsabilidade primária por normalizá-lo. Se a água não fluir, se a comida não chegar, se a chuva não vier, se o sol não brilhar, agora a culpa é dos Estados Unidos. É melhor que nos acostumemos a isso, é melhor que ajamos direito, e é melhor que obtenhamos toda a ajuda que pudermos.